

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LETRAS

A POSIÇÃO DO ADJETIVO NA LOCUÇÃO NOMINAL
EM PORTUGUÊS

Dissertação submetida à Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mes -
tre em Letras, área de Lingüística.

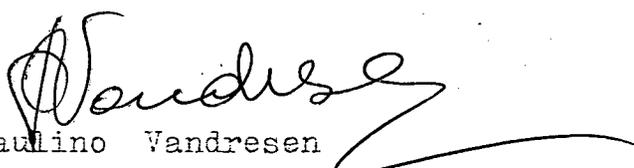
MARIA GLEI FERREIRO FARIAS

Janeiro - 1977

Esta dissertação foi julgada adequada para a
obtenção de grau de

MESTRE EM LETRAS

e aprovada em sua forma final pelo orientador
e pelo Programa de Pós-Graduação.

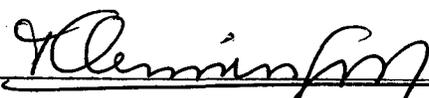

Prof. Paulino Vandresen
- Orientador -

Profª Doloris Ruth Simões de Almeida
- Coordenadora -

Banca Examinadora:


Prof. Paulino Vandresen


Profª Maria Marta Furlanetto


Profª Teresinha Cenning Michels

O F E R E C I M E N T O

Ao meu marido

A G R A D E C I M E N T O S

- Ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFSC, sua coordenadora, meus professores e colegas de curso.
- À Universidade Estadual de Maringá, por ter possibilitado a realização do curso de pós-graduação e a elaboração deste trabalho.
- A meus colegas e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, pelo interesse e incentivo demonstrados pelo meu trabalho.
- Um agradecimento muito especial ao professor Dr. Paulino Vandresen, pelo estímulo constante e pela sábia e paciente orientação, não só durante a elaboração deste trabalho, como também durante todo o curso de pós-graduação.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - A GRAMÁTICA TRADICIONAL E O ESTRUTURALISMO ..	5
1.1 - A Gramática Tradicional	5
1.1.1 - Sentido real, material / Sentido figura- do, imaterial	5
1.1.2 - A entonação e a importância da in- formação	6
1.1.3 - Objetividade / Subjetividade	7
1.1.4 - Adjetivos restritivos / Adjetivos expli- cativos	9
1.1.5 - Casos particulares de colocação de adje- tivo	11
1.1.6 - Um substantivo e mais de um adjetivo	14
1.2 - O Estruturalismo	16
NOTAS DO CAPÍTULO I	24
CAPÍTULO II - A GRAMÁTICA GERATIVA TRANSFORMACIONAL	25
2.1 - Empiricismo e Racionalismo no Estudo da Lingua- gem	25
2.2 - Conceitos Básicos da Gramática Gerativa Trans- formacional	27
2.3 - Os Componentes da Gramática	29
2.3.1 - O subcomponente de base	29

2.3.2 - O subcomponente transformacional	3
2.4 - A Teoria Padrão e o Problema da Posição do Adjetivo	3
NOTAS DO CAPÍTULO II	3
CAPÍTULO III - PRIMEIRA HIPÓTESE : A Anteposição do Adjetivo é Condicionada por Traço(s) do Léxico ..	4
3.1 - Argumentos a Favor Desta Hipótese	4
3.2 - Traços Considerados para a Anteposição	4
3.3 - O Traço $\left[\begin{smallmatrix} + \\ - \end{smallmatrix} \text{ gradação} \right]$	4
3.4 - Inconvenientes desta Hipótese	5
NOTAS DO CAPÍTULO III	5
CAPÍTULO IV - SEGUNDA HIPÓTESE : A Anteposição do Adjetivo é Condicionada pela Estrutura Profunda da Frase	5
4. ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E RELATIVAS NÃO-RESTRITIVAS - ADJETIVOS RESTRITIVOS E ADJETIVOS NÃO-RESTRITIVOS	5
4.1 - Características dos Dois Tipos de Relativas e de Adjetivos	5
4.1.1 - Características semânticas	5
4.1.2 - Características fonológicas	6
4.1.3 - Características sintáticas	6
4.1.3.1 - O antecedente	6
a) O determinante da LN antecedente da sentença relativa	6
b) O antecedente é um nome próprio.	6

4.1.3.2 - Paráfrases	69
a) Sentenças relativas não-restritivas	69
b) As sentenças de adjetivos restritivos e não-restritivos ...	70
c) Possível valor circunstancial das sentenças relativas	70
4.1.3.3 - A negação	74
4.1.3.4 - A interrogação	75
4.1.3.5 - O subjuntivo	76
4.2 - Estrutura Profunda das Sentenças Relativas ..	77
4.2.1 - Sentenças relativas restritivas	79
4.2.2 - Sentenças relativas não-restritivas ...	84
4.3 - Evidências a Favor desta Hipótese	91
4.4 - Inconvenientes desta Segunda Hipótese	95
NOTAS DO CAPÍTULO IV	97
CAPÍTULO V - TERCEIRA HIPÓTESE : A Marcação no Léxico, a Estrutura Profunda da Frase e o Papel de Certa Transformação.	
Observações Especiais e Possíveis Aplicações do Trabalho	99
5.1 - As Condições para que se Aplique a Transformação de Extraposição do Adjetivo	99
5.2 - Observações Especiais e Possíveis Aplicações do Trabalho	104
5.2.1 - Um nome tendo como adjunto mais de um adjetivo	104
5.2.1.1 - Os adjetivos têm a mesma origem.	104
5.2.1.2 - Os adjetivos têm origens diferentes	105

5.2.2 - Problemas de concordância	106
5.2.2.1 - Adjetivos que acompanham mais de um substantivo	106
a) O adjetivo ocupa a posição pré- -nominal	106
b) O adjetivo ocupa a posição pós- -nominal	107
5.2.2.2 - Concordância siléptica	108
5.2.3 - Quando se processa a anteposição	109
5.2.4 - Aplicações práticas deste trabalho	109
NOTAS DO CAPÍTULO V	111
CONCLUSÃO	112
BIBLIOGRAFIA	115

SÍMBOLOS USADOS NO TRABALHO

/	Nas regras transformacionais, indicação de pausa. Sobre o vocábulo, marca de acentuação enfática.
?	Antes da frase significa que ela não é sinônima da outra frase considerada. Pode significar também que não pode ser gerada pela estrutura que está sendo considerada.
*	Sinal de agramaticalidade da frase.
(X)	O elemento X é opcional.
[+Y]	Sendo Y um traço lexical, o elemento assim marcado tem tal traço positivo.
[-Y]	Sendo Y um traço lexical, o elemento assim marcado tem tal traço negativo.
$\left\{ \begin{array}{l} X \\ Y \end{array} \right\}$	Ou X ou Y vai ocorrer.
X + Y	X é seguido de Y.
X \longrightarrow Y	X se reescreve como Y
X \Longrightarrow Y	X se transforma em Y
Adj	Adjetivo
Aux	Auxiliar
Cóp	Cópula
Det	Determinante
L Adj	Locução adjetiva
LN	Locução nominal
L Prep	Locução preposicional
LV	Locução verbal
N	Nome
Pred	Predicativo

Prep	Preposição
Pres	Presente
Pret	Pretérito
Pro	Pronome
Rel	Relativo
S	Sentença
T-apag	Transformação de apagamento
T-apo	Transformação de aposição
T-ext	Transformação de extraposição
T-obr	Transformação obrigatória
T-op	Transformação opcional
T-pausa	Transformação de pausa
T-rel	Transformação de relativização
V	Verbo

RESUMO

Partindo da constatação de que a ocorrência pré-nominal do adjetivo na função de adjunto adnominal não é um problema puramente estilístico em português, este trabalho procura apontar os fatos gramaticais relacionados com a possibilidade de certas locuções nominais terem o adjetivo antes do nome.

O desenvolvimento do trabalho é feito segundo a "teoria-padrão" da Gramática Gerativa Transformacional. Como se constata que os adjetivos ocorrem antepostos ao nome devido a uma transformação de extraposição, as hipóteses desenvolvidas nesta dissertação abordam os possíveis condicionamentos para que tal transformação se processe. Considera-se a possibilidade de haver traços lexicais que sejam esses condicionadores, em especial o traço $[+ \text{ gradação}]$. Considera-se a possibilidade de ser a estrutura profunda da frase que contém o adjetivo, uma sentença relativa restritiva ou relativa não-restritiva, a responsável pela impossibilidade ou pela possibilidade da aplicação da transformação de extraposição. Considera-se o problema dos adjetivos subcategorizados como $[+ \text{----} \text{L Prep}]$ como podendo ou não ocorrer antepostos, dependendo de uma transformação de apagamento da L Prep, que é seu complemento.

Conclui-se que para um adjetivo possa ocorrer anteposto é preciso que ele preencha os três requisitos:

- 1- Seja marcado no léxico com o traço $[+ \text{ gradação}]$.
- 2- Venha de uma sentença relativa não-restritiva.
- 3- Não tenha complemento no momento da aplicação da regra de extraposição.

Faz parte do trabalho um capítulo sobre as colocações da gramática tradicional e do estruturalismo a respeito do problema.

Outros problemas relacionados com a posição do adjetivo são rapidamente considerados, como alguns casos de concordância, por exemplo.

ABSTRACT

Having as its point of departure the observation that the occurrence of the pre-noun adjective, as opposed to the post-noun adjunct, is not merely a stylistic problem in Portuguese, this dissertation aims to point out some grammatical facts correlated with this occurrence in certain types of noun phrases.

This paper has been developed in accordance with the "pattern theory" of Generative Transformational Grammar. Since it has been observed that the placing of the adjective before the noun is due to a transformation by extra-position, the hypotheses developed in this work explore the possible conditioning factors through which this transformational process takes place. Three possible conditioners have been considered:

- 1- The presence of lexical features, especially [+ gradation].
- 2- The deep structure (D S) of the clause containing the adjectives whether it is part of a restrictive or a non-restrictive clause, determining the impossibility of the occurrence of an extra-positional transformation.
- 3- The problem of the adjective with the sub-classification [+-----P P] the possibility of its placement before the noun, depending on the deletion of the prepositional phrase which complements it.

It has been concluded that for an adjective to occur in a pre-noun position, it must fulfill three requisites:

- 1- The lexical feature must be [+ gradation].
- 2- It must come from a relative non-restrictive clause.
- 3- It must not have a complement, applying the rule of extra-position.

This study also includes a chapter on word order in traditional grammar and structuralism, as it relates to the position

of adjective in a noun phrase. Other pertinent problems are also briefly considered, notably certain cases of agreement.

INTRODUÇÃO

O problema que vamos abordar neste trabalho é o da posição que o adjetivo pode ocupar, em português, na função de adjunto adnominal. Entendemos aqui por adjetivo o que tradicionalmente tem sido chamado de adjetivo qualificativo; não incluímos portanto, neste estudo, o que as gramáticas tradicionais chamam de adjetivo determinativo, classe que inclui os demonstrativos, os possessivos, etc.

Vamos partir de uma série de enunciados em que ocorrem adjetivos, constatando que um adjetivo está sempre relacionado a um substantivo:

- 1.a. João é educado.
- 2.a. João estudou doente.
- 3.a. Vi as crianças alegres.
- 4.a. João considera Pedro inteligente.
- 5.a. A menina, comovida, não se afastava da sala.
- 6.a. O cenário florido da primavera encanta os nossos olhos.
- 7.a. A bandeira brasileira vinha à frente do batalhão.
- 8.a. Os professores elogiaram os alunos estudiosos.
- 9.a. João comprou uma pintura italiana renascentista.
- 10.a. João comprou uma pintura italiana belíssima.
- 11.a. João comprou quadros e vinhos italianos.

Em todos esses enunciados vemos que os adjetivos traduzem qualidades de seres nomeados pelos substantivos. Em 1.a., 2.a., 4.a., 5.a., 6.a. e 7.a. temos uma qualidade para um ser; em 3.a. e 8.a. temos uma qualidade para mais de um ser da mesma espécie; em 9.a. e 10.a. temos duas qualidades para um ser; 11.a. é ambígua: a qualidade tanto pode ser entendida como pertencendo a seres de espécies diferentes (os quadros são italianos e os vinhos também), como podem ser entendidos fazendo referência a mais de um ser da última espécie mencionada (apenas os vinhos são italianos).

Embora em todas as frases acima tenhamos adjetivos e substantivos relacionados, a relação entre eles não é mesma

em todas as frases. De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, teríamos o adjetivo nas funções de: predicativo em 1.a., 2.a., 4.a. e 5.a.; de adjunto adnominal em 6.a., 7.a., 8.a., 9.a., 10.a. e 11.a.. Em 1.a. o predicado se diz nominal e o adjetivo é predicativo do sujeito; em 2.a., 4.a. e 5.a. o predicado é verbo-nominal e o adjetivo é predicativo do sujeito em 2.a. e 5.a. e é predicativo do objeto em 4.a.. A frase 3.a. é ambígua: pode ser entendida como de predicado verbal, sendo o adjetivo um adjunto adnominal de crianças, e pode ser entendida como de predicado verbo-nominal, sendo alegres um predicativo do objeto.

Vemos que frases aparentemente semelhantes encobrem relações diferentes entre os seres e as qualidades que se afirmam ou negam a respeito deles. Focalizaremos neste trabalho o problema dos adjetivos que podem ocorrer tanto antes como depois do substantivo que acompanham como adjuntos, procurando uma formalização de sua ocorrência em posição pré-nominal. Entendemos que deve haver na mente do falante nativo de português uma sistematização de tal ocorrência, já que ele nunca se equivoca a esse respeito.

A impressão superficial que se tem ao comparar o português com outra língua, a inglesa, por exemplo, é de que à posição pré-nominal fixa do adjetivo em inglês corresponde, em nossa língua, uma completa liberdade de posição do adjetivo em relação ao substantivo que ele acompanha; vir o adjetivo antes ou depois do substantivo seria então uma questão puramente estilística em português: a preferência pessoal do falante, o estilo literário ou científico, o grau de formalidade do discurso, o uso oral ou escrito da língua, a emotividade do falante seriam os determinantes da anteposição ou da posposição do adjetivo. É fácil ver o engano dessa suposição. Se tentarmos dar ao adjetivo a posição pré-nominal nas frases acima em que ele ocorre como adjunto, teremos frases que qualquer falante nativo de português apontará ou como mal formadas, ou como não tendo o mesmo significado que as frases anteriores correspondentes, onde o adjetivo aparecia em posição pós-nominal:

3.b. Vi as alegres crianças.

6.b. O florido cenário da primavera encanta os nossos olhos.

- * 7.b. A brasileira bandeira vinha à frente do bata - lhão.
- 8.b. Os professores elogiaram os estudiosos alunos.
- * 9.b. João comprou uma italiana pintura renascentista.
- * 10.b. João comprou uma renascentista pintura italiana.
- * 11.b. João comprou italianos quadros e vinhos.

As frases 3.b., 6.b. e 8.b. são gramaticais; entretanto apenas a frase 6.b. é que conserva a mesma interpretação de sua correspondente com o adjetivo posposto, pois as outras duas têm agora apenas uma interpretação, enquanto com o adjetivo posposto podiam receber duas interpretações: na frase 3.a. o adjetivo pode ser entendido como se referindo a todas as crianças consideradas ou se referindo a um grupo de crianças apenas, as alegres. Com o adjetivo alegres anteposto a crianças se entende que ele se refere a todas as crianças consideradas e não pode ser entendido como se referindo a um grupo de crianças particularizado pelo adjetivo. A mesma diferença de interpretação se encontra entre as frases 8.a. e 8.b.. A frase 6.b. tem a mesma interpretação da frase 6.a. porque nas duas só há uma interpretação, visto que o adjetivo florido não pode se referir a um tipo de cenário da primavera, pois o cenário da primavera é suposto por todos sempre como florido.

As frases 7.b., 9.b., 10.b. e 11.b. são dadas como agramaticais, isto é, nestas frases não é possível a anteposição do adjetivo ao substantivo

Vemos que:

- 1- há adjetivos que nunca podem ocorrer antepostos ao substantivo, pois a anteposição torna a frase agramatical;
- 2- há adjetivos que podem se antepor ao substantivo, mas a interpretação da frase pode não ser a mesma que apresentaria a frase com o mesmo adjetivo posposto ao substantivo;
- 3- há adjetivos que tanto podem ocorrer antes como depois do substantivo, sem prejuízo para a gramaticalidade da frase ou para a interpretação dela.

Como a possibilidade de um adjetivo ocorrer antes do nome parece não oferecer qualquer dificuldade ao falante nativo de português de qualquer dialeto social, acreditamos que existem princípios que o orientem a este respeito. Esses princípios devem fazer parte da organização interna de sua língua e independem de uma disciplina gramatical imposta por aulas de língua portuguesa. Quais são esses princípios? Como eles atuam? Serão estas as indagações principais a que procuraremos responder.

Além desta introdução e da conclusão, o trabalho consta de cinco capítulos:

No capítulo I fazemos primeiramente recensão das lições de nossas gramáticas tradicionais sobre o assunto, depois tentamos dar ao problema uma abordagem estruturalista nos moldes do estruturalismo taxionômico. Nesses enfoques mostramos as dificuldades apresentadas por um e outro tipo de tratamento (o da gramática tradicional e o do estruturalismo taxionômico), justificando a procura de solução numa abordagem de orientação gerativa transformacional.

No capítulo II apresentamos os principais postulados da teoria gerativa transformacional padrão, sob cuja orientação desenvolveremos o trabalho.

Nos capítulos III, IV e V desenvolvemos as hipóteses, à procura da melhor sistematização sobre a ocorrência do adjetivo em posição pré-nominal.

O capítulo III desenvolve a primeira hipótese: a possibilidade de haver um traço lexical que permite ou bloqueia a ocorrência do adjetivo antes do nome.

O capítulo IV desenvolve a segunda hipótese: a estrutura profunda da frase que contém o adjetivo pode ser a responsável pela possibilidade de sua ocorrência pré-nominal.

O capítulo V desenvolve a terceira hipótese, que consiste numa combinação das duas primeiras e na apreciação da possibilidade de anteposição de adjetivos que têm complemento na estrutura profunda. O capítulo V trata ainda de alguns problemas relacionados com o da posição do adjetivo e de possíveis aplicações do trabalho.

CAPÍTULO I - A GRAMÁTICA TRADICIONAL E O ESTRUTURALISMO.

Apresentamos neste capítulo a abordagem feita por nossas gramáticas tradicionais e pelos estudiosos estruturalistas a respeito da posição do adjetivo como adjunto adnominal:

1.1- A Gramática Tradicional

Consultamos vários compêndios de estudiosos da língua portuguesa, da chamada gramática tradicional, à procura de ensinamentos sobre o assunto que nos preocupa. Os autores nos quais encontramos observações mais precisas sobre a posição do adjetivo foram: Antenor Nascentes⁽¹⁾, Carlos Henrique da Rocha Lima⁽²⁾, Celso Cunha⁽³⁾, Eduardo Carlos Pereira⁽⁴⁾, Evanildo Bechara⁽⁵⁾, Francisco da Silveira Bueno⁽⁶⁾, Júlio Ribeiro⁽⁷⁾, Gladstone Chaves de Mello⁽⁸⁾, Jeronymo Soares Barbosa⁽⁹⁾, Manoel de Rodrigues Lapa⁽¹⁰⁾, Manoel de Saíd Ali⁽¹¹⁾, Napoleão de Almeida⁽¹²⁾.

Podemos depreender algumas normas gerais apresentadas por estes gramáticos a respeito da anteposição do adjetivo:

1.1.1- Sentido real, material / Sentido figurado, imaterial

Para Silveira Bueno, os adjetivos qualificativos, quando empregados em seu sentido real, "material", devem estar depois do substantivo; quando empregados em sentido figurado, espiritual ou moral, devem preceder o nome.

O autor não deixa claro o que entende por sentido material, mas a julgar pelos exemplos dados pode-se entender por tais adjetivos os que expressam qualidades que podem ser percebidas pelos sentidos:

A generalização pretendida pelo autor não parece ser comprovada pelos fatos. O que acontece é uma liberdade maior de que desfrutam os adjetivos quando empregados em sentido figurado: os adjetivos empregados em sentido figurado podem e não devem antepor-se ao substantivo. Encontramos a todo passo exemplos de adjetivos com sentido material precedendo o substantivo e de adjetivos com sentido espiritual depois do substantivo:

19.a. Os verdes morros, as grandes casas, frias cascatas.

20.a. Um gosto inocente, papagaios ciumentos, simpatia poderosa.

Se o falante se dispuser a seguir como norma o que o autor preceitua, estará se arriscando a dar à sua linguagem uma rigidez que não lhe é própria e, o que é pior, poderá criar frases agramaticais, como:

* 21.a. A moral parte.

Outros autores⁽¹³⁾ também propõem como responsáveis pela anteposição ou posposição o fato de o adjetivo estar empregado em sentido figurado ou o fato de ele indicar aspectos exteriores dos seres, porém sem o dogmatismo de Silveira Bueno; dizem ser uma tendência. No entanto há casos em que nos defrontamos com verdadeiras proibições de antepor o adjetivo, como na frase 7.b.:

* 7.b. A brasileira bandeira vinha à frente do batelhão.

1.1.2- A entonação e a importância da informação

Said Ali subordina a posição do adjetivo à entonação oracional do português. Como o português é uma língua de ritmo ascendente, deve-se enunciar primeiro o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte. Por esse motivo, a posição do adjetivo em linguagem usual depende de ele trazer ou não uma informação nova: Em servir-se de doce açúcar o adjetivo ocorre anteposto porque é decorativo, vem apenas recordar ao

ouvinte a qualidade essencial do açúcar; por isso não se deve dizer servir-se de açúcar doce, pois seria pleonasma.

Usa-se o adjetivo posposto ao substantivo, ou como informação nova para o ouvinte, ou como delimitação do sentido vago do substantivo. Os exemplos são de Saïd Ali:

"Trazia uma argola no braço esquerdo".

"Tinha os cabelos compridos".

Tentaremos conciliar este critério com o que será apresentado em 1.1:4 :

1.1.3- Objetividade / Subjetividade

Para Celso Cunha, sendo o adjetivo um termo acessório, de acordo com a seqüência progressiva do enunciado lógico, vindo depois do substantivo possui valor objetivo: dia triste, homem bom, campos floridos; vindo antes do substantivo assume um valor subjetivo: triste dia, bom homem, floridos campos.

Sobre alguns adjetivos Celso Cunha traz uma observação que, embora não tenha sido utilizada por ele para focalizar este problema de posição, nos parece interessante transcrever aqui:

"Por vezes o adjetivo marca apenas uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. Assim, em "nota mensal", "casa paterna", "perfume francês", relacionamos as noções de "nota" e "mês" (nota relativa ao mês), de "casa" e "país" (casa onde habitam os pais) e de "perfume" e "França" (perfume procedente da França). De regra, esses adjetivos não admitem graus de intensidade. Uma nota não pode ser mais mensal, nem uma casa muito paterna, nem um perfume muito francês". (14)

Transcrevemos aqui esta passagem porque no desenvolvimento deste trabalho nos preocuparemos com a distinção entre adjetivos que admitem a idéia de grau e adjetivos que não a admitem, relacionando-a com a posição do adjetivo.

Rocha Lima diz que o adjetivo meramente descritivo pospõe-se ao substantivo: homem gordo, livro grosso, água suja. A anteposição do adjetivo se verifica quando se pretende realçar o substantivo por meio de uma qualidade sobre a qual

se quer chamar a atenção. Cita Mattoso Câmara Júnior:

"É preferida (a anteposição) com adjetivos que exprimem qualidades morais ou físicas, dignas de admiração ou desprezo (bela, bom, etc), mormente em frases exclamativas: "Pedro é um bom menino". "Que bela paisagem!" "Que mesquinha vingança!" (15)

Antenor Nascentes também diz que o adjetivo posposto distingue pela razão um objeto de outro, enquanto o adjetivo anteposto atribui uma qualidade ao substantivo sob o império do sentimento:

Rodrigues Lapa diz:

"Podemos pois desde já enunciar esta regra de estilo português: quando o adjetivo está logo depois do substantivo, tende a perder o próprio valor e adquirir um sentido afetivo. Assim, "uma rapariga bela" pode não ser "uma bela rapariga", porque a primeira se distingue pela beleza física, a segunda pela beleza moral". (16)

Rodrigues Lapa mostra a oposição entre a anteposição do adjetivo, própria do poeta, e a posposição, que resulta da observação exata e impassível do homem comum. A subjetividade da expressão é que explica o motivo de "nas exclamações, nas crises de afetividade, em que se exprime a admiração, o êxtase, a mágoa, etc, o adjetivo se colocar, por via de regra, antes do substantivo. Exemplos: "Linda flor!" "Bela rapariga!" "Soberbo espetáculo!" "Triste vida!" (17)

O mesmo autor diz ainda que o adjetivo anteposto serve para exprimir qualidades primitivas, geralmente consagradas: grave acidente, prudente reserva, sábio professor, etc.

Embora se reconheça intuitivamente uma subjetividade maior na anteposição do adjetivo, é um critério bastante vago para poder ser tomado como regra. Além disso, é preciso não esquecer que existem outros recursos para indicar a subjetividade da expressão, conservando o adjetivo posposto, como o prolongamento da sílaba tônica, por exemplo: Que vingança mesquiiiiinha!

O fato parece ser deixado, portanto, ao domínio da estilística.

Como o problema da posição do adjetivo não parece ser apenas estilístico, mas gramatical muitas vezes, a oposição entre objetividade e subjetividade não explica todos os

casos de posposição e anteposição:

1.1.4- Adjetivos restritivos / Adjetivos explicativos

Alguns autores usam a classificação de adjetivos em restritivos e explicativos para abordar o problema da posição que o adjetivo deve ocupar na locução nominal. A primeira explicação que encontramos para tal classificação foi na Gramática Philosophica, de Soares Barbosa.

Explicativo - é o adjetivo que desenvolve uma idéia essencial do substantivo, já incluída na idéia do mesmo: Homem racional. Não acrescenta à significação de seu substantivo idéia alguma nova, apenas desenvolve a que o substantivo contém em sua noção, ainda que confusamente:

Restritivo - é o adjetivo que ajunta à idéia do substantivo uma qualidade accidental que a mesma idéia não compreendia e por isso a limita e reduz a uma classe menor; o autor compara homens razoados com homens racionais. Os restritivos acrescentam ao substantivo uma idéia nova, não compreendida na sua significação, pela qual fica restringida a um número menor de indivíduos. Compara Deus é justo (explicativo) com homens justos (restritivo). A este respeito faz ainda as seguintes considerações:

a) Os adjetivos que modificam nomes próprios, ou já individuados por determinativos pessoais e demonstrativos, nunca podem ser restritivos; são sempre explicativos de alguma qualidade existente nos mesmos indivíduos. Por exemplo: Deus justo castiga os ímpios; Esta terra, que habitamos, é redonda.

b) O adjetivo aposto a um nome equivale a uma oração relativa ou explicativa, ou restritiva; quando ele é explicativo, pode-se resolver por uma proposição com a causal porque; quando é restritivo pode-se resolver por outra proposição, porém com as conjunções restritivas se, quando: Deus justo castiga os maus - Deus, porque é justo, castiga os maus. O homem justo dá a cada um o que é seu - O homem, quando é justo, dá a cada um o que é seu.

c) O adjetivo explicativo, ou a proposição em que se resolve, pode ser tirado da oração sem prejuízo de sua verdade. O adjetivo restritivo não pode ser tirado: Deus castiga os maus, mas não O homem dá a cada um o que é seu.

d) Quanto à posição do adjetivo, diz o seguinte : os adjetivos explicativos podem ocorrer antes ou depois dos substantivos, enquanto os restritivos devem ocorrer depois do substantivo, pois a restrição supõe d'antes a coisa que se restringe. Posso dizer o rico Lúculo, Lúculo o rico, a inconstante fortuna ou a fortuna inconstante, pois os adjetivos rico e inconstante são explicativos nessas frases. Ocorrendo antes do nome o adjetivo, o substantivo será tomado em um sentido individual. Em o homem rico entendemos todo homem que é rico; em o rico homem entendemos que se trata de um certo homem rico.

Em Eduardo Carlos Pereira encontramos a mesma classificação de adjetivos de Soares Barbosa usada para explicar a posição do adjetivo na locução nominal. Diz que o adjetivo explicativo indica uma qualidade já intrínseca, própria, inerentemente existente no substantivo: pedra dura, brasa quente, neve branca. O adjetivo restritivo menciona qualidade que pode existir ou deixar de existir no substantivo: homem branco, homem bom, etc. Segundo o autor há uma tendência de se colocar o adjetivo antes, se ele for explicativo e depois, se ele for restritivo.

A distinção entre adjetivos restritivos e adjetivos explicativos é valiosa, mas não parece muito clara a diferença entre eles. Os exemplos dados são sempre declarações de verdades ontológicas: Deus é justo, A Terra é redonda. É necessário separar esses exemplos, em que a qualidade expressa pelo adjetivo é inerente ao ser nomeado pelo substantivo, de outros exemplos de adjetivos explicativos em que está envolvido um conhecimento anterior por parte dos interlocutores de que a qualidade expressa pelo adjetivo pertence ao ser que o substantivo nomeia. Aliás, o próprio Soares Barbosa nos dá um exemplo disso quando considera como explicativo o adjetivo rico em o rico homem porque se entende como um certo homem rico, enquanto considera rico restritivo em o homem rico porque aí

se entende como todo homem que é rico. Ora, não sendo a idéia de riqueza essencial à idéia de homem, o adjetivo rico não poderia ser explicativo se apenas se considerassem para tal classificação conceitos ontológicos. O que se entende desse exemplo é que não é o conceito ontológico de homem que está envolvido e sim o conhecimento que o falante tem de certo homem e de sua riqueza.

Observando as considerações sobre a oposição entre adjetivos restritivos e explicativos, podemos chegar às seguintes conclusões:

1- O adjetivo não é restritivo ou explicativo em si mesmo, mas na frase, dependendo do substantivo que ele acompanha, pois essa classificação envolve ou a inerência da qualidade atribuída pelo adjetivo ao substantivo, ou o conhecimento que o falante tem de determinado ser como possuindo ou não tal qualidade. Compare-se o adjetivo justo em homem justo e Deus justo.

2- Podemos conciliar o critério 1.1.4 com o critério 1.1.2 sobre o problema da posição do adjetivo: O adjetivo restritivo é o que traz informação nova e de relevância para o ouvinte; portanto, deve vir depois do substantivo. O adjetivo explicativo traz uma qualidade que já é conhecida como sendo do ser nomeado pelo substantivo. A diferença entre 1.1.2 e 1.1.4 é que o primeiro focaliza o aspecto psicológico da comunicação, enquanto o segundo focaliza o aspecto lógico da língua.

3- Soares Barbosa mostra equivalência entre adjetivos restritivos e adjetivos explicativos e orações restritivas e explicativas. Essa equivalência será abordada no desenvolvimento deste trabalho, quando se procurará mostrar uma possível validade da distinção entre adjetivos restritivos e explicativos para justificar a sua posição antes ou depois do substantivo.

1.1.5- Casos particulares de colocação do adjetivo

Além das linhas gerais das orientações quanto à

posição do adjetivo, há ainda vários casos particulares de anteposição ou posposição de que tratam quase todos os autores consultados: (18)

Pospõem-se:

a- Os adjetivos que têm complemento: Ensinamentos úteis à mocidade.

b- Os adjetivos que indicam características muito salientes do substantivo como forma, cor, dimensão e estado : Mese redonda, rapaz alto, criança anêmica, cabelos castanhos.

c- Os adjetivos gentílicos: terra brasileira.

d- Os adjetivos derivados de nomes próprios: A obra machadiana.

e- Os adjetivos que indicam uma categoria numa espécie designada pelo substantivo: avenida asfaltada, água mineral, deputado federal.

f- Alguns adjetivos, de acordo com o uso: mão direita, código civil, deputado federal.

g- Os adjetivos que formam nomes compostos: cirurgião-dentista, carta-expressa, carne-seca.

Antepõem-se:

a- Os adjetivos que acompanham nome próprio: O grande Camões. Porém, quando se quer salientar o atributo, pode-se pospor o adjetivo, vindo geralmente acompanhado de artigo: Alexandre, o Grande; Felipe, o Belo; Carlos Magno.

b- Alguns adjetivos, de acordo com o uso: alto comércio, alto e baixo espiritismo, grande e pequeno cirurgião, extrema-uncão.

c- Os superlativos relativos: o melhor, o pior, o menor.

d- Os adjetivos mero, meio

e- Certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivo: bom dia, má hora.

Observações quanto a esses casos particulares

1- Quanto à posposição dos adjetivos que têm complemento nominal: É preciso notar que, se o complemento não

está expresso na frase, embora se saiba que o adjetivo o admite, podemos ter a anteposição:

12.a. Ouvimos os úteis ensinamentos.

2- O caso c de posposição pode-se enquadrar no caso e de posposição. Porém, qual o motivo de não se considerar certos adjetivos como feio, inteligente, designando categorias de uma espécie, em frases como:

13.a. Meninos feios, alunos inteligentes.

3- Quanto ao caso d de posposição: só é verdadeiro quando o adjetivo se refere diretamente ao nome próprio e não todas as vezes que for derivado de nome próprio, pois os nomes próprios podem dar origem a adjetivos que passam a designar certas qualidades que, com o passar do tempo, podem até ter apagada a sua motivação no nome próprio que lhe deu origem. Comparemos 14.a. e 15.a. :

14.a. O poema camoniano = "O poema de Camões"

15.a. Os operários assistiram angustiados às dantencas cenas.

4- Quanto à justificativa do uso: é preciso separar os exemplos em que realmente o hábito determina a posição pré-nominal ou pós-nominal, mas que admitem também a outra construção (por exemplo: espiritismo alto, pensador livre, etc) dos exemplos em que o uso simplesmente repete a regra, não sendo possível a outra construção (por exemplo: mão direita, código civil, deputado federal, etc.) O mesmo se observe nos casos c, d e e de anteposição e g de posposição.

5- Quanto à anteposição com nomes próprios: convém notar que o caso parece ser mais complexo, pois os autores admitem a posposição também, quando se quer salientar o atributo, mas nesse caso também se pospõe ao substantivo próprio o artigo. Sendo um comportamento diferente do da simples posposição que se verifica com outros nomes, é preciso buscar uma outra explicação para esses casos, o que tentaremos fazer no desenvolvimento deste trabalho.

1.1.6- Um substantivo e mais de um adjetivo

Ainda com respeito à posição do adjetivo no grupo nominal, procuramos nas gramáticas observações sobre os casos em que um substantivo é acompanhado por mais de um adjetivo e só em Eduardo Carlos Pereira é que encontramos a seguinte norma:

"Dois adjetivos referentes a um substantivo admitem a intercalação do substantivo, quando um deles forma com o substantivo um grupo nominal, sobre o qual recai ou pode recair a modificação do outro. Por exemplo:

"Ilustre escritor português" = ilustre + escritor português.

"Formoso cavalo tordilho" = formoso + cavalo tordilho.

"Valentes soldados brasileiros", "bela música italiana, "sábias leis manuelinas":

"A intercalação nessas frases é de rigor e só deixa de ser quando a modificação do outro adjetivo pode deixar de recair sobre o grupo:

"A larga senda dolorosa" ou "A senda larga e dolorosa".

"A bela canção popular ou "A canção bela e popular". (19)

Vemos que não há muita clareza na exposição do autor: O que significa "um grupo nominal sobre o qual pode recair a significação do outro adjetivo"? Pelos exemplos dados, qualquer dos adjetivos poderia formar com o substantivo o grupo nominal e, de acordo com a regra, qualquer um deles poderia se antepor ao substantivo, o que não é verdade:

- * 16.a. Português escritor ilustre, tordilho cavalo formoso, italiana música bela, manuelinas leis sábias.

Além disso, parece não haver o rigor que o autor pretende na intercalação do substantivo, sendo também aceitáveis e gramaticais as construções:

- 17.a. Escritor português ilustre, cavalo tordilho formoso, música italiana bela, leis manuelinas sábias.

Nossos gramáticos se preocuparam, como vemos, com o problema da posição do adjetivo como adjunto adnominal e procuraram apresentar regras de caráter normativo a esse respeito.

Entretanto, apesar de muitas observações interessantes, as soluções apresentadas não satisfazem por serem parciais ou pouco claras. Não acreditamos que um falante possa se servir exclusivamente delas para se orientar quanto ao problema da posição do adjetivo. Parecem-nos mais fortes as colocações feitas em 1.1.2 e 1.1.4, já tendo sido refutadas com exemplos contrários as colocações feitas em 1.1.1 e 1.1.3. Deixamos para discutir agora 1.1.2 e 1.1.4, que no fundo têm o mesmo sentido, e alguns aspectos de 1.1.5.

Dizemos que 1.1.2 e 1.1.4 têm o mesmo sentido porque explicativo seria o adjetivo que não traz informação nova e por este motivo pode ocorrer anteposto ao substantivo; é restritivo o adjetivo que delimita o significado geral do substantivo a uma classe dele, trazendo portanto uma informação nova.

Já abordamos o problema de só se saber se o adjetivo é explicativo ou não, se traz ou não informação nova, na frase: a qualidade é ou não é inerente a determinados substantivos; o conhecimento dos seres nomeados pelo substantivo é que pode tornar um adjetivo explicativo.

Há adjetivos que, embora sejam explicativos, não podem vir antepostos. Veja-se a frase:

* 18.a. Este brasileiro cavalo ganhou a corrida.

Se considerarmos especialmente o fato de o adjetivo trazer ou deixar de trazer informação nova, veremos que ele não explica a agramaticalidade da anteposição do adjetivo na frase 19.b.:

19.a. Compramos vestidos bonitos e vestidos feios. Os vestidos feios nós revendemos.

* 19.b. Compramos vestidos bonitos e vestidos feios. Os feios vestidos nós revendemos.

Informação nova parece não existir em 18.a. e 19.a.; de acordo com Soares Barbosa, em 18.a. o adjetivo brasileiro é explicativo, pois o significado de cavalo já está restringido pelo demonstrativo este. Entretanto, em nenhuma das duas frases é possível a anteposição.

Quanto ao problema do uso como determinando a po -

sição do adjetivo: Já observamos a necessidade de se ver quando o uso apenas retrata uma preferência consagrada, sendo a outra construção também admissível. É preciso convir, porém, que existem realmente alguns poucos adjetivos que têm a sua posição fixada pelo uso, especialmente aqueles que têm significado diverso conforme estejam antepostos ou pospostos ao substantivo, como: pobre, grande, simples, etc.

20.a. João é um homem pobre.

20.b. João é um pobre homem.

21.a. João é um grande jogador.

21.b. João é um jogador grande.

22.a. João é um simples funcionário.

22.b. João é um funcionário simples.

No desenvolvimento deste trabalho veremos como a colocação feita sobre adjetivos restritivos e explicativos será aproveitada numa abordagem gerativa transformacional:

1.2- O Estruturalismo

São poucos os trabalhos de que dispomos de abordagem estruturalista sobre o português. Dos autores consultados depreendemos as observações que apresentamos a seguir.

Mattoso Câmara não chega a tratar do problema sintático em seu livro específico sobre a estrutura da língua portuguesa. No verbete Constituintes de seu Dicionário de Filologia e Gramática chama a atenção para a diferença entre uma seqüência de coordenação de dois ou mais adjetivos e uma seqüência de adjetivos em ordem sucessiva:

"Às vezes, dois ou mais adjetivos não são uma seqüência de coordenação junto ao substantivo, mas constituintes em ordem sucessiva; isto se assinala pela falta de pausa entre eles (e na escrita falta de vírgula) ou pela anteposição de um em face de posposição do outro (ex: a) olhos femininos encantadores, b) encantadores olhos femininos); Daí resulta um valor gramatical para a anteposição do adjetivo ao substantivo em certos casos. (20)

Observamos que ele reconhece um valor gramatical, não puramente estilístico, à posição do adjetivo em relação ao

substantivo, em certas frases; não esclarece, entretanto, qual o valor da anteposição, isto é, qual dos dois adjetivos é que deve vir anteposto. Pelo seu exemplo concluímos que deve ser o último, sendo a análise em constituintes feita assim:

olhos femininos encantadores
 olhos femininos / encantadores
 olhos // femininos / encantadores

No caso de adjetivos em sequência de coordenação, a análise seria feita assim:

olhos femininos, encantadores
 olhos / femininos encantadores
 olhos / femininos // encantadores

Se considerarmos uma sequência de dois adjetivos numa frase, veremos que nem sempre que não há pausa entre os dois, podemos antepor ao substantivo o último adjetivo. Veja - mos as frases 23.a. e 23.b. :

23.a. Ele prefere os olhos femininos claros.

23.b. Ele prefere os claros olhos femininos.

A frase 23.b. não é sinônima de 23.a. : Em 23.a. se entende que entre olhos femininos claros e olhos femininos escuros há uma preferência pelos claros. Em 23.b. parece não haver qualquer preocupação em relacionar os olhos claros com olhos escuros, simplesmente se enuncia uma qualidade, a de serem claros os olhos femininos.

Com respeito à posição de um único adjetivo em relação ao substantivo, diz que a ordem direta é a do adjetivo posposto ao substantivo, de acordo com a ordem direta do sintagma em português, que determina a colocação do determinante depois do determinado. Aponta a possibilidade de uma colocação estilística em desacordo com a colocação normal, exemplificando com uma frase de Bilac: "A azul Vupubaçu beija-lhe as verdes faldas." Sobre o problema da posição do adjetivo, diz ainda:

"Em referência ao nome adjunto adjetivo, criou-se até uma oposição entre a intenção afetiva e a descritiva, correspondendo à colocação de certos adjetivos, respectivamente, antes ou depois de seu

substantivo (ex.: "pobre rapaz", isto é, "digno de lástima", mas — "rapaz pobre", isto é, "sem riqueza". (21)

Leodegário A. de Azevedo Filho, sob o tópico geral Colocação considera a ordem do sintagma determinado-determinante, como responsável pela ordem normal em português substantivo-adjetivo. Mas diz que é possível uma anteposição estilística do adjetivo: verdes mares. Em grande homem o adjetivo tem valor conotativo, em oposição ao valor denotativo do adjetivo em homem grande. (22)

Cidmar Pais (23) deixa a oposição entre a anteposição e a posposição do adjetivo por conta do realce subjetivo da anteposição: suave recordação dos amores passados, em oposição à adjetivação externa, mais objetiva: uma rua comercial, o clima intelectual.

José Rebouças Macambira (24) também deixa o problema por conta do estilo, dizendo que a ordem direta é: substantivo-adjetivo, mas pode ser quebrada na esfera do estilo. Exemplifica:

"Filho meu, neste ameno recanto recobrei a perdida Fé, diverso estilisticamente de "Meu filho, neste recanto ameno recobrei a Fé perdida".

Cita outros exemplos, chamando atenção para o fato de o português admitir a variante posicional de efeito estilístico, o que não acontece em inglês:

- a) férias inesquecíveis ou inesquecíveis férias;
- b) noite interminável ou interminável noite;
- c) livro precioso ou precioso livro".

Reconhece que às vezes a posição altera a significação: menino pobre-pobre menino; ou empresta colorido literário: a vida humana - a humana vida.

Estamos vendo que estes autores estruturalistas só abordaram o problema da anteposição do adjetivo do ponto de vista estilístico, com exceção de Mattoso Câmara, que aponta o valor gramatical da anteposição no caso de seqüência de adjetivos não coordenados. Ficamos com a impressão de que qualquer adjetivo pode ocorrer anteposto em português, como um recurso estilístico. Não é o que mostram os fatos da língua. As frases acima são agramaticais devido à anteposição do adjeti-

VO:

- * 24.a. O brasileiro menino venceu a prova de natação.
- * 25.a. Havia um menino alegre e um menino tristonho competindo, mas o alegre menino venceu a prova.

Deixando o problema no plano gramatical e não estilístico, Eurico Back e Geraldo Mattos tratam do problema que nos interessa. Apresentam sete classes de adjetivos: demonstrativos, possessivos, cardinais, ordinais, qualificativos, especificativos, pátrios. Vamos nos interessar pelas três últimas classes, que correspondem ao que estamos tratando neste trabalho como adjetivos, os tradicionalmente chamados adjetivos qualificativos:

Especificativos -- são os primeiros após o núcleo. Exemplos: político, financeiro, econômico, civil, militar, oriental, ocidental, universal, etc.

Pátrios - são os adjetivos que vêm em segundo lugar depois do núcleo. Exemplos: brasileiro, curitibano, argentino, carioca, etc.

Qualificativos - ocorrem antes do núcleo ou como último adjetivo depois do núcleo. Exemplos: bom, alto, útil, estudioso, grande, verde, etc.

Há adjetivos polivalentes, isto é, que podem pertencer a mais de uma classe, como o adjetivo romântico, que pode se apresentar como especificativo ou qualificativo, como exemplificam as frases:

Poesia romântica brasileira. (especificativo)

Rapaz brasileiro romântico. (qualificativo)

Para classificarmos um adjetivo polivalente como especificativo ou qualificativo nos orientaríamos pela sua posição na locução substantiva e pela admissão da presença de muito, completamente, antes dele: são qualificativos os adjetivos que admitem a presença de tais vocábulos e são especificativos os que não a admitem. A poesia é romântica ou não é (tratando-se da escola romântica, na literatura), não pode ser muito romântica; o rapaz pode ser muito ou pouco romântico.

Reproduzimos a seguir o quadro de ocorrências apresentado pelos autores com omissão de alguns exemplos, para simplificar:

Qualificativo	Núcleo	Especificativo	
Falsa	experiência	histórica	
sólida	cultura	literária	
Qualificativo	Núcleo	Qualificativo	
Verdes	mares	bravios	
Intensa	colaboração	esparsa	
Núcleo	Especificativo	Qualificativo	
Expressão	lírica	veemente	
Qualificativo	Núcleo	Especificativo	Pátrio
Nova	nomenclatura	gramatical	brasileira

"Contudo, a subclasse dos qualificativos pode exercer duas funções distintas assinaladas pela ordem: antes do núcleo, será o adjunto nominativo explicativo, depois do núcleo será o adjunto nominativo restritivo; mas a subclasse do adjetivo é a mesma. O emprego como explicativo ou restritivo se rege por critério semântico: o explicativo não se refere a outro ou outros; o restritivo assinala a existência de outros, diferentes. Exemplo: Verdes mares bravios de minha terra natal. Todos os mares do Ceará são verdes; ou, na presença do escritor, não há outros mares, os azuis. Bravios: o escritor se dirige aos verdes mares bravios, dando a entender que há verdes mares tranquilos". (25)

Observações a respeito da classificação de Eurico Tech e Geraldo Mattos com respeito à posição do adjetivo:

1- O que diferencia um adjetivo qualificativo restritivo de um adjetivo especificativo? Segundo se deduz da exposição dos autores, é a posição, pois o qualificativo é o último adjetivo depois do núcleo. Vejamos as frases 26.a. e 27.a.

26.a. Eles castigaram as crianças pequenas malcriadas.

27.a. Eles castigaram as crianças malcriadas pequenas.

Qual dos dois adjetivos, malcriadas e pequenas, é o qualificativo e qual deles é o especificativo? Se nos orientar-

pela possibilidade de ocorrência de muito antes do adjetivo para classificá-lo como qualificativo, vemos que ambos admitem essa ocorrência. Portanto, ambos são qualificativos?

2- Os adjetivos pátrios, segundo os autores, devem ocorrer em segundo lugar depois do núcleo. Então, das frases abaixo, só seriam possíveis as frases a e não as frases b :

- 28.a. Rapaz romântico brasileiro.
- 28.b. Rapaz brasileiro romântico.
- 29.a. Problemas políticos brasileiros.
- 29.b. Problemas brasileiros políticos.

Parece-nos fugir à realidade da língua esta classe especial dos adjetivos pátrios, forçando-os a ocupar apenas uma dada posição. A agramaticalidade das sentenças b nem sempre é comprovada por falantes nativos. Veja-se a frase 30.a., onde a locução ocorre num contexto maior:

- 30.a. O ministro tratou de problemas brasileiros políticos e não de problemas brasileiros econômicos.

3- O adjetivo qualificativo posposto é sempre restritivo, segundo os autores. O exemplo dado: verdes mares bravios de minha terra natal, entretanto, não comprova o que eles afirmam. Nossa intuição e a de muitos falantes consultados dão a bravios um significado explicativo, ficando a restrição por conta de de minha terra natal, tanto que têm a mesma interpretação as frases 31.a., 31.b e 31.c.:

- 31.a. Verdes mares bravios de minha terra natal...
- 31.b. Mares verdes e bravios de minha terra natal...
- 31.c. Verdes e bravios mares de minha terra natal...

4- Só os adjetivos qualificativos, segundo os autores, podem ter a função de restritivo ou explicativo e o emprego como restritivo ou explicativo se rege por critérios semânticos. Ora, de acordo com o conceito dado pelos próprios autores para restritivo e explicativo, podemos também ter adjetivos pátrios e especificativos com as duas funções:

- 32.a. Este problema político é de fácil solução.
- 33.a. Este samba brasileiro fez muito sucesso.

Parece não haver dúvida de que político e brasileiro têm significado explicativo nas frases 32.a. e 33.a. .

A exposição de Bach e Mattos não dá uma solução satisfatória ao problema, especialmente se considerarmos:

1- O fato de que certos adjetivos, que eles chamam de explicativos, podem ocorrer antepostos ou pospostos:

34.a. Neste recanto ameno passei muitas horas de minha vida.

34.b. Neste ameno recanto passei muitas horas de minha vida.

2- O fato de certos adjetivos, que eles classificam como especificativos, também poderem ser explicativos e, no entanto, não poderem ocorrer antepostos:

35.a. Nesta via férrea não houve acidente.

* 35.b. Nesta férrea via não houve acidente.

O problema da posição do adjetivo parece envolver aspectos bastante complexos de significado. Por isso o enfoque estruturalista, que parte dos dados lingüísticos puramente, se mostra incapaz de explicar a ambigüidade de frases como 36.a., a qual admite duas interpretações:

36.a. O professor elogiou os alunos estudiosos desta classe.

A: "Todos os alunos desta classe são estudiosos e o professor os elogiou".

B: "O professor elogiou alguns alunos (não todos) desta classe, os que são estudiosos".

Uma análise em constituintes imediatos a partir do enunciado nos levaria ao mesmo resultado, com qualquer das duas interpretações:

O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe
O	professor	elogiou	os	alunos	estudiosos	desta	classe

Acreditamos que dificilmente chegaríamos a uma solução satisfatória do problema da posição do adjetivo, na linha de trabalho estruturalista, pelos próprios postulados científicos envolvidos nessa corrente lingüística. Tentaremos encontrar essa solução numa análise baseada nos princípios da gramática gerativa transformacional.

NOTAS DO CAPÍTULO I

- 1- Nascentes, 1964, p. 150
- 2- Rocha Lima, 1962, p. 286-287
- 3- Celso Cunha, 1972, p. 268-270
- 4- Pereira, 1919, p. 300; 1927, p. 82, p. 246
- 5- Bechara, 1973, p. 88; p. 322-323
- 6- Silveira Bueno, 1968, p. 376-378
- 7- Júlio Ribeiro, 1910, p. 245-246
- 8- Chaves de Mello, 1976, p. 366-367
- 9- Soares Barbosa, 1875, p. 95-97; p. 123-125
- 10-Lapa, 1959, p. 119-121
- 11-Said Ali, 1964, p. 198-200
- 12-Mendes de Almeida, 1963, p. 127; p. 409
- 13-Bechara, Celso Cunha, Júlio Ribeiro
- 14-Celso Cunha, p. 251
- 15-J. Mattoso Câmara Júnior, Elementos de Língua Pátria, 3ª série, p. 201
- 16-Lapa, p. 119
- 17-Lapa, p. 121
- 18-Sobre posposição:
 - a) Celso Cunha, Nascentes, Pereira, Silveira Bueno.
 - b) Celso Cunha, Pereira.
 - c) Silveira Bueno.
 - d) Júlio Ribeiro, Silveira Bueno.
 - e) Celso Cunha.
 - f) Mendes de Almeida, Pereira, Rocha Lima.
 - g) Silveira Bueno.
- Sobre anteposição:
 - a) Pereira.
 - b) Silveira Bueno.
 - c) Celso Cunha.
 - d) Silveira Bueno.
 - e) Celso Cunha.
- 19-Pereira, 1919, p. 300
- 20-Câmara, 1968, p. 99
- 21-Câmara, 1968, p. 84
- 22-Azevedo Filho, 1971, p. 107
- 23-Pottier, 1972, p. 15
- 24-Macambira, 1974, p. 303-304
- 25-Back e Mattos, 1972, p. 315

CAPÍTULO II - A GRAMÁTICA GERATIVA TRANSFORMACIONAL

2.1- Empiricismo e Racionalismo no Estudo da Linguagem

O aspecto revolucionário da lingüística gerativa transformacional se deve em parte a uma retomada, por Chomsky, da visão de linguagem de estudiosos que tinham sido desacreditados pela lingüística estruturalista (1). Pontos básicos de sua teoria vamos encontrar nas gramáticas filosóficas dos séculos XVII e XVIII, de orientação cartesiana, especialmente a Gramática de Port Royal (2) e nos estudos de Wilhelm von Humboldt, como: as observações sobre os universais lingüísticos, o aspecto criativo da linguagem, o inatismo da aquisição lingüística, a língua vista como um processo e não como um produto.

A orientação diversa que Chomsky imprime aos estudos lingüísticos, em relação aos estudos feitos pelos estruturalistas, se explica pela filosofia racionalista de ciência esposada por ele, em oposição ao empiricismo da lingüística taxonômica.

A concepção empiricista de ciência usa o método indutivo, que consiste basicamente em segmentar e classificar os dados da experiência, não se permitindo ao estudioso qualquer conclusão que não seja fundamentada nos dados. O cientista, a partir de dados reais, observados, vai fazendo generalizações sucessivas até chegar a proposições mais gerais. Quanto maior for a quantidade de evidências que a atestem como verdadeiras, maior a validade de uma teoria. Segundo Emmon Bach (3), as noções básicas do método estruturalista são: verificação, indução, fundamentação.

O procedimento rigorosamente estruturalista em lingüística é o seguinte:

- 1- Registrar um corpus o mais representativo possível da língua.
- 2- Segmentar os enunciados do corpus nos diferentes níveis.
- 3- Inventariar as formas obtidas.

4- Classificar as formas e os enunciados.

O cientista estruturalista deve proceder de maneira quase mecânica, evitando qualquer intervenção subjetiva. Nada deve aparecer na sua descrição da língua que não seja diretamente induzido dos dados.

A concepção racionalista de ciência enfatiza a natureza criadora da descoberta científica. O cientista se desapega dos dados para se arriscar a hipóteses que deverão ser formalizadas com precisão e elegância e propiciarão, não só a explicação de fatos conhecidos, como a previsão de novos fatos. O método usado é o dedutivo. Aceita-se a intuição do cientista para a formulação de hipóteses a partir de um número limitado de dados. O julgamento de valor de uma teoria, segundo Karl Popper, citado por Ruwet (4), depende menos de uma comprovação por um maior ou menor número de dados, que de outros critérios, como: coerência interna, seu valor explicativo, sua coerência com hipóteses de disciplinas afins, sua simplicidade e elegância.

Com Chomsky, a lingüística deixa de se contentar com a catalogação de elementos, a simples reorganização dos dados da experiência, para buscar objetivos mais ambiciosos: a explicação dos fatos lingüísticos e a compreensão da própria essência da linguagem. A língua deixa de ser vista como uma coisa já pronta, para ser entendida como um processo. O lingüista deve buscar a compreensão desse processo, tal como ele se passa na mente do falante: deve entender o mecanismo que faz com que o falante compreenda e produza frases novas, que ele nunca ouvira anteriormente. Cabe ao lingüista elaborar hipóteses que explicitem esse mecanismo. Essas hipóteses, se forem rejeitadas pelos fatos, serão reformuladas e se aceitará a hipótese que for mais explicativa.

É o aspecto criativo, já apontado pelos cartesianos, que particularmente leva a uma abordagem racionalista da linguagem. É o aspecto criativo que faz conceber a linguagem como não podendo ser adquirida apenas por associações tipo estímulo-resposta. Aprender uma língua não é memorizar listas de frases ou de morfemas. Muito mais que isso, é dominar um complexo sistema de regras que permite sempre a criação de frases

novas. O papel do lingüista ao empreender a descrição de um sistema lingüístico é semelhante ao do aprendiz de uma língua, quer seja a língua materna, quer seja uma segunda língua: ambos formulam hipóteses a respeito da língua e, em confronto com os dados, essas hipóteses serão aceitas ou serão reformuladas.

A criança, ao aprender a língua, consegue fazê-lo com admirável rapidez e eficiência numa idade em que é ainda incapaz de outras tarefas menos complexas. Isto acontece porque, como ser humano que é, a criança traz uma aptidão especial para a aprendizagem lingüística. Por isso, independente da pouca ou muita atenção que se dispense em seu ambiente ao ensino da língua, ela aprenderá a falar. Ela formula hipóteses a respeito do sistema lingüístico particular ao qual ela será exposta, pois as estruturas básicas ela já traz inatas. (5)

Assim entendida a linguagem, devemos compreender que as línguas todas, por trás de uma grande diversidade, apresentam muita coisa em comum. O objetivo supremo da lingüística é alcançar esses universais lingüísticos. Para os estruturalistas isto soa como uma heresia científica, já que eles concebem cada sistema lingüístico como uma realidade única.

2.2- Conceitos Básicos da Gramática Gerativa Transformacional

Vejamos alguns conceitos básicos da teoria de Chomsky.

Gramática é entendida como um mecanismo finito capaz de gerar um número infinito de frases. A gramática deve gerar todas e somente as frases gramaticais da língua.

Competência é o domínio que o falante tem de sua gramática. A competência lhe permite: criar e entender frases novas; separar as frases gramaticais das frases agramaticais; apontar diferenças de significado entre frases aparentemente iguais; atribuir significados semelhantes a frases aparentemente diversas.

Desempenho é a maneira pela qual a competência é posta em uso. A competência determina o desempenho, mas este é também influenciado por outros fatores, como: memória, grau de atenção, estado de espírito do falante, etc. (6)

O estudo da competência consiste na elaboração de teorias sobre o conhecimento lingüístico do homem. O estudo do desempenho tenta explicar alguns aspectos do comportamento do homem, quando ele faz uso de sua competência. Assim, entende-se uma gramática como um conjunto de hipóteses sobre o conhecimento que o falante possui da língua. O lingüista deve explicitar a gramática internalizada pelo falante. Uma gramática gerativa só pode ser uma gramática da competência; ela não pretende ser uma descrição dos comportamentos lingüísticos reais, múltiplos e variados como eles se apresentam.

As noções de gramaticalidade e aceitabilidade estão associadas aos conceitos de competência e desempenho. Uma frase é gramatical se ela é bem formada, se ela está de acordo com o que a competência do falante aponta como podendo ser gerada por sua gramática. Uma frase é agramatical se ela não for reconhecida como podendo ser gerada pela gramática da língua.

O conceito de gramaticalidade diz respeito diretamente à competência, enquanto o de aceitabilidade se relaciona com o desempenho.

Uma frase gramatical pode ser ou não ser aceitável. Assim, uma frase gramatical pode não ser aceitável por sua extensão ou complexidade. Por exemplo:

37.a. A senhora que comprou a casa que era do homem que comprou o sítio que era de meu tio que morreu o ano passado é sua prima.

Uma frase agramatical pode ser ou não ser aceitável. Frequentemente, em situações reais de comunicação, iniciamos frases que não se completam porque fatores extralingüísticos, como o contexto físico-social, fazem com que elas sejam compreendidas. São frases aceitáveis em contextos determinados, mas agramaticais.

O livro de Chomsky que causou impacto sobre a lingüística estruturalista, pela orientação mentalista que propunha, foi Syntactic Structures, publicado em 1957. A teoria en-

tão proposta passou por várias reformulações, sendo adotada neste trabalho o que se convencionou chamar de teoria padrão. A teoria padrão compreende as reformulações propostas por Katz e Postal em An Integrated Theory of Linguistic Descriptions, em 1964, e pelo próprio Chomsky em Aspects of the Theory of Syntax, em 1965.

2.3- Os Componentes da Gramática

A gramática compreende três componentes: o componente sintático, o componente fonológico e o componente semântico. Os componentes semântico e fonológico são interpretativos, enquanto o componente sintático é o componente gerativo. O componente sintático é que permite estabelecer a relação entre o conteúdo semântico da frase e sua forma fonética.

O componente sintático compreende dois subcomponentes: o subcomponente de base e o subcomponente transformacional.

2.3.1- O subcomponente de base

O subcomponente de base compreende duas partes: as regras de estrutura frasal e o léxico.

As regras de estrutura frasal desenvolvem um elemento em um ou em mais de um elemento. São regras do tipo:

$A \longrightarrow B$ (Leia-se: A se reescreve como B)

Cada símbolo à esquerda da seta é reescrito em um ou mais de um símbolo à direita da seta. Em seguida cada símbolo à direita é colocado à esquerda da seta e uma nova regra indica a sua reescritura.

As regras que usaremos neste trabalho são as seguintes:

$$R.1. \quad S \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} e \\ ou \\ LN + LV + (L \text{ Prep}) \end{array} \right\} S_n$$

$$R.2. \quad LN \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} LN + S \\ (Det) + N + (S) \end{array} \right\}$$

$$R.3. \quad LV \rightarrow Aux + \left\{ \begin{array}{l} V (LN) (L \text{ Prep}) (L \text{ Prep}) \\ Cóp. + Pred \end{array} \right\}$$

$$R.4. \quad Aux \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} Pres \\ Pret \end{array} \right\}$$

$$R.5. \quad Pred \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} L \text{ Adj} \\ LN \end{array} \right\}$$

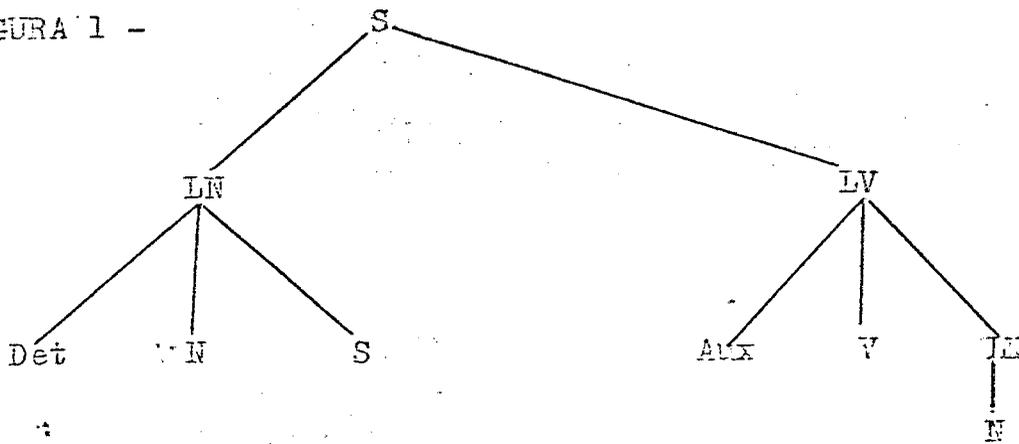
$$R.6. \quad L \text{ Adj} \rightarrow Adj + (L \text{ Prep})$$

$$R.7. \quad L \text{ Prep} \rightarrow Prep + LN$$

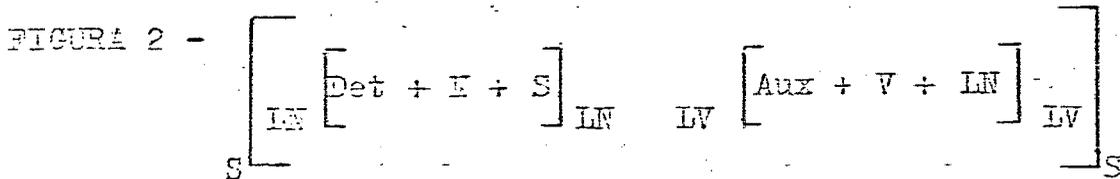
Os parênteses indicam que os elementos são opcionais. A regra 2. exemplifica a propriedade recursiva: O símbolo S, que já foi reescrito na regra 1., aparece como um constituinte na reescritura de LN.

As regras de estrutura frasal podem ser representadas por diagramas de árvores, como na figura 1, ou por parênteses rotulados, como na figura 2.

FIGURA 1 -



Os pontos de bifurcação na árvore são rotulados conforme o constituinte frasal a que correspondem. Cada bifurcação da árvore corresponde a uma regra. Na figura 1 os símbolos S e Det da regra 2, onde aparecem como opcionais, foram escolhidos na primeira LN. Portanto, poderemos reescrever novamente S, de acordo com a regra 1, e teremos um novo ciclo de aplicação das regras:



Na representação por parênteses rotulados, cada par de parênteses representa uma regra.

As regras de estrutura frasal compreendem as noções funcionais de sujeito, predicado, objeto, etc., pois elas são noções relacionadas. Assim, a noção de sujeito não deve ser entendida como um dos constituintes da frase, mas como a relação entre a sentença e a locução nominal que é o seu primeiro constituinte. Portanto, as regras de estrutura frasal, além de indicarem as categorias e as funções, indicam também a ordem dos elementos, já que a ordem implica em função.

O último elemento reescrito, o que não domina nenhum outro, é um símbolo complexo. O símbolo complexo é substituído, quando da inserção léxica, por um elemento lexical que

possua as características descritas pelo símbolo complexo. Para essa descrição temos as regras de subcategorização estrita e as regras de seleção.

As regras de subcategorização estrita e as regras de seleção introduzem os traços sintáticos e analisam uma categoria em relação ao contexto em que ela ocorre. As regras de subcategorização estrita indicam o contexto em que um elemento pode ocorrer. Por exemplo, para um verbo como saber, que é um verbo transitivo, teremos a indicação:

$$\left[+ \text{ ————— } \text{IN} \right]$$

As regras de seleção dizem respeito a traços lexicais específicos de outros elementos com os quais o elemento considerado pode coocorrer. Por exemplo: um verbo como odiar será marcado como

$$\left[+ \text{ sujeito animado} \right]$$

Além dos traços sintáticos, o elemento lexical deve apresentar uma matriz fonológica com todas as indicações para que possa atuar, depois das transformações, o componente fonológico e permitir a saída fonética.

Pela atuação do subcomponente de base temos a estrutura profunda da frase, sobre a qual atua o componente semântico. Isto significa que toda informação semântica deve estar contida na estrutura profunda, nada podendo ser acrescentado ou alterado, quanto ao significado, por transformação (7). Portanto, as transformações são operações puramente formais que suprimem, acrescentam, substituem ou permutam constituintes de um marcador frasal, sem alterar o significado da frase.

2.3.2- O subcomponente transformacional

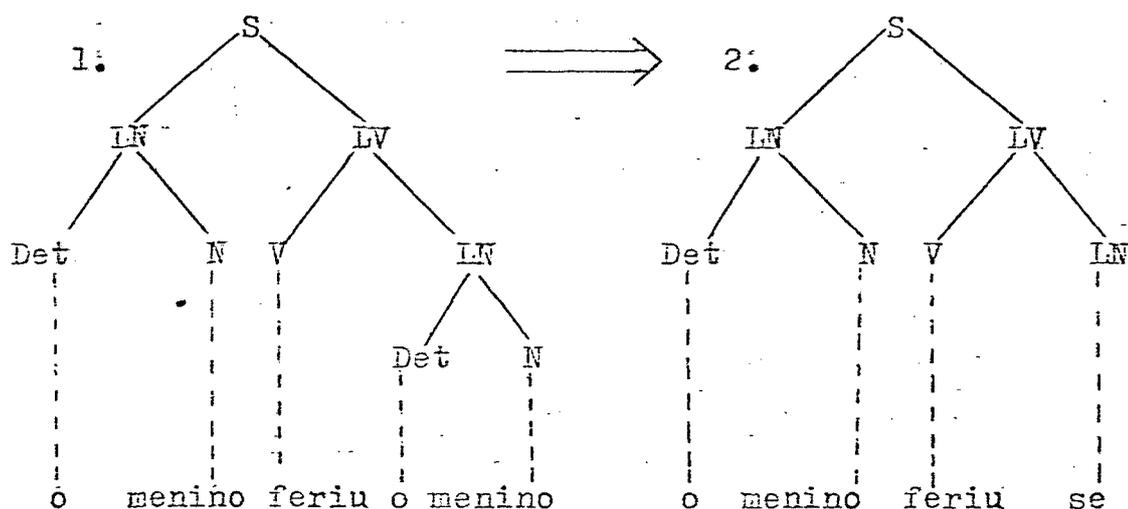
O subcomponente transformacional compreende regras transformacionais que vão derivando marcadores frasais sucessivamente até a forma que receberá a atuação do componente fono -

lógico. O primeiro marcador frasal, antes da aplicação de qualquer regra transformacional, reflete a estrutura profunda da frase e o último marcador, depois de todas as transformações terem sido aplicadas, reflete a estrutura de superfície. Sobre a estrutura profunda opera o componente semântico, dando interpretação semântica à frase. Sobre a estrutura de superfície opera o componente fonológico, o qual dá saída fonética à frase.

A noção de estrutura profunda e de superfície já se encontra na Gramática de Port Royal, conforme comentário de Chomsky em Linguística Cartesiana (8):

Uma transformação compreende uma análise estrutural da seqüência à qual ela se aplica e a mudança estrutural que ela imprime a essa seqüência. Além disso, algumas transformações exigem certas condições para que possam ser aplicadas. A figura 3 ilustra uma transformação de reflexivização:

FIGURA 3 -



É possível transformar o marcador 1 no marcador 2 porque as locuções nominais sujeito e objeto são iguais. Podemos formalizar (figura 4) a regra transformacional ilustrada pela figura 3.

FIGURA 4 -

Descrição estrutural:
$$S \left[\begin{array}{ccccc} X & LN & V & LF & Y \end{array} \right] S$$

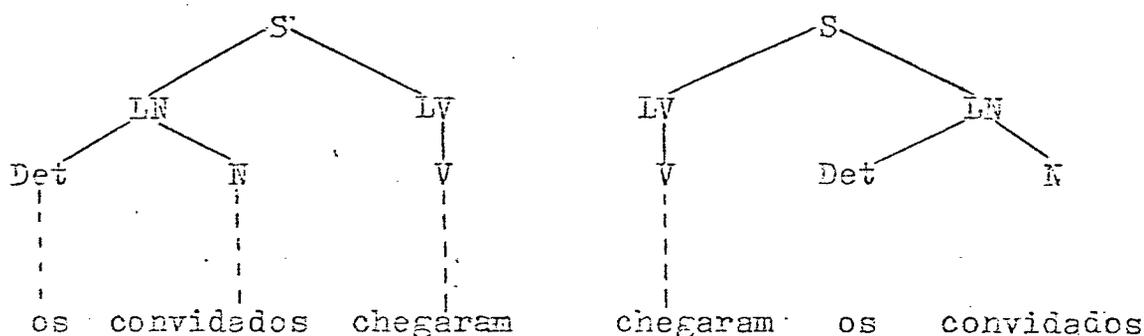
Transformação: 1 2 3 4 5 \Rightarrow

1 2 3 pro 5

Condição para a transformação: $2 = 4$

Há transformações obrigatórias e transformações opcionais. Enquanto as primeiras são necessárias para que a frase se apresente gramatical, as frases serão gramaticais com ou sem a aplicação das últimas. Na figura 5 temos um exemplo de transformação opcional:

FIGURA 5 -



A transformação de reflexivização, que já vimos nas figuras 3 e 4, é uma transformação obrigatória.

O modelo gramatical da teoria padrão tem sido questionado e várias alterações têm sido propostas, no sentido de dar ao componente semântico um papel gerativo em vez de interpretativo. Os linguistas que defendem essa colocação aproximam cada vez mais as suas descrições lingüísticas das descrições da lógica simbólica. Para os partidários dessa corrente (9), chamada semântica gerativa, a estrutura profunda da frase deve conter entidades, tais como proposições, predicar

dos, argumentos, termos usados na lógica simbólica.

Uma abordagem que muito tem merecido a atenção dos linguistas é a de Fillmore (10). Segundo a sua teoria dos casos, na estrutura profunda há um verbo e uma ou mais locuções nominais a ele associadas, cada uma por uma relação particular de caso.

Embora aceitando a possibilidade de se abordar o problema da posição do adjetivo em português pela semântica gerativa, preferimos tentar dar a ele um tratamento segundo a teoria padrão, pois acreditamos que ela nos pode levar a resultados satisfatórios:

2.4- A Teoria Padrão e o Problema da Posição do Adjetivo

O adjetivo que na estrutura de superfície aparece fazendo parte de uma locução nominal, no modelo (Det) N Adj, é o que resta na superfície de uma frase da estrutura profunda onde ele é o predicativo da locução verbal que se reescreve:

$$LV \longrightarrow \text{Aux} + \text{Cóp} + \text{Pred}$$

A LN da frase que contém o adjetivo na estrutura profunda deve ser idêntica à LN que contém o adjetivo na estrutura de superfície, pois só assim se aplicam certas transformações que culminam com a simples presença do adjetivo como o que restou da frase na qual ele era um predicativo.

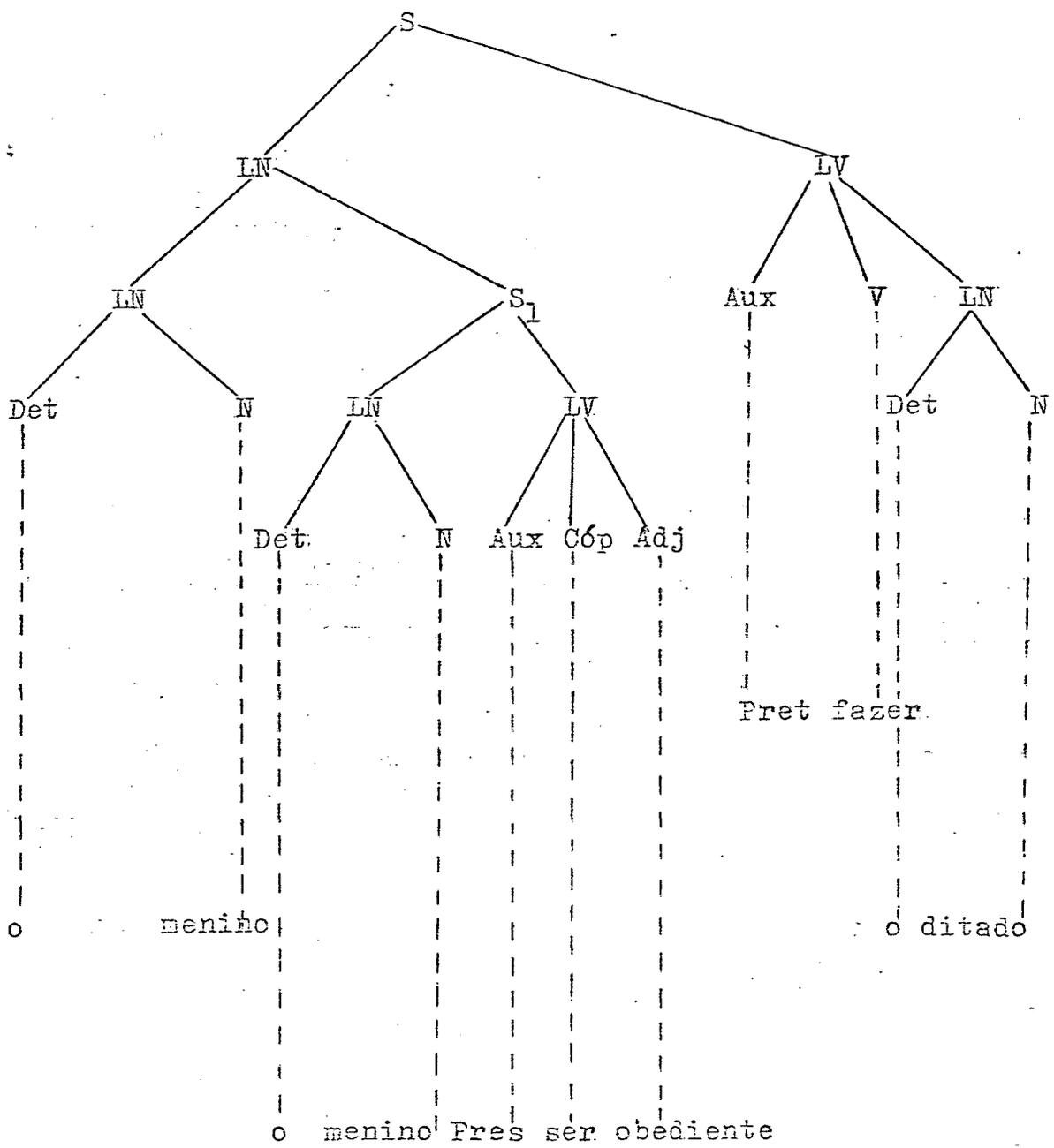
A frase da qual o adjetivo faz parte na estrutura profunda pode ser uma S que já aparece na reescritura da LN, conforme a regra 2:

$$LN \longrightarrow LN + S$$

A frase 38.a. tem a sua estrutura profunda representada na figura 6 (11).

38.a. O menino obediente fez o ditado.

FIGURA 6 -



38.b. O menino o menino obediente fez o ditado.

S₁, que é uma sentença dominada por uma LN, ocasionará transformações que darão sucessivamente as seqüências abaixo: (12).

38.c. O menino que é obediente fez o ditado.

38.a. O menino obediente fez o ditado:

As frases 38.c. e 38.a. são gramaticais. Portanto, a transformação de 38.c. em 38.a. é opcional, enquanto a transformação de 38.b. em 38.c. é obrigatória:

A posição que o adjetivo ocupa na estrutura profunda é depois do nome. No entanto, na estrutura de superfície, podemos encontrar alguns adjetivos em posição pré-nominal, como nas frases 39.b. e 40.b.:

39.a. A menina inteligente acertou o ditado:

39.b. A inteligente menina acertou o ditado:

40.a. Fizemos passeios interessantes na excursão:

40.b. Fizemos interessantes passeios na excursão:

Em algumas frases, entretanto, não podemos ter o adjetivo anteposto ao nome. Alguns adjetivos parece que nunca podem ocorrer antepostos, como o adjetivo italiano:

41.a. O povo italiano aceitou o ditador:

* 41.b. O italiano povo aceitou o ditador:

Outros adjetivos, em algumas frases, ocorrem antepostos e em outras frases só podem ocorrer pospostos:

42.a. Os quadros bonitos da exposição foram vendidos:

42.b. Os bonitos quadros da exposição foram vendidos:

43.a. Comprei dois quadros, um bonito e um feio, mas o quadro bonito foi roubado:

* 43.b. Comprei dois quadros, um bonito e um feio, mas o bonito quadro foi roubado:

Partindo da estrutura profunda da frase, onde o adjetivo está depois do substantivo, depois de várias transformações, como a de relativização, a de apagamento de que + ser + Aux, ele continua em posição pós-nominal; só ocorrerá antes do nome se passar por uma transformação de extraposição. Como o problema da posição do adjetivo não pode ser tratado como uma questão puramente estilística, cumpre-nos procurar as condições, ou a condição, para que se processe a transformação de extraposição.

De acordo com o procedimento racionalista, trabalharemos com hipóteses. Essas hipóteses apontarão a informação

(ou as informações) necessária para que o adjetivo ocorra anteposto; isto é, para que se aplique a transformação que o desloca da posição pós-nominal para a posição pré-nominal.

De acordo com a teoria padrão, as informações semânticas estão na estrutura profunda, isto é, são dadas pelo subcomponente de base: pelas regras de estrutura frasal ou pelo léxico. Será a estrutura frasal ou algum traço do léxico que permite ou proíbe a anteposição do adjetivo ao substantivo? Que tipo de estrutura profunda ou que traço lexical permite a transformação de extraposição do adjetivo? Basicamente nossas hipóteses abordarão esses aspectos que acabamos de apresentar.

NOTAS DO CAPÍTULO II

- 1- Embora a lingüística gerativa transformacional também seja estruturalista, pois não deixa de ver a língua como uma estrutura, costuma-se chamar nos trabalhos de orientação transformacional estruturalista a lingüística estrutural anterior a Chomsky, essencialmente empiricista. Costuma-se chamar também a essa lingüística estruturalista de lingüística taxonômica.
- 2- "Em muitos aspectos, parece-me exato, pois, considerar a teoria da gramática gerativa transformacional, como é exposta nos trabalhos atuais, essencialmente uma visão moderna e mais explícita da teoria de Port-Royal". Chomsky, 1972, p. 50.
- 3- In Novas Perspectivas Lingüísticas, 1970, p. 13.
- 4- Ruwet, 1968, p. 13.
- 5- Os estruturalistas enfatizam o papel da imitação e do reforço na aquisição da linguagem.
- 6- Os conceitos de competência e desempenho se aproximam dos conceitos saussureanos de langue e parole. Entretanto, o dinamismo da concepção lingüística de Chomsky é que diferencia as suas noções das noções de Saussure. Chomsky não vê a língua como um sistema de elementos, uma realidade exterior ao indivíduo e sim como um sistema de regras internalizadas pelo falante. Para Saussure a criatividade existe na parole apenas; sendo a frase uma realidade da parole, ela não seria de interesse primordial no estudo lingüístico. Para a lingüística transformacional, a frase é a realidade lingüística essencial, sendo o componente sintático o componente central da gramática de Chomsky. O caráter criativo da linguagem se manifesta na própria competência, para Chomsky.
- 7- Chomsky, Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation, 1971, reformula um pouco essa posição, analisando casos em que a interpretação semântica pode estar relacionada à estrutura superficial. Esses casos envolvem os problemas de foco (informação nova) e pressuposição.
- 8- "Desenvolvendo a distinção fundamental entre o corpo e o espírito, a lingüística cartesiana admite caracteristicamente que a linguagem tem dois aspectos. Em particular, pode-se estudar um sinal lingüístico do ponto de vista dos sons que o constituem e dos caracteres que representam estes sinais, ou do ponto de vista de sua "significação", isto é, "la manière dont les hommes s'en servent pour signifier leurs pensées" (Grammaire générale et raisonnée, p.5). Chomsky, 1972, p. 44.
- 9- Lakoff e Ross; 1967; McCawley, 1968; Bach, 1968.
- 10- Fillmore; 1968.
- 11- Deixamos de apresentar algumas regras de estrutura frasal porque elas não têm implicação direta com o assunto que estamos abordando. Assim também procederemos com as regras

transformacionais: algumas regras transformacionais, como a de afixo, a de concordância, por exemplo, não serão mencionadas.

12- Os passos da transformação de relativização serão tratados em pormenores no capítulo IV.

CAPÍTULO III - PRIMEIRA HIPÓTESE: A Anteposição do Adjetivo é Condicionada por Traço(s) do Léxico

Nossa primeira hipótese consiste em atribuir a condição para a transformação de extraposição do adjetivo à existência de determinado(s) traço(s) marcando o adjetivo no léxico:

3.1- Argumentos a Favor desta Hipótese:

1) O léxico é uma lista exaustiva de itens, onde cada item é descrito por traços fonológicos e sintáticos. As idiossincrasias da língua devem estar contidas no léxico; assim, atribuir-lhe a responsabilidade pela possibilidade de anteposição do adjetivo, significa simplificação da base.

2) Para alguns adjetivos facilmente se reconhece uma marcação especial no léxico a respeito da posição. São elas:

a) Os adjetivos que têm significado diferente, conforme estejam antepostos ou pospostos ao nome. Incluem-se aqui os casos de homonímia de certos adjetivos com determinados:

44.a. José é um homem grande.

44.b. José é um grande homem.

45.a. Compramos uma casa nova.

45.b. Compramos uma nove casa.

46.a. Exercício certo dá resultado.

46.b. Certo exercício dá resultado.

b) Os adjetivos que apresentam como particularidade morfológica formas especiais de comparativo e superlativo: os adjetivos bom, mau, pequeno, grande. Esta particularidade morfológica deve refletir uma particularidade semântica que lhes assegura uma maior liberdade de ocorrência pré ou pós-nominal.

3.2- Traços Considerados para a Anteposição.

O primeiro problema que se nos apresenta é a escolha de traços que condicionariam a extraposição. Já vimos, no capítulo I, que nossas gramáticas tradicionais propõem certas particularidades do conteúdo semântico do adjetivo como impedindo ou tornando obrigatória a sua anteposição: sentido material; sentido real; características muito salientes como forma, cor, dimensão, estado, indicação de nacionalidade; derivação de nomes próprios. Estes seriam traços que impediriam a anteposição do adjetivo:

Deixando de lado o sentido real, pois esse não poderá ser propriamente um traço do adjetivo, uma vez que só se pode verificar no contexto, vejamos se os outros traços citados poderiam atuar para impedir a transformação de extraposição do adjetivo:

Sentido Material (1): se observarmos as frases 47 e 48, veremos que o traço [+ material] não impede a anteposição do adjetivo:

- 47.a. O sabor amargo desta fruta nos enjoa.
- 47.b. O amargo sabor desta fruta nos enjoa.
- 48.a. Os colchões duros de crina fazem bem à saúde.
- 48.b. Os duros colchões de crina fazem bem à saúde.

Sentido material já compreende as especificações de forma, cor, dimensão, estado, mas observando particularmente as frases 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, vemos que esses traços, individualmente considerados, não impedem a anteposição do adjetivo: algumas frases serão gramaticais e outras agramaticais.

- 49.a. Toalhas redondas cobriam as mesas de jantar.
- 49.b. Redondas toalhas cobriam as mesas de jantar.
- 50.a. Os olhos verdes de Maria me agradam.
- 50.b. Os verdes olhos de Maria me agradam.
- 51.a. Um rio largo banha a cidade.
- 51.b. Um largo rio banha a cidade.
- 52.a. As águas frias do riacho o reanimaram.
- 52.b. As frias águas do riacho o reanimaram.

- 53.a. Toalhas retangulares cobriam as mesas:
- * 53.b. Retangulares toalhas cobriam as mesas:
- 54.a. Os olhos azuis de Maria me agradam:
- * 54.b. Os azuis olhos de Maria me agradam:
- 55.a. Passe estas roupas com ferro quente:
- * 55.b. Passe estas roupas com quente ferro:

O traço [+ gentílico] parece de fato bloquear a transformação de anteposição do adjetivo:

- 56.a. O povo brasileiro gosta de futebol:
- * 56.b. O brasileiro povo gosta de futebol.

Adjetivos derivados de nomes próprios: a impossibilidade de anteposição só existe quando o adjetivo se refere diretamente à pessoa ou coisa designada pelo nome, isto é, quando equivale à locução de + nome próprio:

- 57.a. Apreciamos o poema camoniano. (Apreciamos o poema de Camões):
- * 57.b. Apreciamos o camoniano poema:
- 58.a. O comportamento maquiavélico do diretor deu resultado.
- 58.b. O maquiavélico comportamento do diretor deu resultado.

Excetuando-se o traço [+ gentílico], os outros traços considerados não impedem a anteposição do adjetivo em todas as frases. E, como o traço [+ gentílico] não cobre todos os casos de agramaticalidade de anteposição do adjetivo, temos que deixar de lado a consideração desses traços e buscar uma outra explicação que englobe os adjetivos gentílicos e os outros que também não podem vir antes do substantivo.

3.3- O Traço [+ gradação]

Esta explicação parece estar na existência de um traço no adjetivo, o qual chamaremos gradação intrínseca. Alguns adjetivos devem ser marcados no léxico com o traço [+ gradação] e só estes adjetivos podem sofrer a transforma-

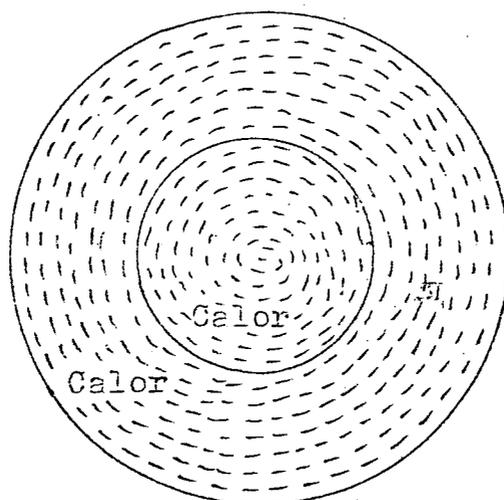
ção de anteposição. Vamos explicar qual o sentido deste traço:

Há adjetivos que se opõem pelo significado, como bom/mau, quente/frio, mas essa oposição é relativa. Na verdade, correspondem a uma só qualidade, a qual, substantivamente, se costuma expressar geralmente pelo positivo(2). Assim, bom, mau são pontos numa escala de qualidade que podemos denominar bondade. A qualidade pode ser representada por uma linha que vai de um extremo negativo a um extremo positivo e o valor de cada ponto depende da apreciação do falante: um objeto pode ser bonito para uma pessoa e feio para outra. Mesmo o que pode ser objetivamente medido pode oferecer essa variação: uma casa de dez cômodos pode ser grande para um casal e pequena para uma família de dez pessoas; água de 60° é quente para um banho, mas fria para fazer café.

Estes adjetivos têm uma significação relativa. Encerram sempre uma gradação implícita a partir do que se considera a normalidade, implicam em um referencial. Estes adjetivos só são enunciados porque, de alguma forma, a qualidade parece fugir à normalidade; são enunciados porque o falante não é indiferente à qualidade que eles indicam. Como a qualidade existe sempre em algum grau no ser designado pelo substantivo, se esse grau está abaixo ou acima do que o falante considera normal é que ele enuncia o adjetivo. Todas as coisas têm beleza, calor, bondade em algum grau; se esse grau está dentro do que consideramos normal, ou subjetivamente, ou em relação a um referencial, não será enunciado adjetivo que faça referência à qualidade que ele designa. Geralmente a simples enunciação desses adjetivos significa que a qualidade que eles expressam é considerada pelo falante como existindo no ser num grau abaixo ou acima do normal. Por isso dizemos que tais adjetivos têm, implícita, a idéia de grau e devem ser marcados no léxico com o traço [+ gradação].

Podemos ilustrar a relação existente entre o adjetivo que tem implícita a idéia de gradação e o substantivo ao qual ele se aplica por um gráfico como o da figura 1.

FIGURA 1 -



ser nomeado pelo substantivo

O círculo maior, em linha cheia, representa o ser nomeado pelo substantivo e o círculo menor, em linha cheia, representa a qualidade calor em seu grau normal; no caso de ser percebida pelo falante com esta intensidade, ele não enunciará adjetivo que faça referência a tal qualidade. Os círculos pontilhados representam a gradação para mais ou para menos em que a qualidade pode ser apreciada como existindo no ser e, neste caso, será enunciado o adjetivo que faz referência a essa qualidade.

Estes adjetivos têm uma relação de antonímia com os seus contrários(3). Bom / mau, fácil / difícil, frio / quente, lento / rápido, são simplesmente meios lexicais de gradação mais que ou menos que, em relação à norma implícita. A afirmação de um implica a negação do outro, mas a negação de um não implica a afirmação do outro:

- 59.a. José é um menino gordo.
- 59.b. José não é um menino magro.
- 60.a. A água está quente.
- 60.b. A água não está fria.
- 61.a. José não é um menino gordo.
- ? 61.b. José é um menino magro.
- 62.a. A água não está quente.
- ? 62.b. A água está fria.

Em 59 e 60, a implica em b, mas em 61 e 62, não há essa implicação.

Uma comprovação de que estes adjetivos têm um valor relativo é a existência de frases em que os antônimos se aplicam ao mesmo ser, como em 63.a.:

63.a. Um pequeno elefante é um grande animal(4).

As frases 64, 65 e 66 mostram a possibilidade de se proceder à anteposição de adjetivos deste tipo ao substantivo:

64.a. Os meninos estudiosos receberam o prêmio.

64.b. Os estudiosos meninos receberam o prêmio.

65.a. Vivemos momentos agradáveis em sua casa.

65.b. Vivemos agradáveis momentos em sua casa.

66.a. João é um menino inteligente.

66.b. João é um inteligente menino.

Os adjetivos estudiosos, agradáveis, inteligente admitem variação de grau. Os meninos podem ser mais ou menos estudiosos, estudiosíssimos, etc; os momentos podem ser mais agradáveis que outros, etc; o mesmo acontece com inteligente.

A idéia de grau que estamos abordando não abarca somente adjetivos que, como estudiosos, agradáveis, inteligente, podem aparecer com grau explícito, mas também aqueles que logicamente admitem uma gradação. Estão neste caso adjetivos como impossível, infalível, por exemplo, que parecem não admitir gradação. Como seus contrários possível, falível admitem gradação, por questão de lógica eles também devem admitir implicitamente esta idéia. À medida que um fato a é mais possível que um fato b, b é mais impossível que a.

Os adjetivos que estão marcados no léxico com o traço [- gradação] não admitem a anteposição, como mostram as frases 67, 68 e 69:

67.a. Os atletas brasileiros venceram a prova.

* 67.b. Os brasileiros atletas venceram a prova.

68.a. José feriu a mão direita.

* 68.b. José feriu a direita mão.

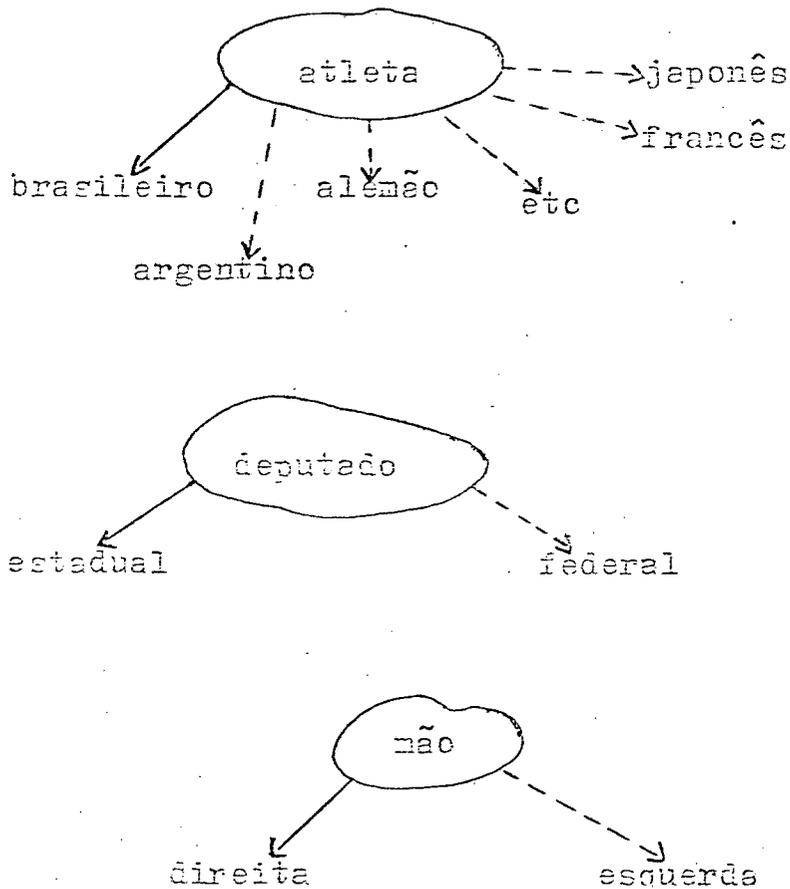
69.a. José é deputado estadual.

* 69.b. José é estadual deputado.

Os adjetivos brasileiro, direita, estadual não podem se antepor porque estão marcados no léxico com [- gradação]. Uma coisa não pode ser mais ou menos brasileira, a mão não pode ser muito direita, o deputado não pode ser muito ou pouco estadual. Os atletas são brasileiros ou não são (são de outra nacionalidade), a mão ou é direita ou não é (é esquerda), o deputado ou é estadual ou não é (é federal).

A relação entre adjetivos deste tipo e os substantivos aos quais eles se aplicam pode ser representada pela figura 2:

FIGURA 2 -



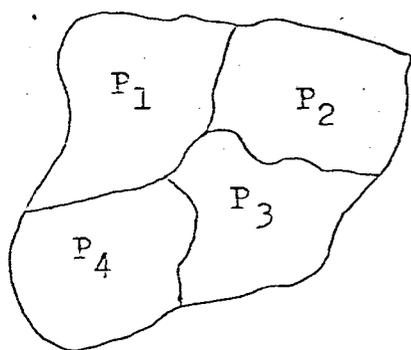
O ser designado pelo substantivo terá uma qualida-

de que será designada por um ou outro adjetivo, um excluindo completamente a possibilidade do outro. Não se pode pensar para estes adjetivos numa escala de gradação, como fizemos com os outros adjetivos, como bom / mau, fácil / difícil.

Segundo a teoria dos conjuntos, para os adjetivos marcados com $[-$ gradação], teremos:

FIGURA 3 -

A



$$\cup P_i (i 1, \dots) = A$$

O conjunto A é igual à união dos subconjuntos P_i , entendendo-se P_i como cada subconjunto P_1, P_2 , etc. Na figura 2, teremos: para o conjunto mão, os subconjuntos esquerda e direita apenas; para o conjunto deputado, os subconjuntos estadual e federal; para o conjunto atletas, os subconjuntos brasileiro, argentino, alemão, francês, japonês, todas as nacionalidades existentes ou as que estão sendo consideradas como fazendo parte do conjunto atletas.

O importante a ressaltar com respeito ao nosso problema é que P_i são disjuntos, isto é, não há intersecção dos subconjuntos:

$$\cap P_i (i 1, \dots) = \emptyset$$

Quanto aos adjetivos marcados com $[+$ gradação] não se pode pensar nessa disjunção em termos lógicos. A atribuição de uma qualidade como alto, belo e seus contrários depende de um referencial.

A relação existente entre adjetivos marcados com $[-$ gradação] não é de antonímia. É uma relação complementar. O traço característico da relação complementar é que a negação de um implica a afirmação de outro, assim como a afirmação de

um implica a negação de outro; na antonímia, como vimos, a negação de um não implica a afirmação de outro, apenas a afirmação de um é que implica a negação de seu contrário:

70.a: O deputado é estadual.

70.b: O deputado não é federal.

71.a: O deputado não é estadual.

71.b: O deputado é federal.

72.a: A mão que José feriu foi a direita.

72.b: A mão que José feriu não foi a esquerda.

73.a: A mão que José feriu não foi a direita.

73.b: A mão que José feriu foi a esquerda.

No caso de relação complementar em conjunto de mais de dois elementos, a afirmação sobre um dos elementos implica a negação de cada um dos outros elementos do conjunto, assim como a negação de um dos elementos implica a afirmação de um dos outros elementos e apenas de um:

74.a: Os atletas vencedores são brasileiros.

74.b: Os atletas vencedores não são japoneses:

alemães

franceses

argentinos

etc...

75.a: Os atletas vencedores não são brasileiros.

75.b: Os atletas vencedores são japoneses, ou

alemães, ou

franceses, ou

argentinos, etc...

Os adjetivos marcados com [+ gradação] podem ocorrer em frases exclamativas em que a entonação enfatiza o adjetivo. Os adjetivos marcados com [- gradação] não podem ocorrer em frases desse tipo:

76.a: Que menino gordão!

77.a: Que água quente!

78.a: Como este projeto é importante!

* 79.a: Que deputado estadual!

* 80.a: Que mão direita!

* 81.a: Como este atleta é brasileiro!

Poder-se-ia propor, em lugar da marcação com o traço gradação, marcar os adjetivos diretamente com o traço anteposição. Entretanto, parece-nos mais econômico o traço gradação pelo fato de ele estar envolvido com outras particularidades sintáticas: os tipos de frases exclamativas em que podem ocorrer adjetivos com o traço positivo ou negativo para gradação; a possibilidade de ocorrência de frases comparativas e superlativas; o problema de relação de antonímia ou de relação complementar.

Retomemos a frase 38.a. e tentemos aplicar-lhe a transformação de extraposição do adjetivo:

38.a. O menino obediente fez o ditado.

Obediente é um adjetivo marcado no léxico com o traço [+ gradação]. Portanto, de acordo com nossas hipóteses, deve poder sofrer a transformação de extraposição, que dará a frase 38.d.

38.d: O obediente menino fez o ditado.

3.4- Inconvenientes desta Hipótese

1- Ela não explica o fato de certos adjetivos, embora marcados com o traço [+ gradação], não poderem ocorrer antepostos em algumas frases, enquanto em outras ocorrem:

82.a. O mel doce das abelhas é um forte alimento.

82.b. O doce mel das abelhas é um forte alimento.

83.a. Gosto de laranja doce e não de laranja azeda.

* 83.b. Gosto de doce laranja e não de azeda laranja.

Ela não explica o fato de um mesmo adjetivo, acompanhando um mesmo substantivo, em certas frases poder ocorrer anteposto e em outras frases só poder ocorrer posposto:

84.a. Estas laranjas azedas vieram da chácara.

84.b. Estas azedas laranjas vieram da chácara.

85.a. Não compro laranjas azedas, compro laranjas do

ces.

- * 85.b. Não compro azedas laranjas, compro doces laranjas.

Fatos como esses só podem ter uma explicação sintática.

2- Ela não explica a ambigüidade de frases em que o adjetivo ocorre posposto, como a frase 40.a.

40.a. Fizemos passeios interessantes na excursão.

A frase 40.a. pode ter duas interpretações: A e B:

A- "Os passeios que fizemos na excursão foram interessantes."

B- "Alguns dos passeios que fizemos na excursão foram interessantes."

Esta ambigüidade não existe em 40.b., onde o adjetivo está anteposto:

40.b. Fizemos interessantes passeios na excursão.

40.b. só pode receber a interpretação A e não a B.

Dada a ambigüidade de 40.a., podemos tirar três conclusões:

Primeira: ela é a superficialização de duas estruturas profundas diferentes.

Segunda: apenas quando vem de uma determinada estrutura é que o adjetivo pode sofrer a transformação de extraposição.

Terceira: a extraposição é uma transformação opcional.

Em vista dos inconvenientes apresentados por esta hipótese, o traço [+ gradação] não se mostra como uma condição suficiente para permitir a anteposição do adjetivo. Temos que procurar explicar a posição do adjetivo pela estrutura da frase. É o que faremos na segunda hipótese, que analisaremos no capítulo seguinte

NOTAS DO CAPÍTULO III

- 1- Como já comentamos no capítulo I, sentido material significa "que pode ser apreendido pelos sentidos".
- 2- A leitura de Lenz, 1925 (p.149-152) é que particularmente nos despertou para este valor relativo de alguns adjetivos e para o problema da gradação. Também Pottier, Audubert, Pais, 1972 (p.110-111) fazem observação sobre adjetivos que se distribuem ao longo de um eixo quantitativo. A mesma particularidade desses adjetivos se encontra nos substantivos que expressam qualidades. Eles também, como Lenz, observam que no funcionamento da língua optamos pela consideração da qualidade em seu lado positivo. A mesma observação é feita por Lyons, 1970 (p.356).
- 3- Valemo-nos para estas observações especialmente das lições de Lyons, 1970 (p.352-359).
- 4- O exemplo é de Lyons, 1970 (p.356): "Un petit éléphant est un grand animal." Mostrando a relatividade desses adjetivos, Lyons cita Platão na colocação do problema: "Si l'on affirme de X qu'il est "plus grand que" Y, mais "plus petit que" Z, on attribue, semble-t-il, à la même personne simultanément les deux qualités "opposées" de la "grandeur" et de la "petitesse", impliquant donc que X est à la fois grand et petit."

CAPÍTULO IV - SEGUNDA HIPÓTESE: A Anteposição do Adjetivo é Condicionada pela Estrutura Profunda da Frase

4. ORAÇÕES RELATIVAS RESTRITIVAS E RELATIVAS NÃO-RESTRITIVAS - ADJETIVOS RESTRITIVOS E ADJETIVOS NÃO-RESTRITIVOS

O adjetivo é o que resta na superfície de uma transformação de apagamento aplicada a uma sentença relativa. Há dois tipos de sentenças relativas: as restritivas e as não-restritivas (1). Segundo esta segunda hipótese, o adjetivo só poderá sofrer a transformação de extraposição se vier de uma oração relativa não-restritiva. Chamaremos restritivo o adjetivo que resulta de uma sentença relativa restritiva, não-restritivo o adjetivo que resulta de uma sentença não-restritiva.

4.1- Características dos Dois Tipos de Relativas e de Adjetivos

Vejamos a diferença de significado entre os dois tipos de sentenças relativas e conseqüentemente entre os dois tipos de adjetivos, bem como algumas características fonológicas e sintáticas que distinguem os dois tipos de sentenças e de adjetivos.

4.1.1- Características semânticas

A distinção entre os dois tipos de relativas é feita por nossas gramáticas tradicionais de uma maneira nem sempre muito clara. Os exemplos dados são geralmente máximas, provérbios, orações em que é fácil perceber se a sentença relativa é apenas uma explicação de um termo da sentença matriz ou se a sentença relativa restringe o significado de um termo

da sentença matriz.

86.a. O homem, que é mortal, vive como se fosse eterno.

A sentença relativa que é mortal é não-restritiva, porque não restringe a extensão do termo antecedente homem, serve-lhe em toda a sua extensão; ela está apenas recordando uma qualidade que é própria do antecedente, que já está contida em sua compreensão. Porém, quando não está envolvido o conceito do antecedente da sentença relativa, não é sempre tão clara a diferença entre a restrição e a não-restricção:

87.a. O meu amigo que construiu esta casa não entende de arte.

88.a. O meu amigo, que construiu esta casa, não entende de arte.

As sentenças 87.a. e 88.a. mostram que para um mesmo antecedente é possível ocorrer uma sentença restritiva ou não-restritiva, com os mesmos elementos lexicais.

89.a. A água, que é mole, fura a pedra, que é dura.

90.a. Deus, que é onipotente, é infinitamente bom.

91.a. A água que sai das torneiras é muito suja.

A partir de frases como 89.a. e 90.a., que são não-restritivas, em oposição a frases como 91.a., que são restritivas, alguns autores definem a sentença restritiva como aquela que exprime qualidade accidental do ser e não-restritiva como aquela que exprime qualidade inerente ao ser. Em nota de rodapé Bechara (2) critica essa definição, mostrando com exemplos a impropriedade dela. Essa impropriedade já ficou evidenciada em nossos exemplos 87.a. e 88.a.

Na verdade, sentenças relativas cujo conteúdo semântico é inerente ao seu antecedente são sempre não-restritivas; mas, as sentenças relativas em que não existe essa inerência, nem sempre são restritivas.

A diferença entre restritivas e não-restritivas tem sido colocada também em termos de existência ou não de informação nova na sentença relativa. A não-restritiva seria portadora de um significado que já é, ou já se supõe ser de

conhecimento do ouvinte, assemelhando-se, por isso, àquelas em que o significado da relativa é inerente ao antecedente. Por esse motivo, a não-restritiva pode ser tirada da frase sem prejuízo do enunciado.

Em termos lógicos, realmente a sentença relativa não-restritiva pode ser tirada da frase, porém não é verdade que ela se caracteriza por não trazer informação para o ouvinte. (3). Vejamos a frase 92.a. e a frase 93.a., nas quais pode haver informação para o ouvinte:

92.a. O café, que é a maior riqueza da região, recebia muita atenção das autoridades.

93.a. Este aluno, que é o melhor da classe, não acertou o exercício.

Para alguns autores a sentença restritiva empresta ao antecedente um sentido particular e a não-restritiva empresta ao antecedente um sentido universal. Os exemplos 94.a. e 95.a. são de Bechara (4) :

94.a. "A desgraça, que humilha a uns, exalte o orgulho de outros." (Marquês de Maricá).

95.a. A desgraça que humilha a uns exalte o orgulho de outros.

Em 95.a. admite-se a existência de mais de uma desgraça e se está fazendo referência somente àquela que humilha a uns; a sentença relativa é restritiva. Em 94.a. trata-se da desgraça de um modo geral; a sentença relativa é não-restritiva.

Entretanto, não é sempre que a sentença não-restritiva empresta ao antecedente um sentido universal, como mostra 96.a.:

96.a. Este acidente, que é o terceiro deste mês, teve conseqüências fatais.

Quando o antecedente é plural vê-se melhor a impropriedade da observação feita a respeito do sentido particular e sentido universal, correspondendo a sentença restritiva e não-restritiva, respectivamente:

97.a. Os alunos desta classe que estudaram foram aprovados.

98.a. Os alunos que estudam aprendem.

Em 98.a. o antecedente os alunos está sendo tomado num sentido universal e a relativa o particulariza; mas em 97.a. os alunos já está sendo tomado em sentido particular; a relativa em 97.a. indica que o predicado da sentença matriz não se aplica a todos os alunos considerados, mas apenas a uma classe deles, os que estudaram.

Resumindo o que mostramos aqui como não servindo para distinguir os dois tipos de relativas, teremos:

1) A inerência (não-restritiva) / não-inerência (restritiva). As frases 87.a. e 88.a. mostram a dificuldade de distinguirmos os dois tipos de relativas, a partir deste critério.

2) A existência de informação na restritiva / não existência de informação na não-restritiva. As frases 92.a. e 93.a. mostram a precariedade deste critério.

3) A restritiva particulariza o antecedente / a não-restritiva empresta ao antecedente um sentido universal. As frases 96.a. e 97.a. mostram que este critério nem sempre é válido.

Ao enunciar uma sentença restritiva, o falante está preocupado em distinguir pela relativa um ou mais elementos de um conjunto de outro ou outros elementos do mesmo conjunto. Ao enunciar uma sentença não-restritiva o falante não tem essa preocupação de distinção; a relativa não-restritiva faz referência ao conjunto considerado em sua totalidade.

Na comunicação os nomes podem ser tomados como conceitos ou como referências e isso tem que ser levado em conta quando se fala em conjunto delimitado ou não por uma sentença relativa:

99.a. Estas terras produzem milho, que é um ótimo alimento.

100.a. O milho que foi produzido nesta fazenda é de ótima qualidade.

Em 99.a. milho é um conceito; em 100.a. o milho tem valor referencial. Em 99.a. a sentença é não-restritiva ,

pois apenas desenvolve o conceito expresso pelo antecedente. Em 100.a. a sentença relativa é restritiva, pois especifica um determinado milho, o que foi produzido nesta fazenda e não outros.

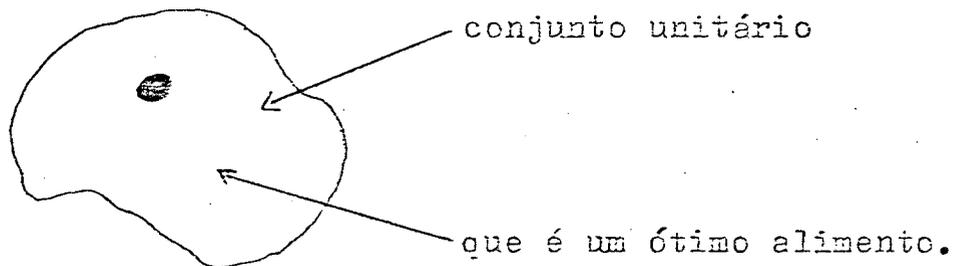
101.a. Esta fazenda produziu muito milho. O milho, que é de ótima qualidade, foi vendido a bom preço.

Em 101.a. o milho tem valor referencial. A relativa é não-restritiva, pois se refere a um milho já especificado na sentença anterior.

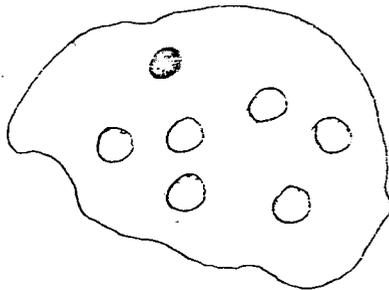
Podemos ilustrar o que foi dito acima pela figura 1:

FIGURA 1 -

- 1) Conjunto conceptual: milho
Sentença 99.a.

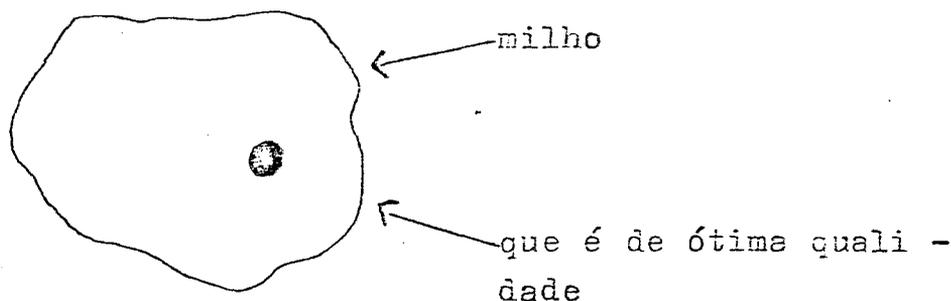


- 2) Conjunto referencial: milho
Sentença 100.a.



- = milho produzido nesta fazenda
○ = milho não produzido nesta fazenda

- 3) Conjunto referencial unitário: milho
 Sentença 101.a.



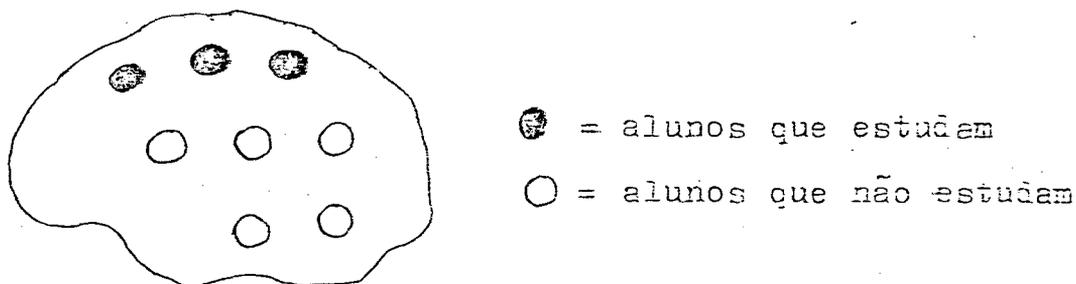
Observamos que só temos sentença restritiva em 100.a., porque se faz referência a um elemento apenas do conjunto considerado. Nos outros casos, quer o conjunto seja conceptual, quer seja referencial, a sentença é não-restritiva, pois ela se refere a todo o conjunto, que é conjunto unitário.

- 98.a. Os alunos que estudam aprendem.
 102.a. Moças, que traziam grandes cestos de frutas, mostravam-se alegres.
 103.a. Os alunos desta classe que estudaram aprenderam e os que não estudaram não aprenderam.

Em 98.a. alunos tem valor conceptual e a sentença é restritiva, pois implicitamente se está considerando uma outra classe de alunos, os que não estudam (e não aprender). Observe-se que, nocionalmente, o plural não distingue o singular em frases desse tipo; poderá ser usado tanto no valor o singular.

FIGURA 2 -

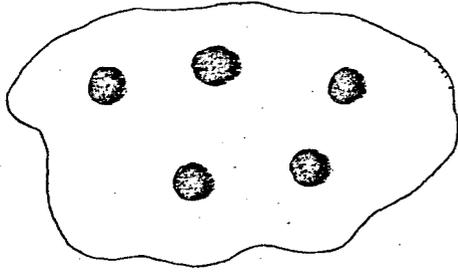
Conjunto Conceptual: alunos



Em 102.a. moças tem valor referencial e a sentença é não-restritiva, pois ela se aplica a todo o conjunto considerado:

FIGURA 3 -

Conjunto referencial: moças

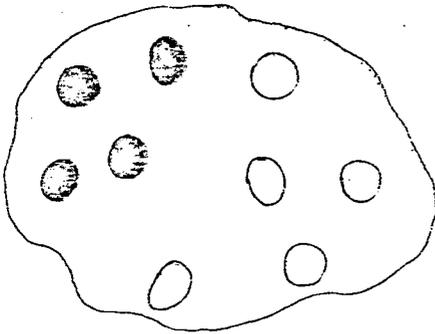


● = moças que traziam
grandes cestos às
costas

Em 103.a. alunos tem valor referencial e as sentenças são restritivas, pois cada uma delas se refere a alguns elementos do conjunto considerado.

FIGURA 4 -

Conjunto referencial: alunos



● = alunos que estudam
○ = alunos que não estudam

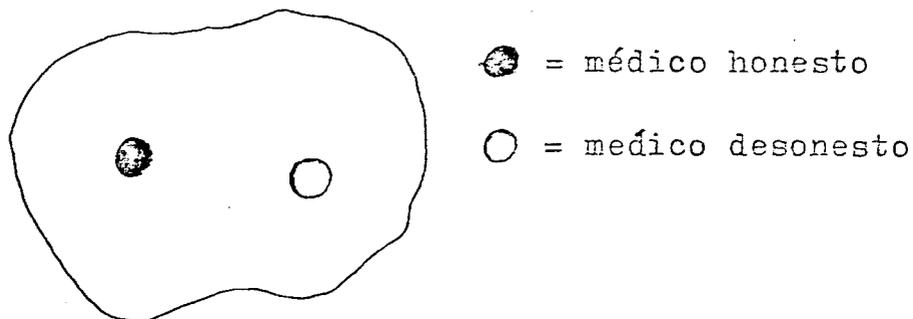
Parece claro que o sentido da restritiva é, pois, distinguir elementos de um conjunto:

Correspondendo aos dois tipos de relativas, teremos adjetivos restritivos e não-restritivos. De acordo com a hipótese que estamos estudando só podem ocorrer antepostos ao substantivo adjetivos não-restritivos. Vamos analisar algumas frases com adjetivos para esclarecer o sentido da restrição e não-restrição do adjetivo:

104.a. O médico honesto sempre tem clientes.

FIGURA 5 -

Conjunto conceptual: médico

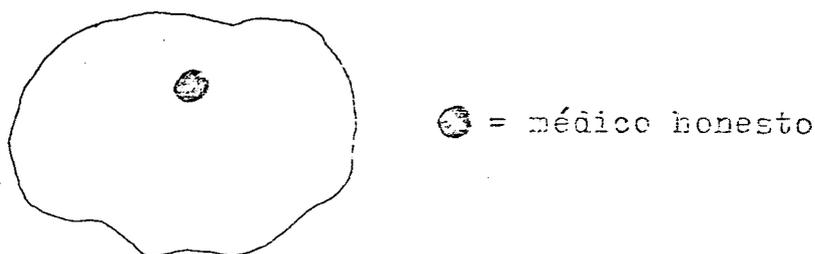


O adjetivo honesto é restritivo. Médico tem valor conceptual e o adjetivo distingue uma classe de médicos, os honestos. Está implícita a existência de uma outra classe de médicos, os desonestos. A anteposição do adjetivo nesta frase torná-la-ia agramatical.

Correspondendo ao conjunto representado na figura 6, poderíamos ter as frases 105.a. e 105.b.

FIGURA 6 -

Conjunto referencial unitário: médico



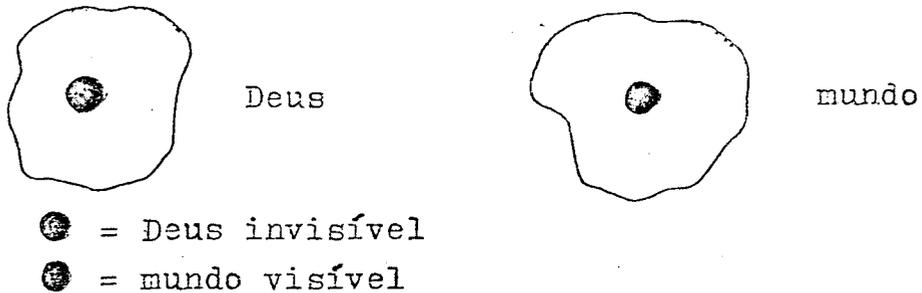
105.a. Dr. Felício nunca procurou enriquecer às custas dos males alheios; embora idoso, o médico honesto sempre tem clientes.

105.b. Dr. Felício nunca procurou enriquecer às custas dos males alheios; embora idoso, o honesto médico sempre tem clientes.

As frases 106.a. e 106.b. são possíveis quando o conjunto considerado é um conjunto conceptual e o adjetivo registra uma qualidade que é considerada como parte desse concei-

to:

FIGURA 7 -

Conjuntos conceptuais: Deus e mundo

106.a. Deus invisível criou o mundo visível.

106.b. Invisível Deus criou o visível mundo:

Vejam os exemplos com nomes no plural:

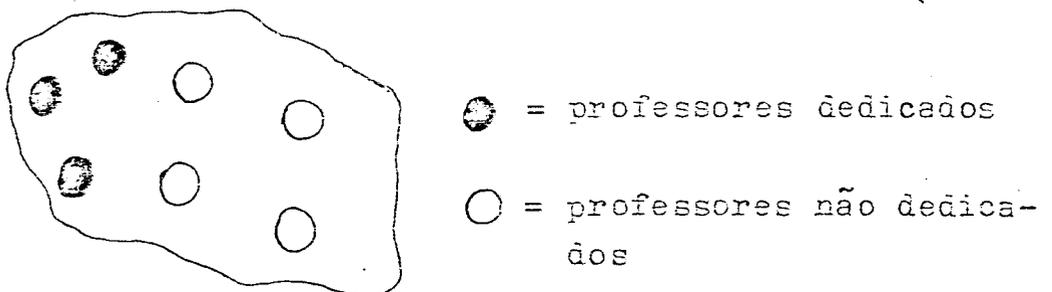
107.a. Todos elogiaram os professores dedicados deste colégio.

107.b. Todos elogiaram os dedicados professores deste colégio.

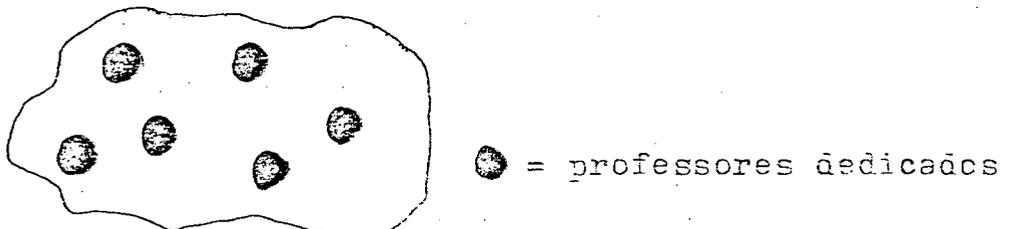
FIGURA 8 -

Conjunto referencial: professores deste colégio

Frase 107.a.

Conjunto referencial: professores deste colégio

Frases 107.a. e 107.b.



O primeiro conjunto da figura 8 ilustra adjetivos restritivos. No conjunto professores deste colégio há aqueles que são dedicados e os que não o são. Neste caso só poderia ser enunciada a frase 107.a. .

O segundo conjunto da figura 8 ilustra adjetivos não-restritivos. No conjunto considerado professores deste colégio, todos os elementos são tidos por dedicados. Neste caso poderiam ser enunciadas as frases 107.a. e 107.b. .

Consideremos a frase 108.a.

108.a. Crianças educadas respeitam os mais velhos.

Em 108.a. podemos ter um conjunto conceptual e nesse caso o adjetivo é restritivo, já que não é essencial à idéia de criança ser educada: há crianças educadas e crianças que não são educadas. Sendo assim, o adjetivo só pode vir posposto.

Mas na locução crianças educadas pode-se também tomar crianças com valor referencial. Nesse caso o adjetivo poderá ser não-restritivo e então será possível a sua anteposição. Imaginemos um contexto maior:

109.a. A comemoração é um sucesso: crianças educadas recebem as autoridades, enquanto se providenciam as bebidas.

109.b. A comemoração é um sucesso: educadas crianças recebem as autoridades, enquanto se providenciam as bebidas.

Achamos oportuna a seguinte observação: sempre que interrogávamos falantes de português sobre o significado restritivo ou não-restritivo do adjetivo, a pergunta sendo feita apenas sobre a locução substantivo-adjetivo ou adjetivo-substantivo, a primeira resposta era sempre de que o adjetivo anteposto era não-restritivo, enquanto o posposto era restritivo. Entretanto, em contextos maiores, sempre se percebia um valor não-restritivo também para o adjetivo posposto. Ex:

110.a. Ele se encantou com os olhos verdes de Maria.

111.a. As águas eram tão claras que se via a areia alvíssima no fundo do rio.

112.a. Que problema difícil você está enfrentando!

113.a. Enfrentamos crises terríveis nesses últimos anos.

Entendemos que há uma tendência a se antepor o adjetivo não-restritivo, mas ele pode também ocorrer posposto:

4.1.2- Características fonológicas

Há uma característica fonológica que distingue os dois tipos de relativas: a existência de pausa entre a relativa não-restritiva e seu antecedente e entre ela e o que a segue, se não estiver em posição final; não existe pausa entre a restritiva e seu antecedente e nem entre ela e o que a segue, quando não está em posição final. A existência ou não das pausas é complementada por uma entonação característica de um e outro tipo de relativa. Na escrita as pausas que caracterizam a sentença não-restritiva são marcadas por vírgulas. Repetimos aqui as frases 86.a. e 90.a. como exemplos de não-restritivas e as frases 87.a. e 91.a. como exemplos de restritivas:

86.a. O homem, que é mortal, vive como se fosse eterno.

87.a. O homem que construiu esta casa não entende de arte.

90.a. Deus, que é onipotente, é infinitamente bom.

91.a. A água que sai das torneiras é muito suja.

Ao contrário do que ocorre com as sentenças relativas, não existe sempre uma diferença fonológica entre os dois tipos de adjetivos. Vejamos a frase 108.a. como exemplo de adjetivo restritivo e a frase 109.a. como exemplo de adjetivo não-restritivo:

108.a. Crianças educadas respeitam os mais velhos.

109.a. A comemoração é um sucesso: crianças educadas recebem as autoridades, enquanto se providenciam as bebidas.

A inexistência de distinção fonológica pode tornar ambígua muitas sentenças em que ocorrem adjetivos pois, fora do contexto, muitas vezes é difícil se precisar se um adjetivo

é restritivo ou não-restritivo:

114.a. A polícia prendeu os rapazes audaciosos neste bairro.

115.a. Os funcionários competentes desta repartição foram elogiados pelo diretor.

As frases 114.a. e 115.a. são ambíguas: os adjetivos audaciosos e competentes podem ser entendidos como restritivos e como não-restritivos. Pode-se entender 114.a. como: um conjunto referencial de rapazes em que todos os elementos são audaciosos e que foram presos neste bairro (adjetivo não-restritivo); um conjunto referencial de rapazes em que alguns elementos são audaciosos e estes são que foram presos neste bairro. Pode-se entender 115.a. como: um conjunto referencial de funcionários desta repartição em que todos os elementos são competentes e todos foram elogiados pelo diretor (adjetivo não-restritivo); um conjunto referencial de funcionários desta repartição em que há elementos competentes e incompetentes e só os primeiros é que foram elogiados pelo diretor (adjetivo restritivo).

Para que frases como 114.a. e 115.a. não sejam ambíguas, há a escolha de um dos procedimentos: usar uma entonação que caracteriza o adjetivo como sendo restritivo ou não-restritivo; antepor o adjetivo não-restritivo ao substantivo, conforme as frases 114.b. e 115.b.

114.b. A polícia prendeu os audaciosos rapazes neste bairro.

115.b. Os competentes funcionários desta repartição foram elogiados pelo diretor.

A entonação contrastiva pode ser, portanto, um recurso para que a frase não seja ambígua. Parece haver neste caso uma elevação da voz acompanhada de um prolongamento do adjetivo, quando ele é não-restritivo; quando o adjetivo é restritivo, há um abaixamento da voz depois da sílaba tônica do adjetivo.

4.1.3- Características sintéticas

4.1.3.1- O antecedente

Certas particularidades do antecedente parecem determinar a ocorrência de um ou outro tipo de relativa.

a) O determinante da LN antecedente da sentença relativa.

Há determinantes que ocorrem com os dois tipos de relativas, enquanto alguns só ocorrem com um determinado tipo de relativa (5).

Os demonstrativos ocorrem como determinantes numa locução nominal que só pode ser antecedente de uma sentença relativa não-restritiva. Entende-se que seja assim, pois os demonstrativos já indicam precisamente o ser ou os seres aos quais o falante se refere; não é necessária, portanto, uma sentença para especificar que se trata de uma certa classe de seres nomeados pelo substantivo, como faz a sentença restritiva. Estando já especificado pelo demonstrativo o ser ou a classe de seres, a sentença relativa que ocorrer será somente para ressaltar uma característica dessa classe de seres.

116.a. Estas matas, que são a riqueza da região, não devem ser devastadas.

* 116.b. Estas matas que são a riqueza da região não devem ser devastadas.

Portanto, o adjetivo que ocorre numa locução nominal que tem como determinante um demonstrativo, é não-restritivo. De acordo com nossa hipótese, pode ocorrer anteposto ao substantivo:

117.a. Estas matas ricas não devem ser devastadas.

117.b. Estas ricas matas não devem ser devastadas.

Os indefinidos algum, nenhum, todo, qualquer ocorrem como determinantes numa locução nominal que é antecedente de uma sentença relativa restritiva:

118.a. Nenhum obstáculo que encontre no caminho desanima o verdadeiro lutador.

- * 118.b. Nenhum obstáculo, que encontre no caminho, desanima o verdadeiro lutador.
- 119.a. Todo homem que é covarde não é respeitado.
- * 119.b. Todo homem, que é covarde, não é respeitado.
- 120.a. Qualquer pessoa que vier à festa será recebida.
- * 120.b. Qualquer pessoa, que vier à festa, será recebida.
- 121.a. Algum aluno que foi à excursão fará o relatório.
- * 121.b. Algum aluno, que foi à excursão, fará o relatório.

Se o antecedente for plural, parece não haver restrição quanto à ocorrência de sentenças relativas não-restritivas com determinantes indefinidos:

- 122.a. Todos os presentes que haviam participado da reunião anterior se levantaram.
- 122.b. Todos os presentes, que haviam participado da reunião anterior, se levantaram.
- 123.a. Alguns políticos que eram contrários àquelas medidas se calaram.
- 123.b. Alguns políticos, que eram contrários àquelas medidas, se calaram.

Com relação aos adjetivos, observam-se as mesmas ocorrências que vimos para as sentenças: os adjetivos que ocorrem em locuções nominais cujo determinante é um indefinido são restritivos; se o indefinido for plural podem ocorrer os dois tipos de adjetivos:

- * 124.a. Não existe nenhum perfeito crime.
- 124.b. Não existe nenhum crime perfeito.
- 125.a. Encontramos alguns caçadores corajosos na viagem.
- 125.b. Encontramos alguns corajosos caçadores na viagem.
- 126.a. Todo homem covarde não é respeitado.
- * 126.b. Todo covarde homem não é respeitado.
- 127.a. Todos os soldados valentes foram condecorados.
- 127.b. Todos os valentes soldados foram condecorados.

b) O antecedente é nome próprio

Quando o antecedente da sentença relativa é um nome próprio, esta sentença é restritiva, pois o nome já está suficientemente especificado, não é possível uma restrição de seu significado:

128.a. João, que é morador deste prédio, fez o discurso.

* 128.b. João que é morador deste prédio fez o discurso.

Poderemos ter restritiva com nome próprio como antecedente, quando essa relativa servir para distinguir pessoas ou coisas que têm o mesmo nome:

129.a. O João que mora neste prédio é que fez o discurso e não o João que mora na vila.

130.a. Caxias que fica no Rio de Janeiro é que é palco de muitos crimes; Caxias que fica no Rio Grande do Sul é que é a cidade do vinho.

Merece maior atenção o problema do adjetivo que acompanha nomes próprios. Dizem nossas gramáticas: o adjetivo que se refere a um nome próprio deve sempre anteceder-lo ou, se o seguir, deve vir separado do nome por vírgula, na escrita, o que corresponde a uma pausa na fala; o artigo que faz parte da locução nominal deve se deslocar junto com o adjetivo para depois do nome:

131.a. O famoso Camões escreveu Os Lusíadas.

131.b. Camões, o famoso, escreveu Os Lusíadas.

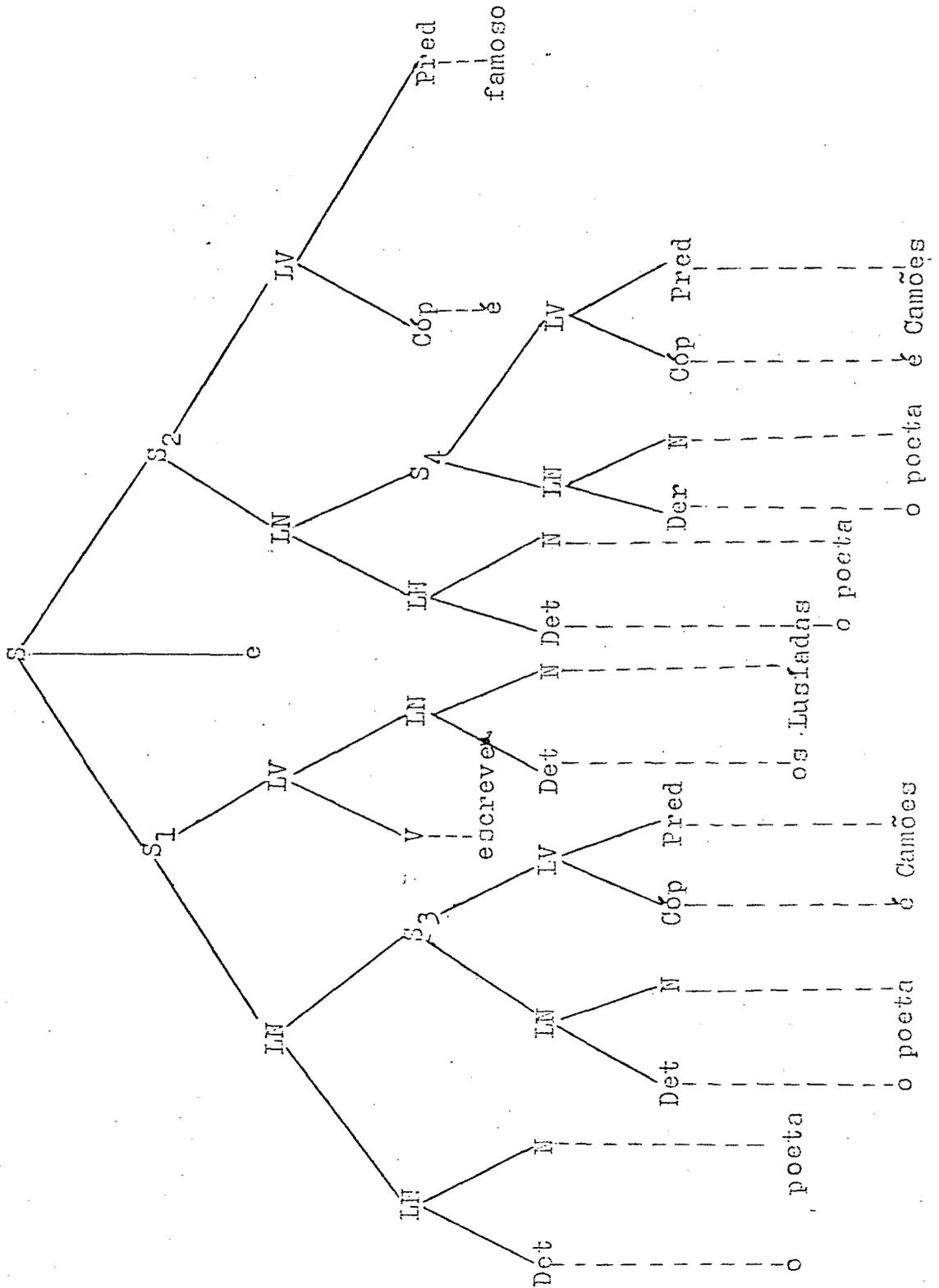
Em frases como estas, o adjetivo não é propriamente um adjunto do nome próprio, mas de um nome comum que se apagou e do qual o nome próprio também é um adjunto: o nome próprio é um adjunto restritivo e o adjetivo é não-restritivo. Assim, as frases 131 têm na estrutura profunda o nome poeta, que tem como adjunto restritivo Camões e como adjunto não-restritivo famoso. 131.c. representa a estrutura de 131.a. antes do apagamento do nome poeta:

131.c. O famoso poeta Camões escreveu Os Lusíadas.

A estrutura profunda das frases 131 está represen -

tada na figura 9

FIGURA 9 -



Dizemos que Camões é restritivo porque está nitidamente com sentido diferenciador: o poeta é Camões e não Gonçalves Dias, Fernando Pessoa ou qualquer outro; famoso é não-restritivo, não tem este sentido delimitador.

Um argumento para a afirmação de que em 131.a. há um nome que foi apagado é o emprego do artigo. Em linguagem formal não se admite tal emprego sem a suposição de um nome comum, já que o nome próprio Camões não se usa com artigo, o que se comprova por 131.b., quando o artigo aparece depois do nome próprio, precedendo o adjetivo.

O nome próprio aparece acompanhado de um adjetivo restritivo quando se quer distinguir pelo adjetivo pessoas ou coisas que têm o mesmo nome:

132.a. A Regina loura é que é minha prima e não a Regina morena.

4.1.3.2- Paráfrases

a) Sentenças relativas não-restritivas.

Podemos ter paráfrases de sentenças relativas não-restritivas substituindo o pronome relativo por um pronome pessoal:

86.a. O homem, que é mortal, vive como se fosse eterno.

86.b. O homem é mortal e ele vive como se fosse eterno.

Este procedimento não é possível com as relativas restritivas:

98.a. Os alunos que estudam aprendem.

? 98.b. Os alunos estudam e eles aprendem.

A sentença 98.b. não é sinônima de 98.a. .

É também possível obter paráfrase da sentença relativa não-restritiva apresentando-a como coordenada à sentença da qual ela é dependente:

86.c. O homem vive como se fosse eterno e ele é mortal.

Este procedimento também não é possível com as re.-

lativas restritivas:

? 98.c. Os alunos aprendem e eles estudam.

Observe-se, novamente, que a sentença 98.c. não é sinônima de 98.a.

b) As sentenças de adjetivos restritivos e não-restritivos.

A sentença de adjetivo não-restritivo pode ter as seguintes paráfrases, que não são possíveis com sentenças de adjetivo restritivo:

114.b. A polícia prendeu os audaciosos rapazes neste bairro.

114.c. A polícia prendeu os rapazes neste bairro e eles são audaciosos.

115.b. Os competentes funcionários desta repartição foram elogiados pelo diretor.

115.c. Os funcionários desta repartição foram elogiados pelo diretor e eles são competentes.

As sentenças de adjetivo restritivo podem ter paráfrases do tipo abaixo, as quais não equivalem às sentenças de adjetivo não-restritivo:

114.d. Os rapazes que a polícia prendeu neste bairro são os audaciosos.

115.d. Os funcionários desta repartição que foram elogiados pelo diretor são os competentes.

c) Possível valor circunstancial das sentenças relativas.

As gramáticas de Soares Barbosa e de Ernesto Carneiro Ribeiro (6) diferenciam as restritivas das não-restritivas dizendo que as segundas equivalem a orações introduzidas pelas conjunções ou locuções conjuntivas porque, visto que, ou outras análogas:

133.a. Os funcionários, que conhecem o regulamento da firma, o apoiaram naquela decisão.

133.b. Os funcionários, como conhecem o regulamento da firma, o apoiaram naquela decisão.

134.a. Os sábios, que são mais instruídos que o comum dos homens, deveriam também excedê-los em virtude.

134.b. Os sábios, visto que são mais instruídos que o comum dos homens, deveriam também excedê-los em virtude.

Entretanto esta correspondência não existe para todos os casos de relativas não-restritivas:

90.a. Deus, que é onipotente, é infinitamente bom.

? 90.b. Deus, porque é onipotente, é infinitamente bom.

99.a. Estas terras produzem milho, que é um ótimo alimento.

? 99.b. Estas terras produzem milho, porque é um ótimo alimento.

Esta diferença de comportamento entre frases como 133.a., 134.a. e as frases 90.a. e 99.a., nos levam a pensar que 133.a. e 134.a. são ambas formas de superfície de duas estruturas profundas diversas e que somente a estrutura não equivalente a uma oração adverbial é responsável pelo adjetivo na função de adjunto adnominal. Particularidades sintáticas, como a possibilidade de se antepor ao seu antecedente a sentença com valor circunstancial com as conjunções porque, visto que, ou outras análogas, e a impossibilidade de anteposição da sentença relativa ao seu antecedente parecem mostrar que uma sentença como 133.a. é ambígua: pode realmente ter um valor circunstancial ou ser uma relativa:

133.c. Como conhecem o regulamento da firma, os funcionários o apoiaram naquela decisão.

133.c. é possível pelo seu valor circunstancial: Se 133.a. tiver um valor realmente relativo, não será possível 133.b. ou 133.c. :

Quando uma sentença como 133.a., com sentido adverbial, isto é, correspondendo a 133.b., sofre transformações que a reduzem a um simples adjetivo, este adjetivo não é um adjunto adnominal; prova disso é que se ele sofrer uma transformação de extraposição, ficará anteposto à locução nominal inteira e não

ao nome simplesmente. Vejamos as frases 135:

135.a. Os meninos, que estavam temerosos, se afastaram do barranco.

135.a. tem duas interpretações, uma dá à sentença dominada um valor circunstancial e outra lhe dá um sentido relativo. Com sentido adverbial, podemos substituir o que por porque e trazer a sentença para antes de os meninos:

135.b. Porque estavam temerosos, os meninos se afastaram do barranco.

Se a sentença dominada em 135.b. se reduzir ao adjetivo somente, continua presente o sentido adverbial porque o adjetivo está anteposto à locução nominal os meninos e entre eles e a locução nominal continua a pausa:

135.c. Temerosos, os meninos se afastaram do barranco.

Os adjetivos que se originam de sentenças com valor adverbial gozam de uma liberdade muito maior de posição na frase e a pausa se mantém entre eles e o resto da frase:

135.d. Os meninos, temerosos, se afastaram do barranco.

135.e. Os meninos se afastaram do barranco, temerosos.

Se dermos à frase 135.a. uma interpretação relativa, o adjetivo que resultar de sua redução será adjunto adnominal e, como tal, está preso à locução nominal de que faz parte: não pode se deslocar para longe dela (como aconteceu com temerosos em 135.e.), não se separa dela por pausa (como aconteceu com temerosos em 135.d.) e, se sofrer uma transformação de anteposição, será para antes do nome somente e não para antes da locução nominal. 135.f. e 135.g. correspondem a 135.a. com sentido relativo:

135.f. Os temerosos meninos se afastaram do barranco.

135.g. Os meninos temerosos se afastaram do barranco.

Pelas considerações feitas acima é que não concordamos com Maria Cecília Perez de Souza e Silva⁽⁷⁾ a respeito da posição do adjetivo não-restritivo na locução nominal. Para a autora, o adjetivo que vem de uma sentença não-restritiva, na estrutura de superfície ou vem anteposto ao nome ou, se ficar

posposto, será separado do nome por pausa. Assim seriam sinônimas as frases (31), (31) (a) e (31) (b) (os exemplos são da autora):

"(31) A hospitaleira cidade recebia muitos visitantes".

"(31) (a) A cidade, que era hospitaleira, recebia muitos visitantes".

"(31) (b) A cidade, hospitaleira, recebia muitos visitantes".

A existência da pausa entre o adjetivo e o nome lhe dá um valor circunstancial. Para nós, uma frase como (30) pode ter uma estrutura subjacente (30) (a) ou (31) (a):

(30) A cidade hospitaleira recebia muitos visitantes.

(30) (a) A cidade que era hospitaleira recebia muitos visitantes.

Nossos gramáticos Soares Barbosa e Carneiro Ribeiro(8) apontam uma correspondência entre sentenças relativas restritivas e sentenças adverbiais iniciadas por se, quando(9). Soares Barbosa dá como exemplo dessa correspondência as frases:

"O homem justo dá a cada um o que é seu".

"O homem, quando é justo, dá a cada um o que é seu".

Os exemplos de Carneiro Ribeiro são os seguintes:

"A glória que vem da virtude tem um brilho imortal".

"A glória, se vem da virtude, tem um brilho imortal; quando vem da virtude, etc."

Entretanto essa correspondência não é verdadeira para todos os casos; As frases 100.b. e 100.c. não são sinônimas de 100.a. :

100.a. O milho que foi produzido nesta fazenda é de ótima qualidade.

* 100.b. O milho quando foi produzido nesta fazenda é de ótima qualidade.

? 100.c. O milho, se foi produzido nesta fazenda, é de ótima qualidade.

4.1.3.3- A negação

As sentenças relativas restritivas comportam-se diferentemente das não-restritivas com respeito à negação. Na sentença não-restritiva a negação da sentença matriz atinge todo o conjunto antecedente + sentença relativa, já que a relativa não significa uma limitação do antecedente.

89.a. A água, que é mole, fura a pedra, que é dura.

89.b. A água, que é mole, não fura a pedra, que é dura.

136.a. Aprecio feijoada, que é um prato brasileiro.

136.b. Não aprecio feijoada, que é um prato brasileiro.

Quando se trata de uma relativa restritiva, a negação atinge apenas a sentença relativa e não seu antecedente; a negação é sobre o subconjunto delimitado pela relativa:

137.a. O professor elogiou os alunos que estudaram.

137.b. O professor não elogiou os alunos que estudaram.

Em 137.b. pode-se entender que outros alunos foram elogiados, os que não estudaram. Em 136.b. não há possibilidade de se subentender apreciação a qualquer feijoada. Podemos ter 137.c. completando 137.b. mas não podemos ter 136.c. completando 136.b.:

? 136.c. Aprecio feijoada, que não é um prato brasileiro.

137.c. O professor elogiou os alunos que não estudaram.

Portanto, a negação, na sentença de adjetivo restritivo, atinge diretamente o adjetivo, isto é, o subconjunto delimitado pelo adjetivo, enquanto a negação, na sentença de adjetivo não-restritivo atinge toda a locução nominal. Assim, dando-se a audaciosos e competentes uma interpretação restritiva, as frases 114.f. e 115.f. podem ser continuação de 114.e. e 115.e., respectivamente:

114.e. A polícia não prendeu os rapazes audaciosos neste bairro

114.f. A polícia prendeu os rapazes que não eram audaciosos neste bairro.

115.e. Os funcionários competentes desta repartição não foram elogiados pelo diretor.

115.f. O diretor elogiou os funcionários desta repartição que não são competentes.

As frases 114.g. e 115.g. podem ser continuação de 114.e. e 115.e., respectivamente, se os adjetivos audaciosos e competentes forem entendidos como não-restritivos:

114.g. A polícia prendeu os audaciosos rapazes em outro bairro.

115.g. O diretor elogiou os competentes funcionários da repartição vizinha.

4.1.3.4- A interrogação

Quando a interrogativa encerra uma opção entre duas relativas que têm o mesmo antecedente, essas relativas são restritivas:

138.a. Os jogadores que fumam ou os que não fumam sentem menos cansaço?

139.a. Você prefere os romances que falam de amor ou os romances que falam de crimes?

Quando a interrogativa encerra uma opção entre antecedentes diversos, podem ocorrer os dois tipos de relativas:

140.a. Você gostou mais do vestido que eu fiz ou da blusa que você comprou?

141.a. Você prefere laranja, que contém vitamina C, ou carne, que é rica em proteínas?

A interrogativa que pede uma opção entre dois adjetivos que acompanham um mesmo nome só pode conter adjetivos restritivos:

142.a. Você prefere laranjas doces ou laranjas azedas?

143.a. Você gosta de filmes alegres ou de filmes tristes?

As interrogativas com adjetivo restritivo pode-se responder como em 145.a., em que ocorre o mesmo substantivo da interrogação e um adjetivo de sentido contrário ao adjetivo de

pergunta. As interrogativas com adjetivo não-restritivo só se pode responder sim ou não:

144.a. Você gosta de café forte?

145.a. Não, prefiro café fraco.

146.a. Todos aplaudiram o severo regulamento? — Sim / Não.

O interrogativo empregado nas sentenças de adjetivo restritivo é que ou qual, enquanto o interrogativo empregado nas sentenças de adjetivo não-restritivo é como:

147.a. Que malfeitores a polícia prendeu neste bairro?
— Os perigosos.

148.a. Que funcionários desta repartição o diretor elogiou?
— Os competentes.

149.a. Como são os malfeitores que a polícia prendeu neste bairro?
— Perigosos.

150.a. Como são os funcionários desta repartição que o diretor elogiou?
— Competentes.

4.1.3.5- O subjuntivo

As sentenças relativas não-restritivas só podem apresentar o verbo no modo indicativo. Das restritivas, algumas apresentam o verbo no indicativo e outras no subjuntivo:(10)

151.a. Procuro pessoas que entendem de flores.

152.a. Procuro pessoas que entendam de flores.

* 153.a. Estas pessoas, que entendam de flores, são os donos da floricultura.

Vimos em 4.1 as características semânticas e formais que distinguem os dois tipos de sentenças relativas e os adjetivos restritivos e não-restritivos, os quais são o que resulta na superfície de uma transformação de apagamento aplicada às sentenças relativas. Essas diferenças semânticas e for -

mais entre a restrição e a não-restrição devem ser explicadas por estruturas profundas diferentes das frases de um e de outro tipo. Em 4.2 vamos analisar essas estruturas:

4.2- Estrutura Profunda das Sentenças Relativas

A exceção de Sandra Annear (11), que dá a mesma estrutura profunda para as sentenças relativas restritivas e para as não-restritivas (orações independentes inseridas por transformação), os trabalhos de gramática gerativa transformacional têm apresentado as relativas de um e de outro tipo como tendo estruturas profundas diferentes. Não discutiremos a posição de Sandra Annear, já que ela implica conceitos como foco, posição, para diferenciar os dois tipos de relativas, e nós estamos dando ao problema um tratamento conforme a teoria padrão.

Não é nosso propósito discutir neste trabalho as diversas propostas para um e outro tipo de relativas(12). Adotaremos aqui as seguintes estruturas profundas:

A sentença relativa restritiva é um constituinte da locução nominal, conforme a regra número 2:

$$R.2. \quad LN \longrightarrow LN + S$$

As sentenças relativas não-restritivas são sentenças coordenadas na estrutura profunda, conforme a regra número 1 :

$$R.1. \quad S \longrightarrow e. \quad S_n$$

A figura 10 representa a estrutura da sentença 114.a. com o adjetivo restritivo, enquanto a figura 11 representa a mesma sentença, com o adjetivo não-restritivo:

FIGURA 10 -

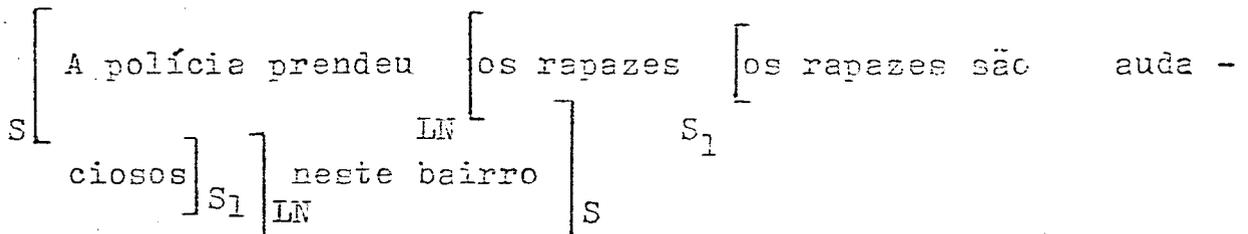
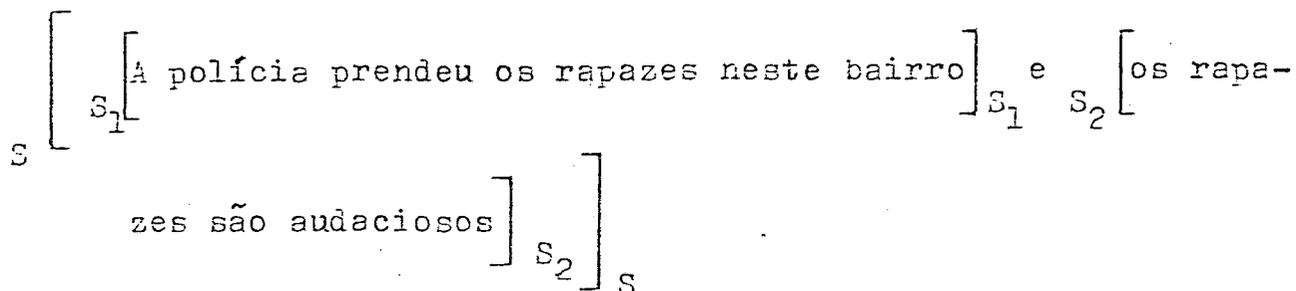


FIGURA 11 -



O argumento básico para atribuir origem coordenada à sentença relativa não-restritiva é a sua sinonímia com sentenças coordenadas. Esta sinonímia foi constatada por nós em 4.1.3:2. Lakoff(13) chama atenção ainda para o fato de ser impossível a ocorrência de relativa não-restritiva com locuções nominais que tenham "no" ou "any" como determinante. Os exemplos que dá são:

- (80) 1.a. No student who was a friend of mine left early.
 * b. No student, who was a friend of mine, left early.
 2.a. Any girl who can lift 500 pounds can beat up Harry.
 * b. Any girl, who can lift 500 pounds, can beat up Harry.

Se derivarmos as não-restritivas de coordenadas, a agramaticalidade dos exemplos(81) justifica a agramaticalidade de (80)b:

- (81) * 1. No student left early and he was a friend of mine.
 * 2. Any girl can beat up Harry and she can lift 500 pounds.

Vamos tomar um e outro tipo de sentenças relativas que contêm adjetivos e, a partir de sua estrutura profunda, aplicar as transformações necessárias até que cheguemos à regra de extraposição do adjetivo para antes do nome, a qual só se aplicará, segundo nossa hipótese, aos adjetivos que vêm de sentenças relativas não-restritivas.

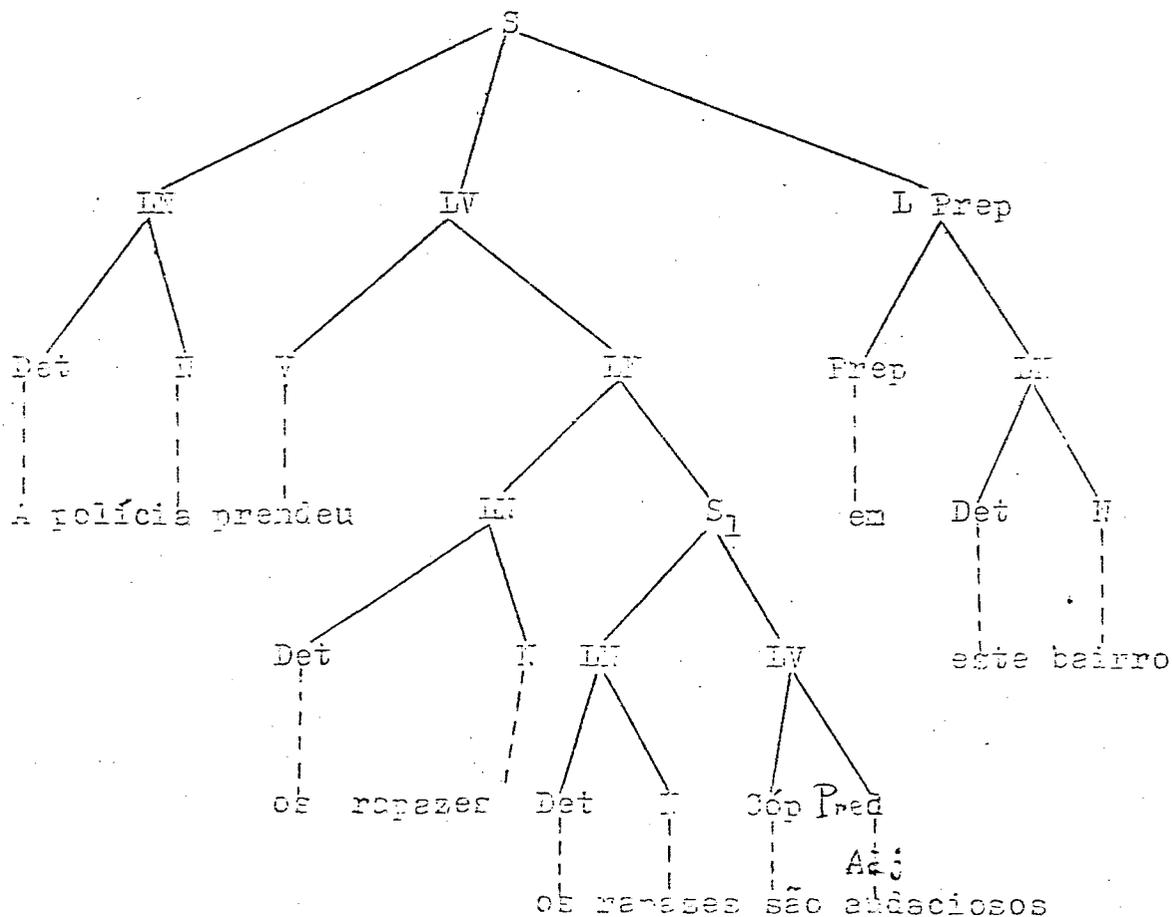
4.2.1- Sentenças relativas restritivas

114.a. A polícia prendeu os rapazes audaciosos neste bairro.

Como já dissemos, 114.a. é ambígua: audaciosos pode ser um adjetivo restritivo ou um adjetivo não-restritivo. Vamos dar-lhe a interpretação restritiva e apresentar o diagrama de estrutura profunda de 114.a., conforme a figura 12. Depois aplicaremos as transformações necessárias para que tenhamos a estrutura de superfície de 114.a. .

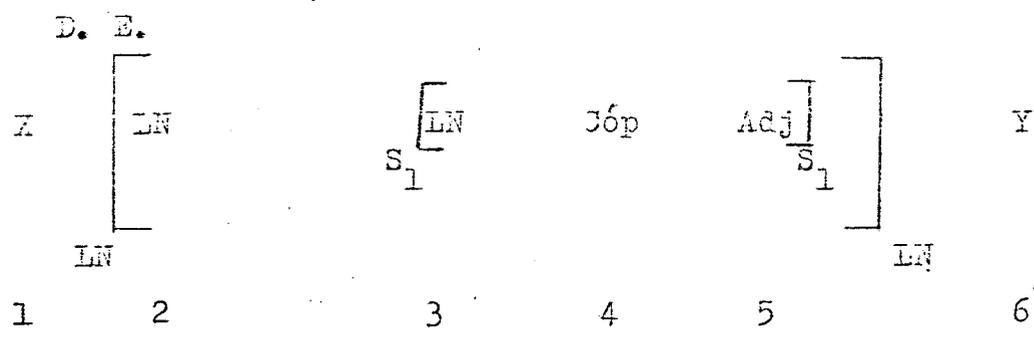
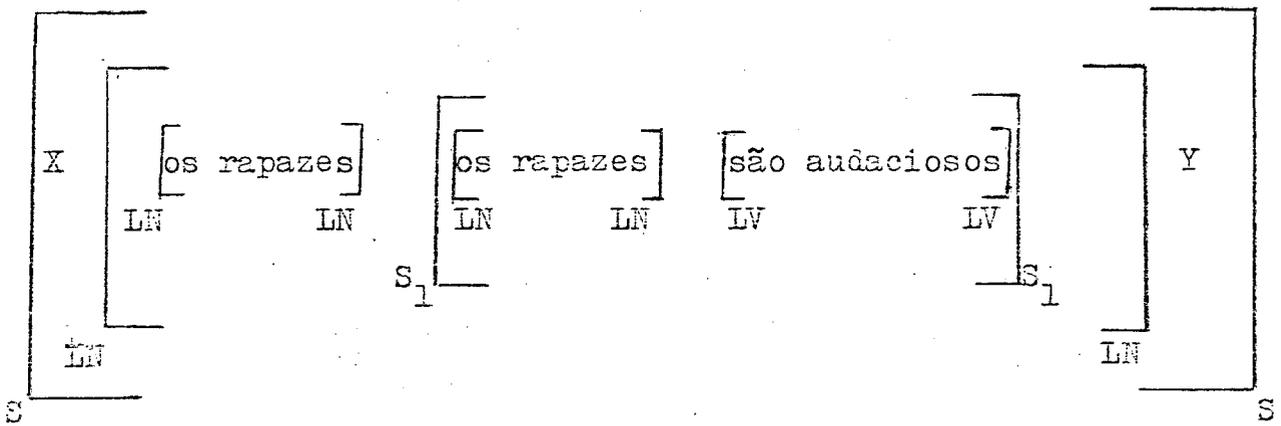
Observação: não colocaremos no diagrama alguns constituintes, como o Aux, para simplificar a figura, já que não há implicação direta desses constituintes no problema que estamos abordando.

FIGURA 12 -



A sentença terá que sofrer uma transformação de relativização. É uma transformação obrigatória, já que sem ela a frase será agramatical.

Para que se aplique a transformação de relativização é preciso que haja identidade semântica, sintática e referencial entre a LN da sentença matriz e a LN da sentença dominada. Esta transformação consiste em substituir a LN da sentença dominada por um pronome relativo. Assim, tomando da figura 12 o que nos interessa para a aplicação desta transformação, temos a seguinte descrição estrutural, a qual possibilitará a aplicação da T-rel:



T-rel
 obr

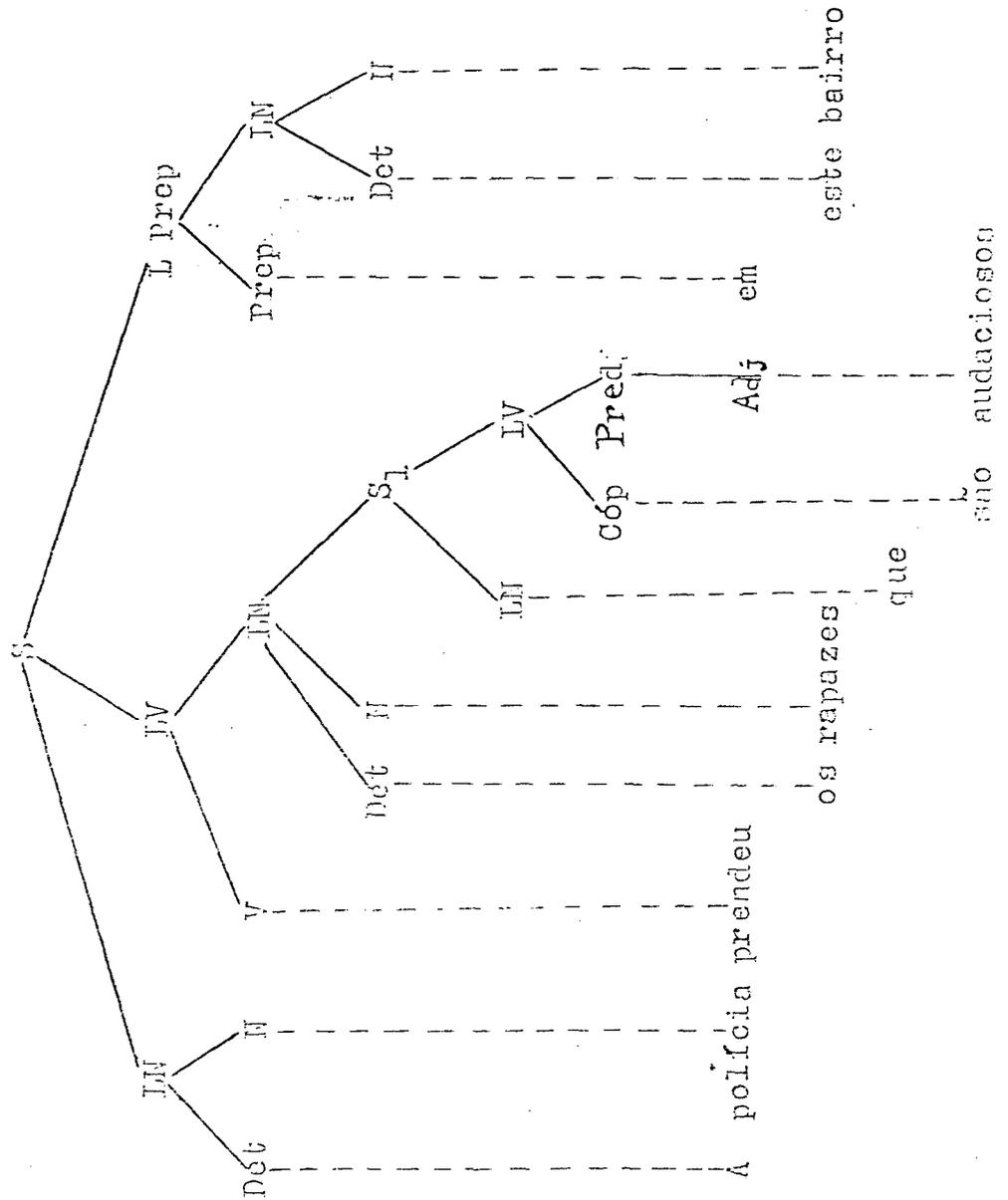
1 2 3 4 5 6

[+ Pro
 +Rel]

Condição : 3=2

Após a aplicação da T-rel teremos a estrutura re-
presentada pela figura 13:

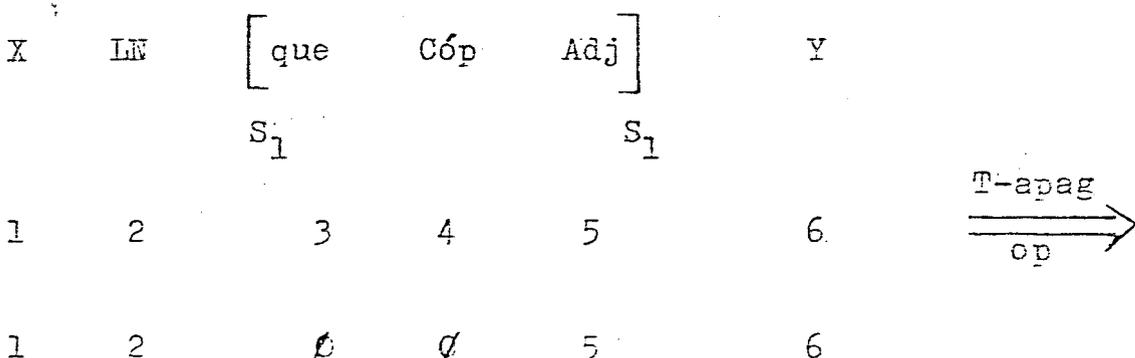
FIGURA 13 -



Depois de aplicada a transformação de relativização, pode-se aplicar uma transformação de apagamento, a qual fará com que, da sentença dominada, só reste o adjetivo. Esta transformação é opcional pois, mesmo que ela não se aplique, a sentença será gramatical.

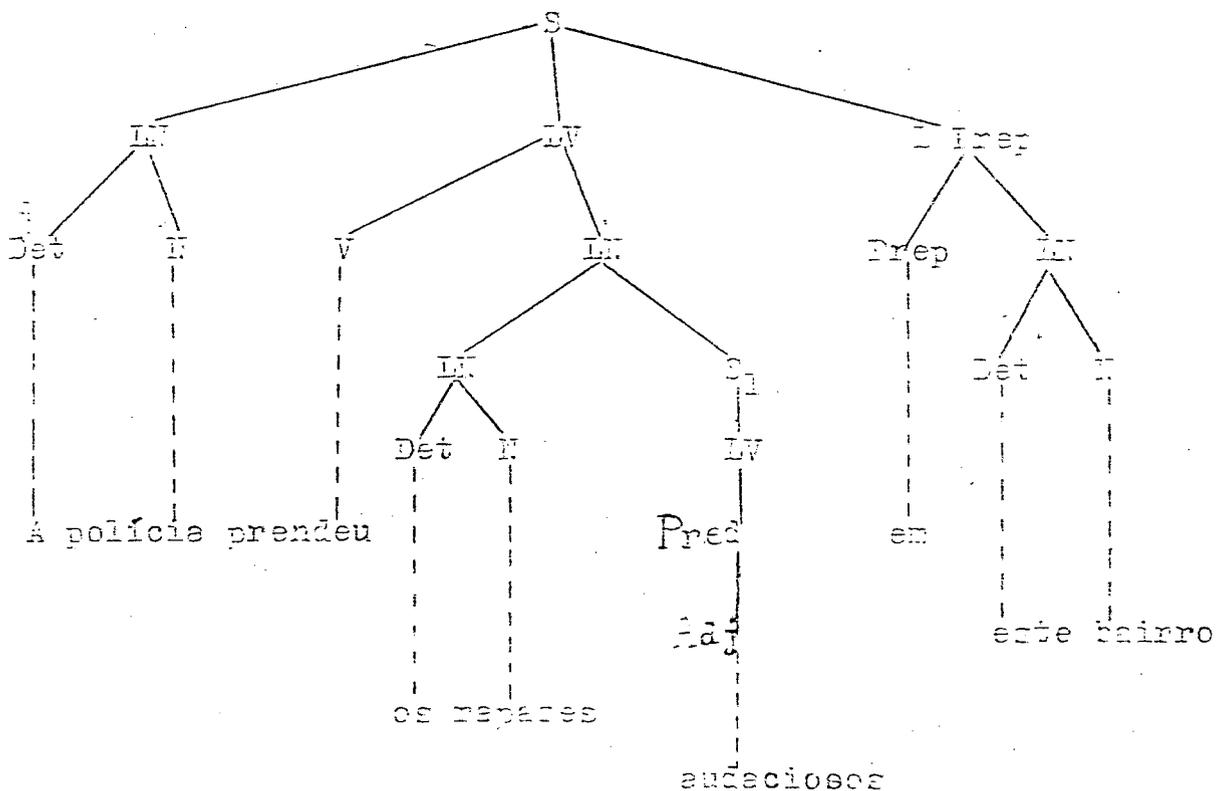
Transformação de apagamento:

D.E:



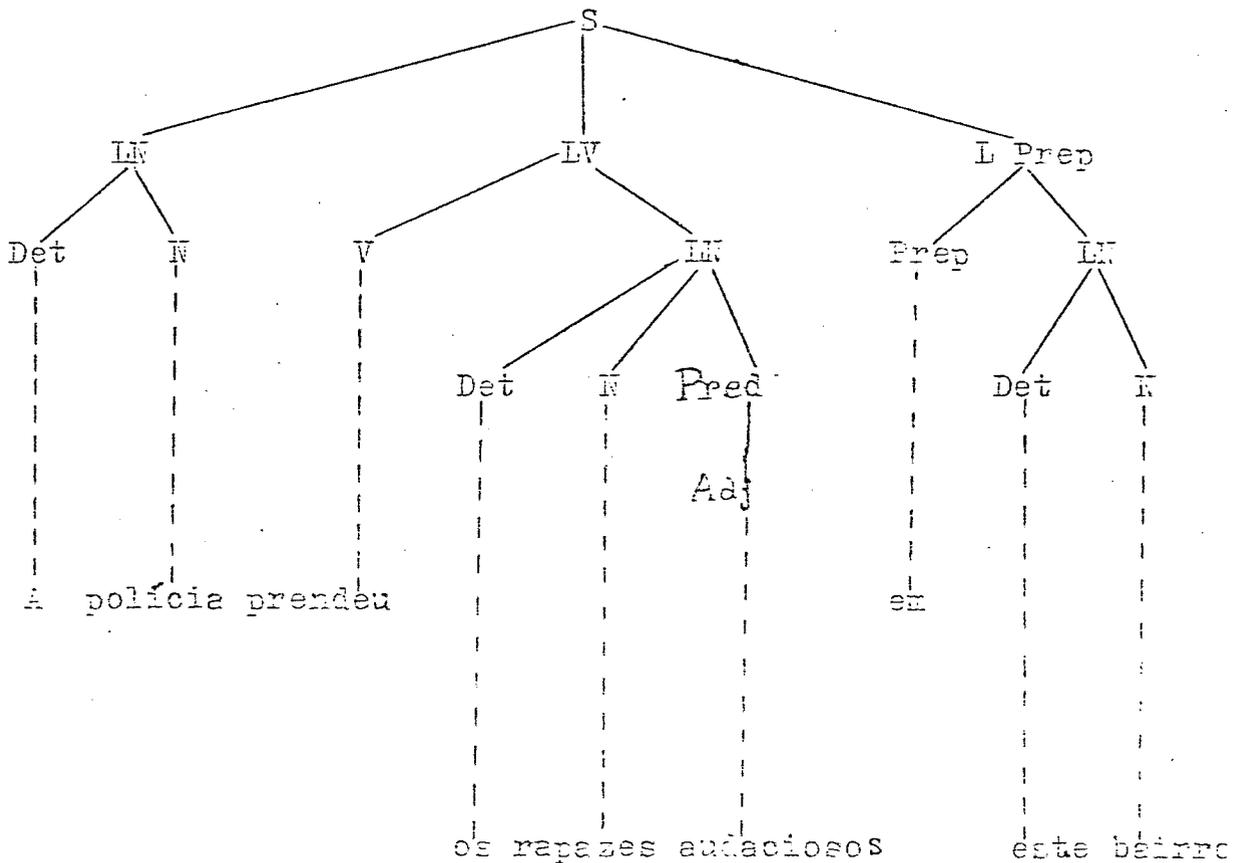
A figura 14 representa a estrutura da sentença após a aplicação da transformação de apagamento:

FIGURA 14 -



A transformação de apagamento causa o desaparecimento da sentença dominada pois, de acordo com a regra de "tree-punning", postulada por Ross(14), deve-se apagar qualquer nóculo da sentença dominada que não se ramifique. Na figura 14, S_1 se reescreve apenas como Adj, portanto S_1 se apaga e o Adj se reescreve como constituinte da LN. A figura 15 representa a estrutura da sentença após a aplicação de "tree-punning".

FIGURA 15 -



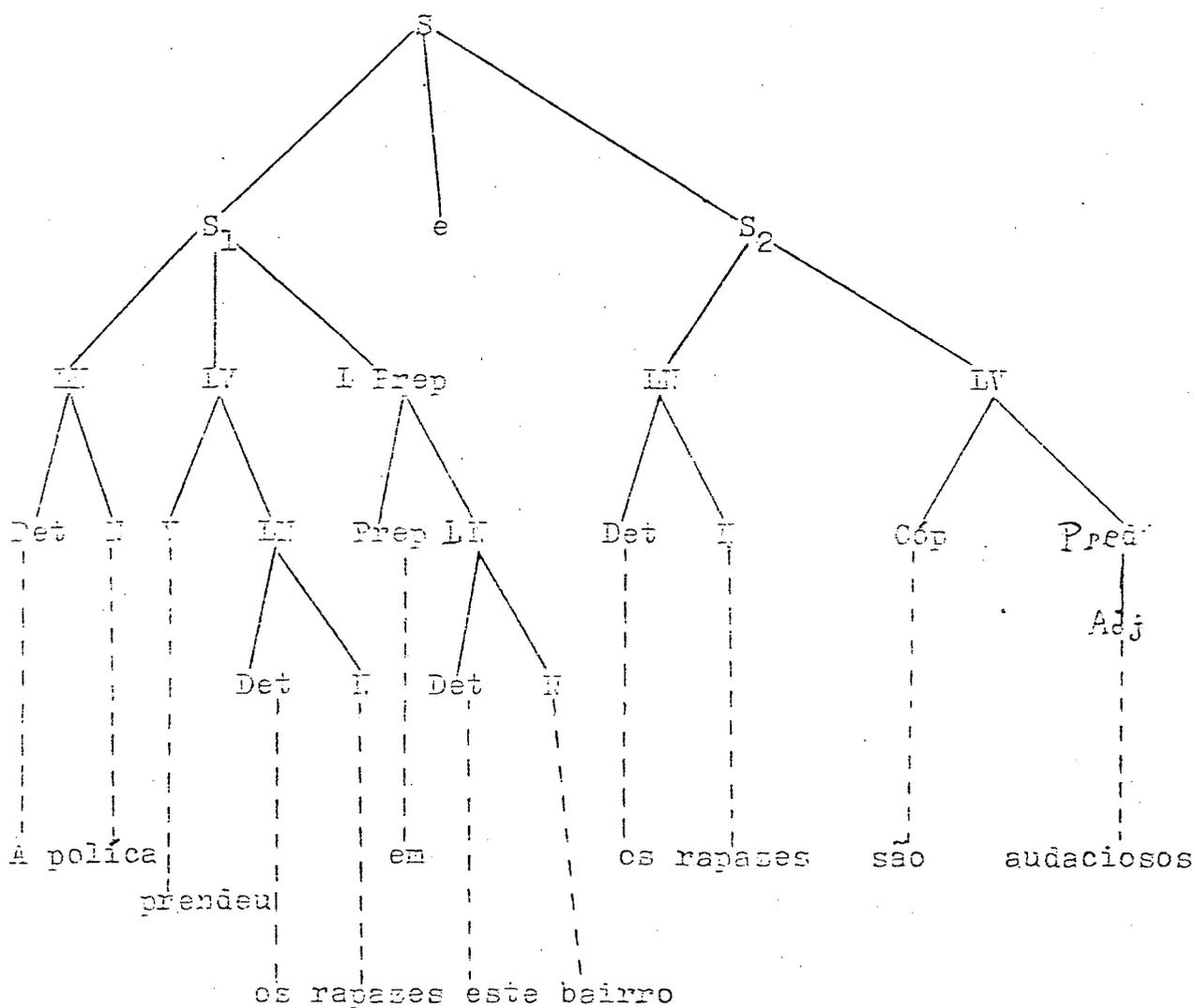
Temos agora a estrutura da sentença 114.a. De acordo com a nossa hipótese, não pode ser aplicada a transformação de extraposição do adjetivo, pois ele vem de uma sentença relativa restritiva.

4.2.2- Sentenças relativas não-restritivas

Na estrutura profunda, a sentença relativa não-restritiva é coordenada a uma outra sentença que apresenta uma locução nominal idêntica à sua locução nominal sujeito. Uma transformação desloca a sentença para junto da locução nominal que é idêntica à sua locução nominal sujeito, criando assim condições para a aplicação da transformação de relativização:

Vamos examinar a estrutura profunda e as transformações pelas quais passa uma sentença que contém adjetivo não-restritivo até chegar à sentença com o adjetivo anteposto ao nome. Tomemos a sentença 114.b., cuja estrutura profunda está representada na figura 16:

FIGURA 16 -



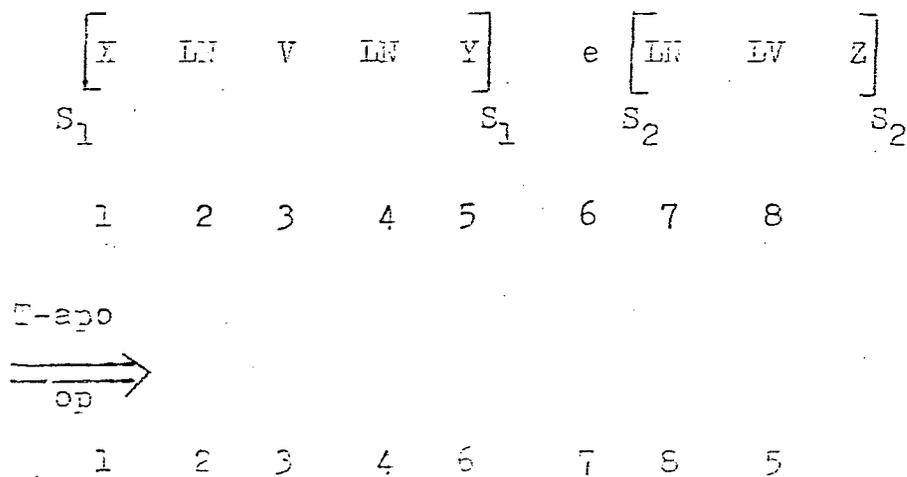
A estrutura representada pela figura 16 pode-se aplicar ou a transformação de pronominalização, ou a transformação de aposição.

Aplicando-se a transformação de pronominalização, teremos a frase 114.c. .

114.c. A polícia prendeu os rapazes neste bairro e eles são audaciosos.

Aplicando-se a transformação de aposição teremos a estrutura que permitirá a aplicação da transformação de relativização. A transformação de aposição consiste: no deslocamento de S_2 para o domínio da LN de S_1 que é idêntica à LN sujeito de S_2 ; no deslocamento da conjunção e junto com S_2 , isto é, ficando presa a S_2 .

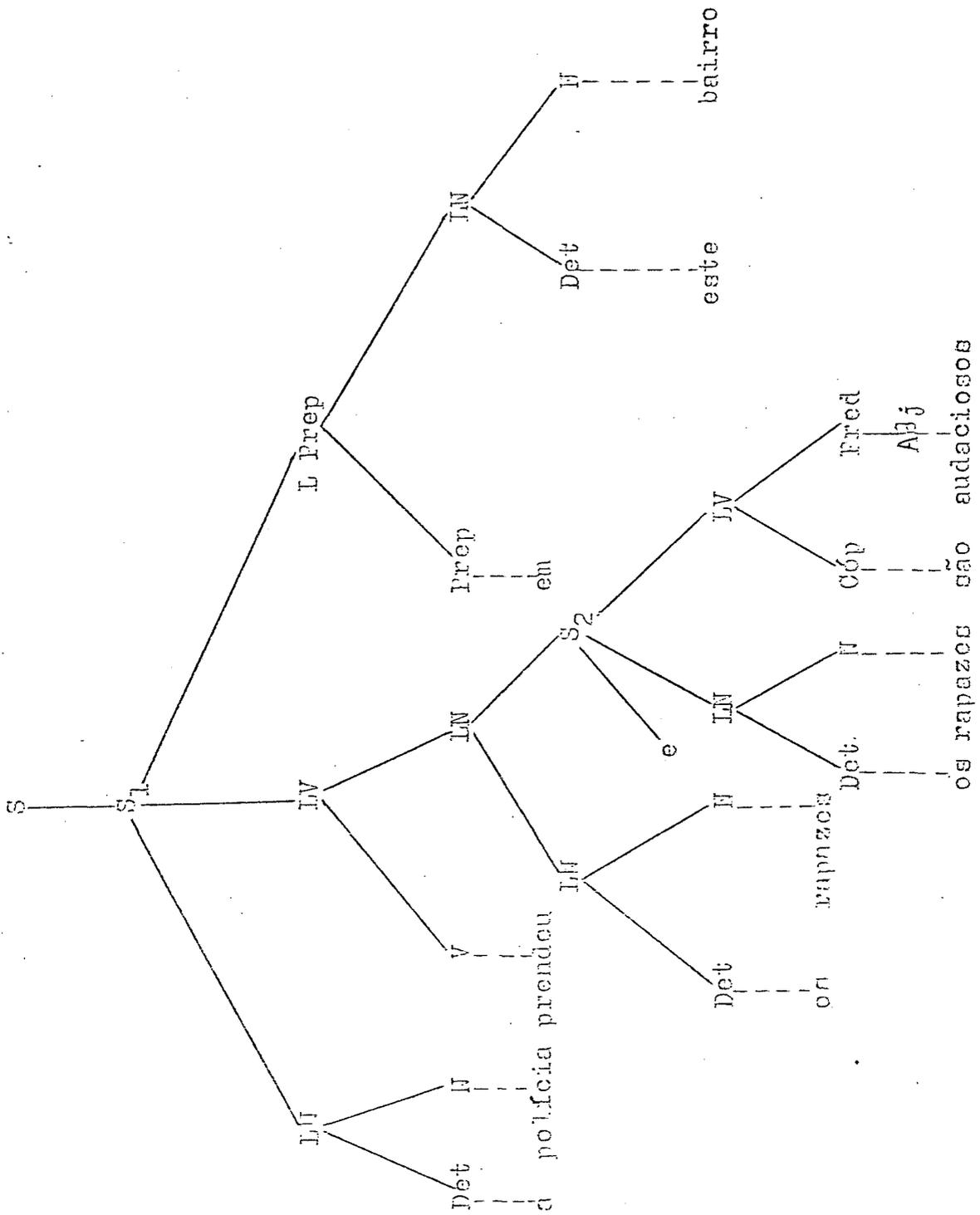
D.E.



Condição: 7 = 4

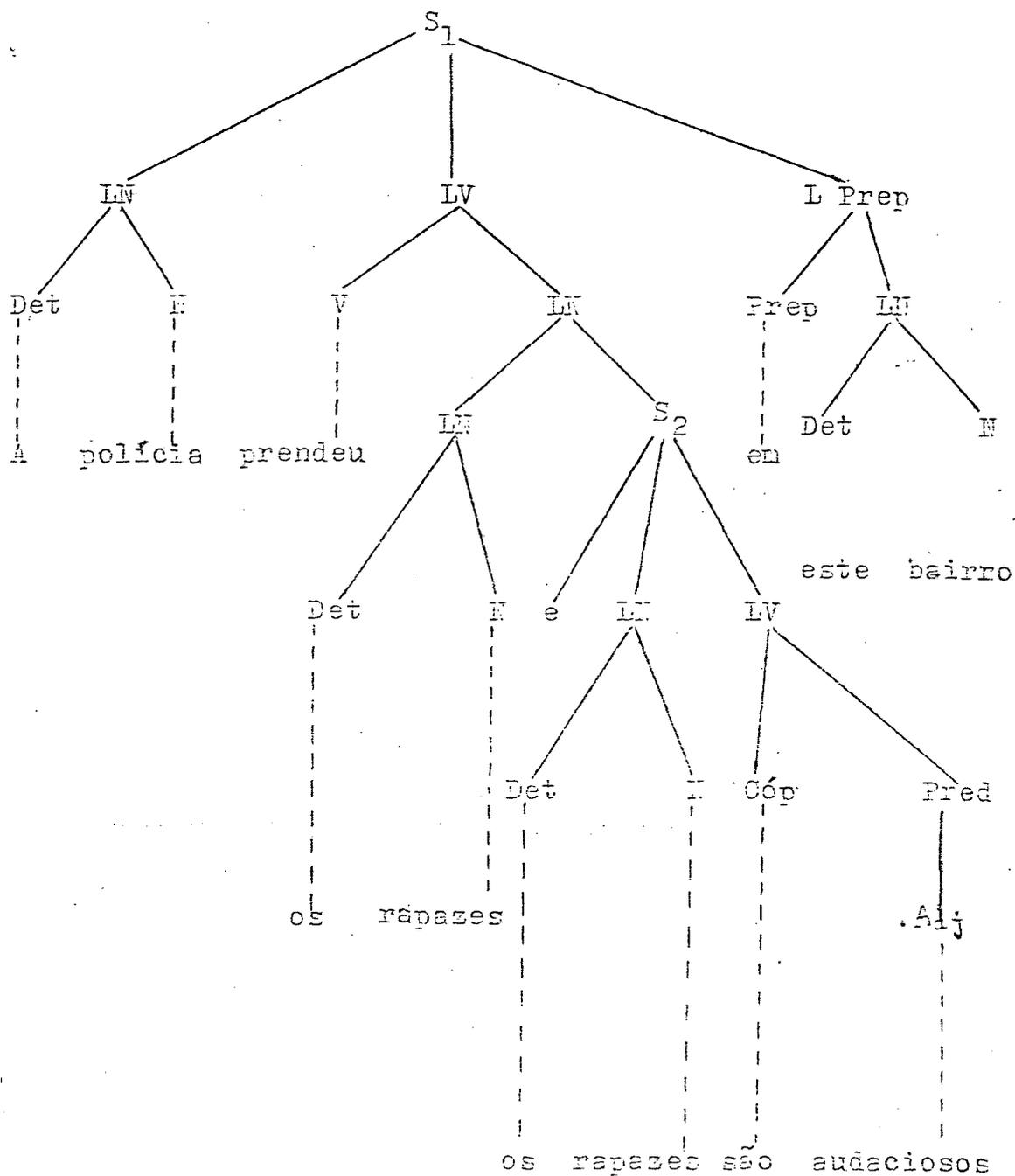
A figura 17 representa a estrutura da frase após a aplicação de T-apo:

FIGURA 17 -



A estrutura da figura 17 aplica-se o "tree-punning": S é um nóculo que não se ramifica, portanto deve ser apagado. A figura 18 representa a estrutura da frase após a aplicação de "tree-punning".

FIGURA 18 -



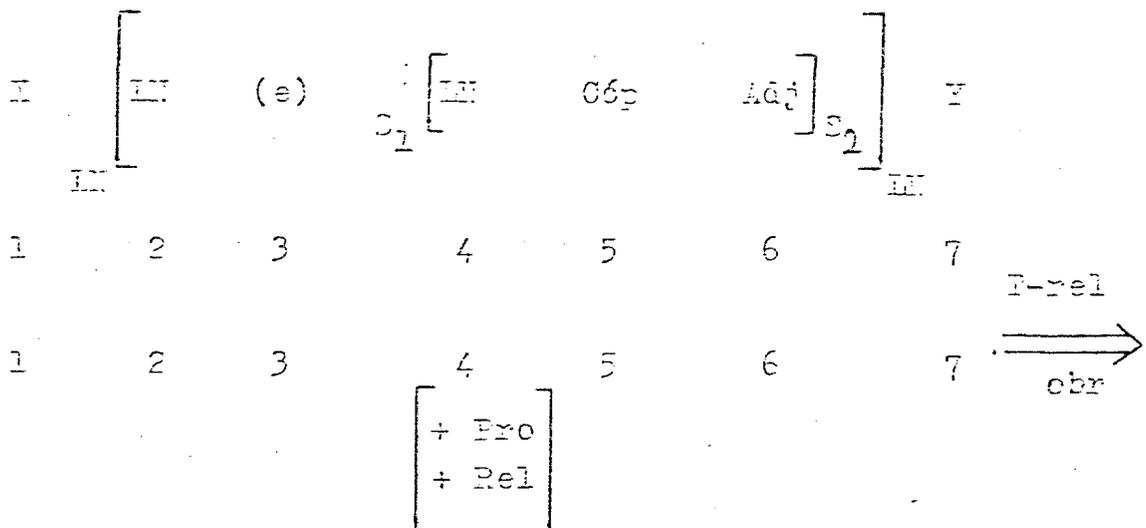
A estrutura representada pela figura 18 permite ainda a aplicação da transformação de pronominalização, cujo resultado será a frase 114.d.

114.d. A polícia prendeu os rapazes, e eles são auidas -
ciosos, neste bairro.

Em lugar da transformação de pronominalização, pode-se aplicar a transformação de relativização à estrutura da figura 18, pois ela apresenta as condições para que tal transformação se aplique: uma LN de uma sentença dominada idêntica à LN da sentença matriz:

Já vimos como se processa a transformação de relativização quando tratamos das sentenças relativas restritivas, em 4.2.1. Entretanto, há um elemento diferenciador das sentenças restritivas e não-restritivas, neste ponto da derivação: a presença da conjunção e nas não-restritivas e a ausência dessa conjunção nas restritivas. Para que uma única regra dê conta da relativização dos dois tipos de sentenças basta colocar o elemento e como opcional. Temos agora a regra transformacional de relativização:

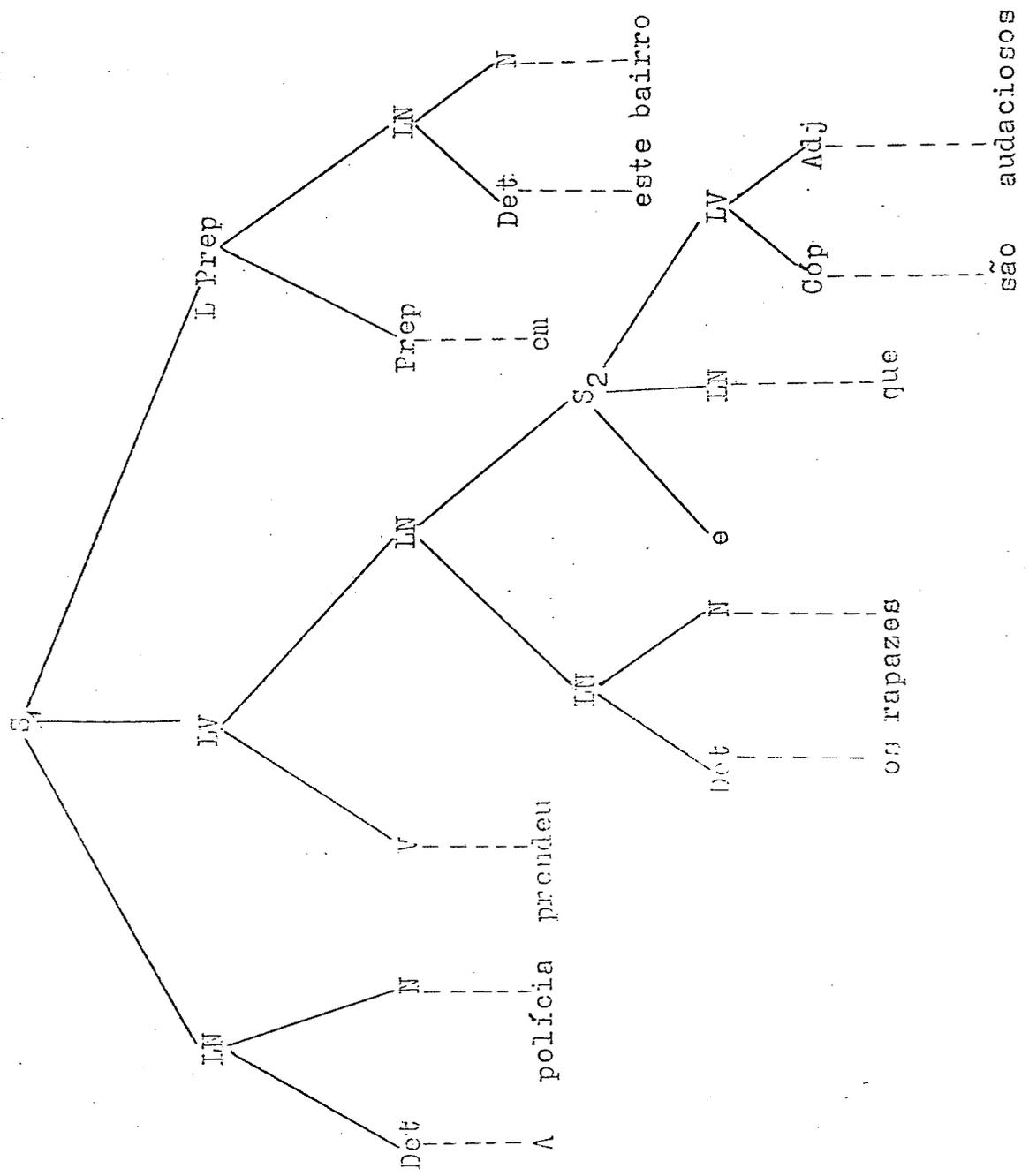
D.E.



Condição: 4 = 2

A figura 19 representa a estrutura da frase após a aplicação da transformação de relativização

FIGURA 19 -



O passo seguinte será o apagamento do e, substituindo-o por uma pausa. A pausa será a indicação para o componente fonológico marcar a distinção entre os dois tipos de relativas, já que ela não existe para as restritivas.

D.E:

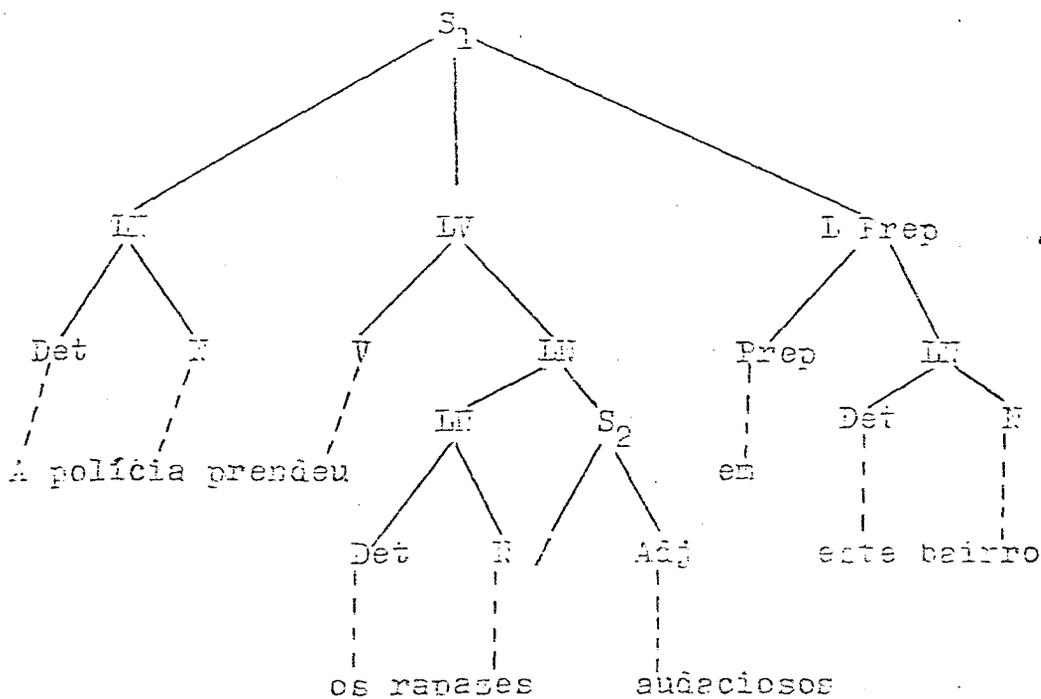
X	LN	e	que	Cóp	Adj	Y	
1	2	3	4	5	6	7	T-pausa
							→
							obr
1	2	/	4	5	6	7	

Esta transformação já nós dá a frase 114.e., que é uma frase gramatical.

114.e: A polícia prendeu os rapazes, que são audaciosos, neste bairro.

A frase 114.e. pode sofrer a transformação de apagamento do que + Cóp, da qual resultará apenas o adjetivo e a pausa como constituintes da frase, conforme a figura 20.

FIGURA 20 -

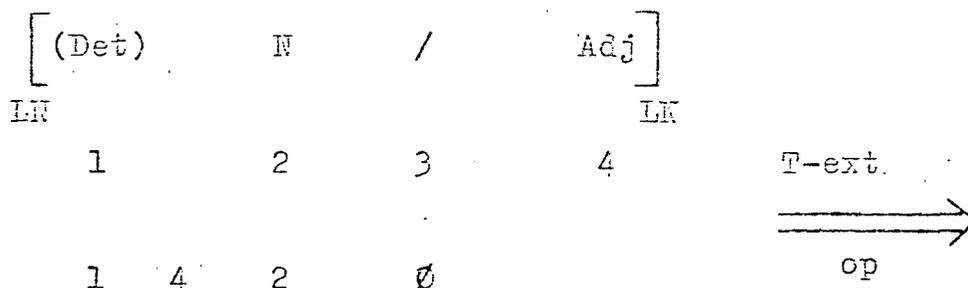


De acordo com nossa hipótese, só podem ocorrer antepostos ao nome os adjetivos que vêm de uma sentença relativa não-restritiva. A marca de pausa é, pois, a condição para que se processe a transformação de extraposição, pois ela caracteriza os adjetivos não-restritivos.

Sobre a estrutura representada pela Figura 20, portanto, pode-se aplicar a transformação de extraposição, da qual resultará a frase 114.b:

A transformação de extraposição do adjetivo consiste em deslocá-lo para imediatamente antes do nome, ao mesmo tempo que se apaga a pausa.

D.E:



Temos então a frase 114.b.

114.b: A polícia prendeu os audaciosos rapazes neste bairro.

A transformação de extraposição é opcional. Se ela não se aplicar, aplica-se obrigatoriamente apenas o apagamento da pausa, pois, como já vimos em 4.1.2., não há distinção fonética entre o adjetivo restritivo e o adjetivo não-restritivo.

4.3- Evidências a Favor desta Hipótese

Neste capítulo estamos tentando provar a hipótese de que a condição necessária para que um adjetivo ocorra anteposto ao nome é o fato de ele resultar de uma sentença relativa não-restritiva. Esta hipótese implica a gramaticalidade de sentenças como:

- 39.b. A inteligente menina acertou o ditado.
 40.b. Fizemos interessantes passeios na excursão.
 42.b. Os bonitos quadros da exposição foram vendidos.
 47.b. O amargo sabor desta fruta nos enjoa.
 48.b. Os duros colchões de crina fazem bem à saúde.
 49.b. Redondas toalhas cobriam as mesas de jantar.
 50.b. Os verdes olhos de Maria me agradam.
 51.b. Um largo rio banha a cidade.

Entretanto, a hipótese estudada no capítulo III, a da marcação do adjetivo no léxico com o traço [+ gradação], também explica a gramaticalidade das frases acima. Porém, a agramaticalidade das sentenças seguintes não é explicada pela marca de [+ gradação] no léxico:

- * 43.b. Comprei dois quadros, um bonito e um feio, mas o bonito quadro foi roubado.
- * 83.b. Gosto de doce laranja e não de azeda laranja.
- * 85.b. Não compro azedas laranjas, compro doces laranjas.

A origem restritiva dos adjetivos das frases 43.b., 83.b., 85.b. é que torna impossível a sua anteposição ao nome. De acordo com a primeira hipótese poderia ocorrer a anteposição daqueles adjetivos, pois eles são marcados no léxico com [+ gradação].

A origem restritiva ou não-restritiva explica a ambigüidade de frases como 40.a., o que a primeira hipótese, a da marcação no léxico, não conseguia fazer:

40.a. Fizemos passeios interessantes na excursão.

A favor da consideração da estrutura da sentença como determinando a possibilidade de anteposição do adjetivo ao nome está também o fato de que, vindo de outras estruturas que não as de sentenças-relativas, o adjetivo pode ocupar posições diversas das que ele ocupa como adjunto. Vejamos a ocorrência do adjetivo como predicativo em predicados simples e como predicativo nos casos que Leda Bisol (15) chama de predicados complexos, os quais são chamados de predicados verbo-nominais por nossas gramáticas tradicionais:

Predicados simples, ou predicados nominais, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira: como predicativo na estrutura de superfície, o adjetivo pode se antepor à locução nominal sujeito, mas não apenas ao nome, quer a cópula esteja presente, quer tenha sido apagada:

- 154.a. O acordo foi difícil.
- 154.b. Foi difícil o acordo.
- 154.c. Difícil foi o acordo.
- * 154.d. Foi o difícil acordo.
- 155.a. A safra foi ruim, os preços baixos.
- 155.b. A safra foi ruim, baixos os preços.
- * 155.c. A safra foi ruim, os baixos preços.

Predicados verbo-nominais: o adjetivo que, na estrutura de superfície, é predicativo do sujeito ou do objeto, também não pode ocorrer anteposto ao nome; poderá vir anteposto à locução nominal toda:

- 156.a. O menino chega cansado.
- 156.b. Chega o menino cansado.
- 156.c. Chega cansado o menino.
- ? 156.d. O cansado menino chega.
- ? 156.e. Chega o cansado menino.
- 157.a. Luís julga o irmão inocente.
- 157.b. Luís julga inocente o irmão.
- 157.c. Inocente, Luís julga o irmão.
- ? 157.d. Luís julga o inocente irmão.

É evidência da agramaticalidade da anteposição do adjetivo ao nome, quando ele não é seu adjunto, o fato de o adjetivo não poder fazer parte da interrogativa:

- 158.a. Quem Luís julga?
- ? 158.b. O inocente irmão.

Também a impossibilidade de negativas como a frase 159.a., evidencia que não se pode antepor o predicativo ao nome:

- ? 159.a. Luís não julga o inocente irmão.

A frase 159.b. mostra que a anteposição do adjetivo deve ser à locução nominal toda:

159.b. Luís não julga inocente o irmão (julga-o culpado).

Nos casos em que é facultativo o emprego da preposição antes do adjetivo, também se mostra a impossibilidade de se antepor o adjetivo, na função de predicativo, ao nome apenas:

160.a. Os amigos chamam o professor (de) sábio.

160.b. Os amigos chamam (de) sábio o professor.

160.c. (de) sábio, os amigos chamam o professor.

? 160.d. Os amigos chamam o (de) sábio professor.

As estruturas de superfície em que o adjetivo é predicativo de uma locução nominal objeto podem ser homônimas daquelas em que o adjetivo é um adjunto adnominal. Esta ambigüidade pode ser desfeita da seguinte forma:

- antepondo o adjetivo à locução nominal, no caso de ele ser predicativo;
- antepondo o adjetivo ao nome, no caso de ele ser adjunto e ser um adjetivo não-restritivo;
- mantendo o adjetivo posposto ao nome, no caso de ele ser adjunto e ser um adjetivo restritivo.

Consideremos a frase 161.a.:

161.a. Deus criou os homens fracos.

a) Deus criou os homens fracos, os fortes não foram criados por Deus. Nesta interpretação o adjetivo fracos é adjunto adnominal restritivo, isto é, vem de uma sentença que na estrutura profunda é subordinada à locução nominal os homens. Neste caso o adjetivo só pode ocorrer posposto ao nome.

b) Deus criou os homens e os homens são fracos. Nesta interpretação o adjetivo fracos é adjunto adnominal não-restritivo, isto é, vem de uma sentença que na estrutura profunda é coordenada à sentença Deus criou os homens. Neste caso o adjetivo pode se deslocar para imediatamente antes do nome, mas depois do artigo:

161.b. Deus criou os fracos homens.

c) Deus criou os homens fracos, não os criou fortes. Nesta interpretação o adjetivo fracos é predicativo do objeto direto. Neste caso o adjetivo pode vir anteposto à locução nominal os homens ou ocorrer no início da sentença:

161.c. Deus criou fracos os homens.

161.d. Fracos Deus criou os homens.

A transformação para a passiva também desfaz a ambigüidade entre o adjetivo na função de adjunto e na função de predicativo: quando adjunto, o adjetivo se desloca com o substantivo, pela transformação; quando predicativo, o adjetivo se separa do nome, pela transformação:

161.e. Os homens fracos foram criados por Deus.

161.f. Os homens foram criados fracos por Deus.

4.4- Inconveniências desta Segunda Hipótese

Neste capítulo estamos comprovando que a estrutura da frase é responsável pela possibilidade de o adjetivo ocorrer anteposto ao nome. Entretanto, vemos que também esta hipótese apresenta alguns inconvenientes:

1) Ela não explica a agramaticalidade de frases em que o adjetivo pode ser não-restritivo, como as frases:

* 53.b. Retangulares toalhas cobriam as mesas.

* 56.b. O brasileiro povo gosta de futebol.

* 57.b. Apreciamos o camoniano poema.

* 68.b. José feriu a direita mão.

* 69.b. José é estadual deputado.

Sabemos que a agramaticalidade destas frases é explicada pela primeira hipótese, a da marcação do adjetivo no léxico com o traço [+ gradação].

2) Ela não explica a agramaticalidade de frases como as seguintes, onde os adjetivos podem ser tomados como não-restritivos:

162.a. Estas reuniões agradáveis a todos terminam sem-

pre tarde.

* 162.b. Estas agradáveis reuniões a todos terminam sempre tarde.

163.a. Estes deputados fiéis aos princípios democráticos serão reeleitos.

* 163.b. Estes fiéis deputados aos princípios democráticos serão reeleitos.

164.a. As crianças ansiosas por carinho o procuraram.

* 164.b. As ansiosas crianças por carinho o procuraram.

A agramaticalidade das frases 162.b., 163.b. e 164.b. não é explicada nem pela primeira hipótese, nem pela segunda.

Em vista dos inconvenientes apresentados por esta hipótese, vamos tentar uma terceira hipótese no próximo capítulo.

NOTAS DO CAPÍTULO IV

- 1- Usamos os termos restritiva e não-restritiva, correspondendo não-restritiva a explicativa de nossas gramáticas tradicionais e a apositiva de alguns trabalhos transformacionais.
- 2- Bechara, p. 229.
- 3- A observação de Sandra Annear a respeito da informação contida na sentença relativa parece ser contrária à de nossos gramáticos:
"(48) The boy, who works at the library, is majoring in philosophy."
"(49) The boy who works at the library is majoring in philosophy."
The representation underlying both of these is:
"(50) (Boys works in library) (boy is majoring in philosophy).
For (48) the speaker has decided that the boy is already known to the hearer; the speaker is adding two pieces of information about the boy. For (49) the speaker assumes that the hearer knows about the boy who works at the library; the can be used with this NP, and the information which the speaker assumes to be new appears at the main predicate". (p. 87)
- 4- Bechara, p. 229.
- 5- Carlota Smith reescreve a sentença relativa como constituinte do determinante, mostrando uma relação entre o tipo de relativa e o grau de especificação do determinante.
- 6- Soares Barbosa, p. 256; Ernesto Carneiro Ribeiro, p. 647.
- 7- Tese de mestrado que consta de nossa bibliografia.
- 8- Soares Barbosa, p. 124; Ernesto Carneiro Ribeiro, p. 648.
- 9- Sandra Annear (p. 83-84) diz que sentenças relativas que têm por antecedente nomes genéricos são de um tipo especial e são geradas de estruturas profundas diferentes das outras; são derivadas de estruturas profundas de sentenças do tipo se...então.
- 10- Para o emprego do subjuntivo em sentenças relativas restritivas, ver Milton Azevedo, p. 29-32. O autor postula a subcategorização do sujeito da sentença subordinada como [- definido] e [+ determinado]. Para a ocorrência do subjuntivo é necessário que o sujeito da sentença subordinada seja marcado como [- determinado]. Apenas certos verbos podem ter como objeto um substantivo especificado como [- determinado].
O autor não trata de orações relativas não-restritivas.
- 11- Para a autora, a diferença entre os dois tipos de relativas não é uma diferença estrutural e somente pode ser atribuída a distinções que representam uma decisão do falante de como apresentar ao ouvinte a informação contida na estrutura subjacente comum aos dois tipos de relativas. Mary Kato (1973) conteste a observação de Sandra Annear.
- 12- Para uma discussão detalhada do problema das estruturas profundas das sentenças relativas, ver Stockwell, R. et al.

(1969) e Silva, K. C. Perez de Souza(1973), trabalhos que constam da bibliografia desta dissertação.

13- Lakoff (1968), p. 37.

14- Ross (1969). A expressão "tree-punning" tem sido traduzida em alguns trabalhos em português por "poda da árvore".

15- Em sua tese de mestrado, que consta de nossa bibliografia, a autora apresenta as estruturas profundas para cada caso de predicado complexo.

CAPÍTULO V - TERCEIRA HIPÓTESE: A Marcação no Léxico, a Estrutura Profunda da Frase e o Papel de Certa Transformação.

Observações Especiais e Possíveis Aplicações do Trabalho

5.1- As Condições para que se Aplique a Transformação de Extraposição do Adjetivo

Como vimos, a primeira hipótese explica alguns casos de anteposição do adjetivo e a segunda hipótese explica outros casos. Nenhuma porém, isolada, é capaz de explicar todos os casos de ocorrência do adjetivo em posição pré-nominal. Portanto, a solução do problema deve estar numa terceira hipótese que compreenda as duas anteriores, isto é, que considere tanto a marcação do adjetivo no léxico com o traço [+gradação], quanto a origem do adjetivo de uma sentença relativa não-restritiva, como responsáveis pela possibilidade de ocorrência do adjetivo em posição pré-nominal.

Entretanto, a agramaticalidade de frases como 162.b., 163.b., 164.b., não é explicada apenas pela combinação das duas primeiras hipóteses, pois essas frases preenchem as condições exigidas por elas:

- * 162.b. Estas agradáveis reuniões a todos terminam sempre tarde.
- * 163.b. Estes fiéis deputados aos princípios democráticos serão reeleitos.
- * 164.b. As ansiosas crianças por carinho o procuraram.

Consideremos as frases 162.c., 163.c., 164.c.:

162.c. Estas agradáveis reuniões terminam sempre tarde.

163.c. Estes fiéis deputados serão reeleitos.

164.c. As ansiosas crianças o procuraram.

Vemos que os adjetivos agradáveis, fiéis, ansiosas

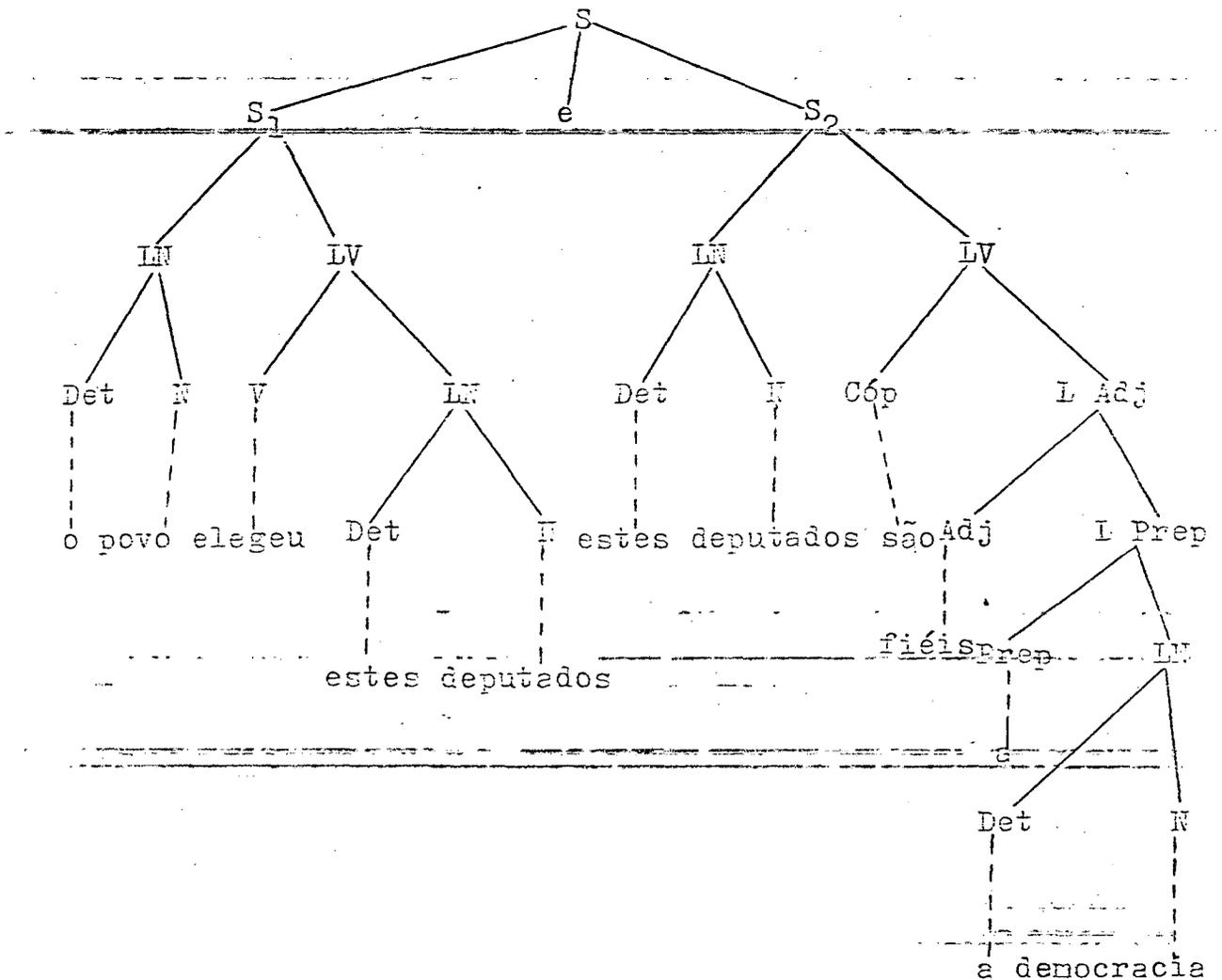
têm complementos que podem não ocorrer na estrutura de superfície e então é possível a ocorrência desses adjetivos em posição pré-nominal. Estes adjetivos são reescritos segundo a regra de estrutura frasal número 6:

R:6. : L Adj \longrightarrow Adj + L Prep

Uma frase como 165.a. tem a estrutura profunda representada pela Figura 1:

165.a. O povo elegeu estes deputados fiéis à democracia.

FIGURA 1 -



O adjetivo fiel é marcado com + gradação e vem de uma sentença relativa não-restritiva. Portanto, preenche as duas condições para que se aplique a transformação de extraposição, conforme as duas primeiras hipóteses. Entretanto os adjetivos que, como fiel, são subcategorizados como [+ — L Prep] só podem sofrer a transformação de extraposição se antes dela houver a transformação de apagamento da L Prep.

A partir da estrutura representada pela Figura 1, após as transformações de relativização e de apagamento da cópula e do pronome relativo, teremos a frase 165.a.: Aplicando-se uma transformação de apagamento da L Prep que segue o adjetivo, teremos a frase 165.b. e então é possível a aplicação da transformação de extraposição do adjetivo, da qual resulta a frase 165.c.:

165.b. O povo elegeu estes deputados fiéis.

165.c. O povo elegeu estes fiéis deputados.

A favor da ordem que propomos para as transformações (primeiro a de apagamento da L Prep, depois a extraposição do adjetivo) argumentamos com a gramaticalidade de 165.b. e a agramaticalidade de 165.d.:

*165.d. O povo elegeu estes fiéis à democracia deputados.

Vemos que há uma outra condição para que o adjetivo possa ocorrer anteposto ao nome: não apresentar complemento no momento da aplicação da transformação de extraposição.

Coloquemos agora em termos mais claros a terceira hipótese, que acreditamos ter sido provada:

O adjetivo que tem a função de adjunto adnominal na estrutura de superfície é o que resulta de uma transformação de apagamento aplicada a uma sentença relativa. Após essa transformação de apagamento, o adjetivo continua depois do nome, posição que era ocupada pela sentença relativa. Quando o adjetivo ocorre em posição pré-nominal na estrutura de superfície é porque ele sofreu uma transformação opcional de extraposição. Para que esta transformação se aplique é preciso que se preencham três condições:

1) O adjetivo ser marcado no léxico com o traço

[+ gradação].

2) O adjetivo vir de uma sentença relativa não-restritiva.

3) O adjetivo não apresentar complemento no momento de se aplicar a regra transformacional de extraposição.

A primeira hipótese estudada considerou a primeira condição. A segunda hipótese estudada considerou a segunda condição. Cada uma das duas condições se mostrou necessária mas insuficiente para explicar todos os casos de anteposição do adjetivo. Nossa terceira hipótese engloba as duas primeiras e ainda considera o problema dos adjetivos subcategorizados como [+ _____ L Prep]. Portanto, preenchidas as duas primeiras condições, o adjetivo só poderá ocorrer anteposto ao nome se ele não for subcategorizado como [+ _____ L Prep] ou, no caso de ser assim subcategorizado, se a sua L Prep tiver sofrido uma transformação de apagamento.

Esta hipótese mostra um caráter comum aos adjetivos não-restritivos e aos adjetivos marcados com [+ gradação]: o fato de não se apresentarem como necessários ao conteúdo lógico da sentença. O adjetivo restritivo delimita seu antecedente, especificando uma classe de seres e não qualquer ser nomeado pelo antecedente; é, pois, imprescindível à compreensão lógica da frase. Os adjetivos não-restritivos, ao contrário, apenas lembram uma propriedade do ser ou dos seres nomeados pelo substantivo, apenas trazem mais uma declaração a respeito do ser ou seres que já são objeto de uma outra declaração mais importante, em termos de informação.

Os adjetivos marcados com [+ gradação] por sua vez, ao contrário dos adjetivos marcados com [- gradação], refletem o fluído, o impreciso da linguagem, o pessoal. É possível haver divergência entre os falantes quanto à propriedade ou impropriedade de se atribuir um adjetivo deste tipo a um determinado ser; e, por subjetivos, não fazem falta à lógica da frase.

Os adjetivos marcados com [- gradação] são os que melhor se prestam à ocorrência em sentenças restritivas, graças à sua precisão. Quando adjetivos marcados com [+ gradação] ocorrem como restritivos, isto se deve a uma convenção anterior em que já se precisou a oposição entre tais adjetivos e seus

contrários, isto é, passa a existir entre eles e seus contrários uma relação complementar e não de antonímia; isto quer dizer que se obscurece o traço positivo de gradação. É por este motivo que se pode considerar uma escala de avaliação escolar como Péssimo, Regular, Bom, Btimo, como apresentando adjetivos em relação complementar, despidos do traço positivo de gradação. Outro exemplo: o adjetivo difícil é marcado no léxico com [+ gradação], mas como que se despe desse traço ao ocorrer numa sentença relativa restritiva, pois aí já existe uma oposição que se quer marcar entre ele e seu contrário. Veja-se a frase 166.a.:

166.a. A professora passou exercícios fáceis e exercícios difíceis e eles só resolveram os difíceis.

O emprego figurado de adjetivos marcados com [- gradação] pode considerar positivo este traço, permitindo a anteposição do adjetivo. Assim, se a anteposição do adjetivo férrea torna agramatical a frase 167.a., a anteposição do mesmo adjetivo é gramatical na frase 168.a.:

* 167.a. Os dirigentes percorreram as férreas vias.

168.a. O diretor manteve uma férrea disciplina.

O mesmo acontece com relação às sentenças 169.a. e 170.a.: em 170.a. o adjetivo brasileiro aparece sem o traço negativo para gradação, podendo, inclusive, vir no superlativo:

* 169.a. As brasileiras estradas foram reparadas após as chuvas.

170.a. A brasileiríssima feijoada é um prato que contém muitas calorias.

A anteposição do adjetivo sem que sejam preenchidas a primeira e a terceira condições ou apenas uma delas causa estranheza ao ouvinte, mas não prejudica a compreensão da frase. A anteposição do adjetivo, não se preenchendo a segunda condição, leva a uma interpretação errônea da frase.

5.2- Observações Especiais e Possíveis Aplicações do Trabalho

5.2.1- Um nome tendo como adjunto mais de um adjetivo

Quando um nome tem mais de um adjetivo como adjunto, qual a posição que eles ocupam em relação ao nome e qual a ordem em que eles ocorrem? Vamos nos limitar à ocorrência de apenas dois adjetivos, acreditando que o princípio deve ser o mesmo quando há ocorrência de um número maior de adjetivos:

5.2.1.1- Os adjetivos têm a mesma origem

Se os adjetivos tiverem a mesma origem, isto é, se forem ambos restritivos ou ambos não-restritivos, ocorrerão:

a) Os dois depois do nome, quer sejam restritivos, quer sejam não-restritivos. Entre ambos poderá ocorrer conjunção ou, na ausência dela, haverá pausa:

171.a. João comprou este cavalo veloz e elegante.

171.b. João comprou este cavalo veloz, elegante.

172.a. João procura sapatos finos e confortáveis.

172.b. João procura sapatos finos, confortáveis.(1)

Entretanto, as frases 172.a. e 172.b. só são possíveis quando os dois adjetivos são coordenados na estrutura profunda. Se os adjetivos restritivos corresponderem a sentenças auto-encaixadas, não haverá conjunção ou pausa entre eles e a entonação será diferente da entonação da sentença com adjetivos restritivos coordenados. (2)

172.c. João procura sapatos finos confortáveis.

Em casos como 172.c., a ordem de ocorrência dos adjetivos será a de restrição: do conjunto maior para o menor.

b) Os dois antes do nome, se forem não-restritivos e se preencherem as outras duas condições para anteposição, apresentadas na terceira hipótese. Neste caso também pode haver conjunção ou pausa entre os adjetivos.

171.c. João comprou este veloz, elegante cavalo.

171.d. João comprou este veloz e elegante cavalo.

c) Um antes do nome e outro depois, no caso de um deles não preencher uma das condições para anteposição exigidas pela terceira hipótese:

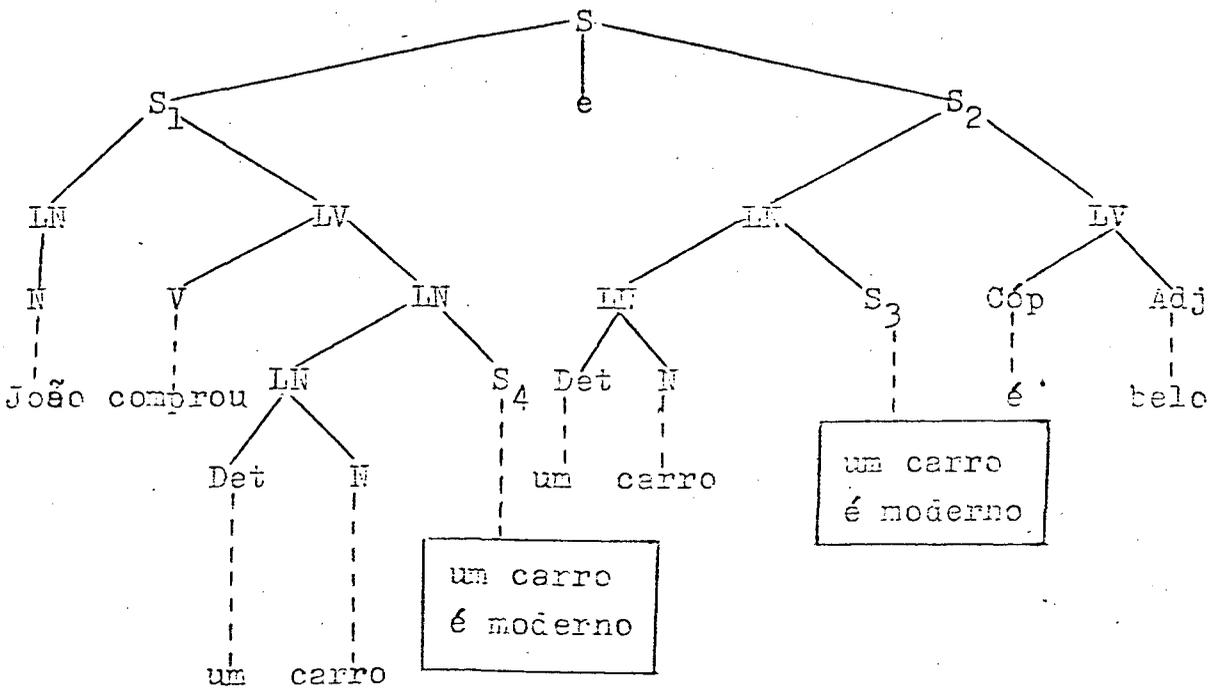
173.a. João comprou este veloz cavalo uruguaio.

5.2.1.2- Os adjetivos têm origens diferentes

Se os adjetivos tiverem origens diferentes, isto é, se um for restritivo e o outro não-restritivo, poderemos ter as seguintes ocorrências:

1) Os dois em posição pós-nominal, ficando o restritivo mais perto do nome. A ordem se justifica pela estrutura profunda da frase, pois vindo o não-restritivo de uma coordenada, o restritivo deve ocorrer nas duas sentenças coordenadas, conforme a Figura 2:

FIGURA 2 -



Após as transformações de relativização, de apagamento, podemos ter a frase 174.a.:

174.a. João comprou um carro moderno belo.

2) Se o adjetivo não-restritivo preencher as duas outras condições para a anteposição, ele poderá ocorrer anteposto, ficando o adjetivo restritivo posposto. Assim, a estrutura representada pela Figura 2 pode se superficializar como 174.b.:

174.b. João comprou um belo carro moderno.

5.2.2- Problemas de concordância

5.2.2.1- Adjetivos que acompanham mais de um substantivo

Em português o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo do qual ele é adjunto. Porém, quando o adjetivo modifica mais de um substantivo, nossas gramáticas trazem algumas regras especiais de concordância. Vamos seguir os ensinamentos de Celso Cunha(3) a esse respeito, procurando relacionar as regras de concordância que ele apresenta com o problema da anteposição do adjetivo.

A transformação de concordância aplica-se depois da transformação de extraposição do adjetivo, no caso de ter havido essa transformação. Por este motivo, conforme tenha ou não havido a anteposição do adjetivo, a concordância pode se apresentar de forma diferente:

a) O adjetivo ocupa a posição pré-nominal

Regra geral: O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo:

175.a. Seguia por silenciosas montanhas e vales.

175.b. Seguia por silenciosos vales e montanhas.

Em 175.a., depois das transformações de relativização e de apagamento do pronome relativo e da cópula, teríamos os seguintes marcadores frasais, sucessivamente, de acordo com

as transformações operadas:

1) Seguia por montanhas silencios- e vales silen -
cios--

Após a transformação de apagamento do adjetivo repe-
tido:

2) Seguia por montanhas silencios-- e vales.

Após a transformação de extraposição do adjetivo:

3) Seguia por silencios-- montanhas e vales.

Após a transformação de concordância temos 175.a.

b) O adjetivo ocupa a posição pós-nominal

Há várias possibilidades de concordância:

1) O adjetivo concorda em gênero e número com o
substantivo mais próximo:

176.a. Rapazes e moças estudiosas saíam da biblioteca.

2) O adjetivo vai para o feminino plural, se todos
os nomes forem femininos:

177.a. Crianças e moças estudiosas saíam da classe.

3) O adjetivo vai para o masculino plural:

176.b. Rapazes e moças estudiosos saíam da biblioteca.

4) Se os nomes estiverem no singular, o adjetivo
poderá ficar no singular, concordando em gênero com o substan -
tivo mais próximo, ou pode ir para o plural masculino:

178.a. Vendi um colar e uma pulseira dourada.

178.b. Vendi um colar e uma pulseira dourados.

5) Se os nomes estiverem no singular e forem do
mesmo gênero, o adjetivo pode ficar no singular, ou ir para o
plural, no gênero dos substantivos:

179.a. Admiramos a língua e a cultura francesa.

179.b. Admiramos a língua e a cultura francesas.

180.a. Coserei teu paletó e teu blusão rasgado.

180.b. Coserei teu paletó e teu blusão rasgados.

Parece-nos que a explicação para as possibilidades
diversas de concordância, estando o adjetivo em posição pós-no-
minal, é a ordem diferente na aplicação das regras de apagemen-

to do adjetivo e de concordância. Aplicando-se a transformação de concordância antes da transformação de apagamento, teremos as frases 176.a., 178.a., 179.a., 180.a. . Aplicando -se a transformação de apagamento antes da transformação de concordância, teremos as frases 176.b., 178.b., 179.b., 180.b. Quando os substantivos forem do mesmo gênero e estiverem no plural, não importa a ordem das transformações, o resultado será o mesmo, como exemplifica a frase 177.a.

Estando o adjetivo em posição pré-nominal, aplica-se sempre a transformação de concordância antes da transformação de apagamento, conforme mostram as frases 175.a. e 175.b. :

5:2.2:2- Concordância siléptica

Um outro problema de concordância associado à posição do adjetivo é o que os nossos gramáticos chamam de concordância siléptica, em casos como o da sentença 181.a., em que o gênero do adjetivo não concorda com o do nome próprio.

181.a: A turbulenta Toledo; a agitada São Paulo.

Estes casos parecem comprovar que na verdade há um nome comum que foi apagado, nome do qual o nome próprio seria um adjunto restritivo, conforme comentamos no capítulo IV, 4:1.3.1. Esta transformação de apagamento deve processar-se após a transformação de concordância do adjetivo com o nome comum, resultando daí a diferença entre o gênero do adjetivo e o do nome próprio. Na realidade, teríamos a concordância, em 181.a., de turbulenta, agitada, com o substantivo que depois foi apagado:

As estruturas anteriores a 181.a. são, por ordem:

181.b. A cidade turbulenta de Toledo; a cidade agitada de São Paulo.

181.c. A turbulenta cidade de Toledo; a agitada cidade de São Paulo.

181.d. A turbulenta Toledo; a agitada São Paulo.

O que estamos dizendo sobre o gênero é válido também para o número, em casos como 182.a., onde se faz primeiro

a concordância do adjetivo com poema, nome que depois é apagado:

182.a. Todos admiram o excelente Os Lusíadas.

5.2.3- Quando se processa a anteposição

Vimos quais são as condições para que se possa aplicar a transformação de extraposição do adjetivo. Mas, como esta transformação é opcional, o que é que leva o falante a optar por ela?

Para responder a esta questão é preciso que se faça um levantamento de ordem sociolinguística das ocorrências de adjetivos antepostos aos nomes, em que se considere, por exemplo, as diferenças entre língua falada e língua escrita e os diversos estilos de cada uma delas. Parece ser um fator importante na escolha da posição do adjetivo a função da língua: a anteposição parece ser um recurso expressivo do qual o falante fez uso quando o seu discurso não está voltado apenas para a informação. Além disso, como já dissemos anteriormente, a anteposição do adjetivo pode ser também um meio de desfazer a ambigüidade da frase.

Este levantamento de ocorrências de adjetivos antepostos aos nomes tem que ser feito comparando-se com ocorrências de adjetivos pospostos e observando-se o seguinte: separam-se os casos em que o adjetivo fica posposto por opção do falante, isto, em que ele poderia também ocorrer anteposto, dos casos em que o adjetivo fica posposto por não preencher as condições para a anteposição.

5.2.4- Aplicações práticas deste trabalho

Uma aplicação prática deste trabalho pode estar no ensino de português para estrangeiros. Comumente, comparando-se superficialmente o inglês e o português se diz que, enquanto o adjetivo precede sistematicamente o nome em inglês, em português frequentemente o segue, mas pode precedê-lo. É claro que qualquer estrangeiro que interpretasse este "pode também prece-

dê-lo" como unicamente condicionado à escolha do falante, construiria frases agramaticais em português;

A respeito da posição do adjetivo consultamos diversos livros que tratam do ensino de português para estrangeiros e verificamos que quase nenhum sequer toca no assunto. Dos livros que consultamos apenas um traz o problema, mas limitado ao que segue:

"Pode vir antes ou depois do substantivo, se bem que, em alguns casos, lhe altere o sentido: Homem grande(alto), grande homem(ilustre, notável)".(4)

Acreditamos que as condições apresentadas neste trabalho como condicionando a anteposição do adjetivo possam ser testadas em outras línguas. Além disso, pode-se questionar em outros sistemas linguísticos o papel da restrição e da não-restrição, da separação dos adjetivos em dois tipos, os marcados com [+ gradação] e os marcados com [- gradação].

No ensino da língua materna a falantes nativos do português também seria útil uma visão clara do problema da posição do adjetivo, especialmente na apreciação dos diferentes estilos: literário, didático-científico, coloquial. A relação entre adjetivos que se podem antepor e sentenças relativas não-restritivas levaria à valorização do adjetivo e a um emprego correto dele. Frequentemente se ouvem críticas aos alunos pelo excesso de adjetivos usados em suas redações; a formalização da diferença entre os dois tipos de adjetivos, restritivos e não-restritivos e entre os que têm o traço positivo para gradação e os que apresentam tal traço negativo, facilita a exposição do problema de emprego de adjetivos.

NOTAS DO CAPÍTULO V

- 1- Observemos que as frases 172.a. e 172.b. são ambíguas; pode-se estar fazendo referência:
 - a) a um conjunto de sapatos que sejam ao mesmo tempo finos e confortáveis;
 - b) a dois conjuntos de sapatos, um de sapatos finos e outro de sapatos confortáveis.

Uma evidência da ambigüidade dessas frases é que, correspondendo à interpretação b, podemos ter dois adjetivos de sentidos contrários, o que não é possível com a interpretação a:

João procura sapatos finos e grosseiros.

- 2- Em 1971 Chomsky admite, contra a teoria padrão, que a estrutura de superfície também está sujeita à interpretação semântica em casos como o de foco e pressuposição. O centro da entonação é o foco da sentença e se obtém a pressuposição substituindo-se o foco por uma variável. Assim, nas sentenças 172.a. e 172.b. teríamos como foco finos e confortáveis, enquanto em 172.c. o foco seria apenas confortáveis. Em 172.a. e 172.b. pressupõe-se que João procura sapatos; em 172.c. pressupõe-se que João procura sapatos finos. Nessa abordagem pode-se propor uma mesma estrutura coordenada para as duas sentenças restritivas que contêm os adjetivos, em 172.a., 172.b. e 172.c. .
- 3- Celso Cunha, p. 272-274.
- 4- Eli Behar, p. 172.

CONCLUSÃO

Partimos da constatação de que a posição do adjetivo na locução nominal em português não é de ordem exclusivamente estilística, nem depende de um ensino gramatical propriamente dito por nossas gramáticas normativas e nossas instituições de ensino. Procuramos, segundo a teoria gerativo - transformacional padrão, determinar os fatos que orientam o falante na posição de português sobre a posição que o adjetivo pode ou deve ocupar em relação ao nome do qual ele é adjunto na estrutura de superfície:

Observamos que:

1. Há adjetivos que nunca podem ocorrer antepostos aos nomes.

2. Alguns adjetivos em algumas frases podem ocorrer antepostos aos nomes, enquanto em outras frases tal ocorrência não é possível.

3. Frases com adjetivos pospostos podem ser ambíguas: o adjetivo pode indicar uma qualidade que pertence a todo o conjunto designado pelo nome ou delimitar, pela indicação de uma qualidade, um subconjunto dos seres designados pelo nome.

4. Algumas frases conservam o mesmo significado, quer apresentem o adjetivo antes ou depois do nome; outras frases só admitem o adjetivo posposto, pois sua anteposição ao nome daria à frase uma outra interpretação.

5. A anteposição do adjetivo não é obrigatória.

A partir destas constatações, desenvolvemos a dissertação trabalhando com hipóteses. Estas hipóteses procuraram explicar quando é possível a anteposição do adjetivo, já que a posposição sempre é possível. Portanto, a anteposição do adjetivo ao nome resulta da aplicação de uma transformação opcional, e nossas hipóteses procuraram as condições para que se aplicasse a transformação de extraposição.

A primeira hipótese, tratada no capítulo III, considerou a possibilidade de ser um traço lexical o condicionador da transformação de extraposição do adjetivo: Concluiu-se que há um traço que pode ser esse condicionador: o traço $[\pm \text{gradação}]$. Os adjetivos marcados positivamente com este traço permitem a aplicação da regra transformacional de extraposição; os adjetivos marcados negativamente com este traço impossibilitam a aplicação de tal regra.

A primeira hipótese explicou alguns casos de anteposição, mas não todos. É uma condição necessária, mas não suficiente, a existência do traço $[+ \text{gradação}]$ para que se dê a anteposição do adjetivo ao nome:

A segunda hipótese, tratada no capítulo IV, considerou a possibilidade de ser a estrutura profunda das frases que contém adjetivos a responsável pela possibilidade ou não da aplicação da regra de extraposição do adjetivo:

Os adjetivos que são adjuntos resultam de uma transformação de apagamento aplicada a uma sentença relativa. Se esta sentença relativa for restritiva não será possível a aplicação da regra de extraposição do adjetivo; só será possível a aplicação da regra de extraposição do adjetivo se ele vier de uma sentença relativa não-restritiva.

A segunda hipótese também explicou alguns casos de anteposição do adjetivo, mas não explicou todos. Sobre a primeira hipótese a segunda apresenta a vantagem de explicar os casos de frases ambíguas com adjetivos pospostos, já que eles podem ser entendidos como restritivos ou não-restritivos:

Como as duas primeiras hipóteses explicaram, cada uma delas, alguns casos de anteposição do adjetivo, a terceira hipótese, tratada no capítulo V, consistiu numa combinação da primeira e da segunda hipótese e na consideração de mais uma condição: o adjetivo não apresentar complemento no momento da aplicação da regra de extraposição. Assim, só poderão ocorrer antes do nome os adjetivos que, preenchidas as condições estabelecidas pelas duas primeiras hipóteses, não forem marcados como adjetivos que necessitam de complementos ou, caso o apresentem, esse complemento tenha sido apagado por transformação, antes da transformação de extraposição.

Concluimos, então, que a terceira hipótese é a mais explicativa. Segundo a terceira hipótese, podem ocorrer antepostos, graças à aplicação opcional de uma regra transformacional de extraposição, os adjetivos que preenchem os seguintes requisitos:

- 1- São marcados no léxico com o traço [+ gradação]
- 2- Vêm de uma sentença relativa não-restritiva.
- 3- Não apresentam complemento no momento da aplicação da regra de extraposição.

Portanto, embora haja problemas de estilo relacionados à posição do adjetivo, esses problemas só podem ser entendidos observando-se as implicações gramaticais apontadas por este trabalho.

Sendo o conhecimento da linguagem uma das formas de melhor se conhecer o ser humano, o próprio processar de seu pensamento, a observação de que há uma manifestação formal na língua portuguesa de certas oposições mentais como de restrição / não-restrição, [+ gradação] / [- gradação], vem trazer um pouco de luz a este problema, que faz parte, em última análise, do anseio supremo do homem: conhecer-se a si mesmo.

BIBLIOGRAFIA

01. ALI, Manuel de Said: Gramática Secundária: São Paulo, Edições Melhoramentos, 1964.
02. ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática Metódica da Língua Portuguesa. 15a. edição. São Paulo, Edição Saraiva, 1963.
03. ANNEAR, Sandra. The Deep Structure of Relative Clauses. In: Fillmore and Langendoen, eds. Studies in Linguistic Semantics. New York, Holt and Winston, 1971.
04. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Para uma gramática estrutural da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1971.
05. AZEVEDO, Milton M. O Subjuntivo em Português - um estudo transformacional, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1976.
06. BACH, Emmon. Nouns and Noun Phrases. In: Bach, E. e Harms, R. T. eds: Universals in Linguistic Theory. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
07. ————— A Linguística Estrutural e a Filosofia da Ciência. Tradução de Yonne Leite. In: Novas Perspectivas Linguísticas. Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1970.
08. BACK, Eurico e MATTOS, Geraldo. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. 1a. edição. São Paulo, Editora F.T.D. S.A., 1972.
09. BARBOSA, Jeronymo Soares. Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Aplicada a Nossa Linguagem, 6a. edição. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1875.
10. BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa, 19a. edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.
11. BEHAR, Eli. Mil Palavras em Português para Estrangeiros. São Paulo, HEMUS-Livraria Editora Ltda., 1970.
12. BISOL, Leda. Predicados Complexos em Português. Tese de mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Imprensa da UFRGS, 1975.

13. BUENO, Francisco da Silveira. Gramática Normativa da Língua Portuguesa - curso superior, 7a. edição: São Paulo, Edição Saraiva, 1968.
14. CÂMARA, Jr., J. Mattoso. Dicionário de Filologia e Gramática: 3a. edição. São Paulo, J. OZON + EDITOR, 1968.
15. CHOMSKY, Noam. Syntactic Structures. Paris, The Hague-Mouton, 1957.
16. ———— A Linguagem e a Mente. Tradução de Miriam Lemle. In: Novas Perspectivas Lingüísticas. Petrópolis, Editora Vozes, Limitada, 1970.
17. ———— Aspectos de la Teoría de la Sintaxis. Introdução, tradução e notas de C.P. Otero. Madrid, Aguilar, 1971.
18. ———— Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. In: Steinberg, D.D. e Jakobovits, L.A. eds. Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology. London, Cambridge University Press, 1971.
19. ———— Linguagem e Pensamento. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Editora Vozes, Limitada, 1971.
20. ———— Lingüística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução De Francisco M. Guimarães, Petrópolis, Editora Vozes Limitada, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
21. CUNHA, Celso F. da. Gramática da Língua Portuguesa. 1a. edição. Rio de Janeiro, FENABE, 1972.
22. FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: Bach, E. e Harms, R.T. eds. Universals in Linguistic Theory. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968.
23. JACOBS, R.A., ROSENBAUM, Peter. English Transformational Grammar. Waltham, Massachusetts, Xerox College Publishing, 1968.
24. KATO, Mary Aizawa. "A Proposta Concerning the Deep Structure Representation of Restrictive and Appositive Relative Clauses, 1973 (não publicado).
25. ———— A Semântica Gerativa e o Artigo Definido. São Paulo, Editorá Ática, 1974.

26. KATZ, J.J. e POSTAL, P. An Integrated Theory of Linguistic Descriptions. Cambridge, Massachussets, M.I.T. Press, 1964.
27. LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da Língua Portuguesa. 3a. edição. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970.
28. LAKOFF, G. e ROSS, J.R. Is Deep Structure Necessary? M.I.T. Reprodução, 1967.
29. ————— Deep Surface Grammar. Reproduced by the Linguistic Club, Indiana University, 1968.
30. ————— On Generative Semantics. In: Steinberg, D.D. e Jakobovits, L. A. eds. Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology. London, Cambridge University Press, 1971.
31. LENZ, Rodolfo. La Oración y sus Partes. Estudios de Gramática General y Castellana. 2a. edición. Madrid, Publicaciones de la Revista de Filología Española, 1925.
32. LIMA, Carlos H. da Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 7a. edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., Editores, 1962.
33. LYONS, John. Linguistique Générale: Introduction à la Linguistique Théorique. Traduzido para o francês por F. Dubois-Charlier e D. Robinson. Paris, Librairie Larousse, 1970.
34. ————— As Idéias de Chomsky. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1973.
35. MACAMBIRA, José Rebouças. A estrutura Morfo-sintática do Português, 2a. edição. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1974.
36. MELLO, Gladstone Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, 2a. edição. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1970.
37. NASCENTES, Antenor. O Idioma Nacional. 4a. edição. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1964.
38. NIVETTE, Joseph. Princípios de Gramática Gerativa. Tradução, adaptação ao português, glossário e bibliografia adicional de Milton Vasco da Gama. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1975.

39. PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática Histórica. 2a. edição. São Paulo, Seção de Obras d'O Estado de São Paulo, 1919.
40. ————— Gramática Expositiva. 22a. edição. São Paulo, Editora Nacional, 1927.
41. POTTIER, B., AUDUBERT, A., PAIS, Cidmar T. Estruturas Linguísticas do Português. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
42. PERINI, Mário A. A Gramática Gerativa - Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
43. RIBEIRO, Ernesto Carneiro. Estudos Gramaticais e Filológicos. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1957.
44. RIBEIRO, Júlio. Grammatica Portugueza, 9a. edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, S.C., 1910.
45. ROSS, J. R. A Proposed Rule of Tree-Punning. In: Reibel, D.A. e Schane, S.A. eds. Modern English in Transformational Grammar. Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall, Inc., 1969.
46. RUWET, Nicolas. Introduction à la Grammaire Générative. Deuxième édition. Paris, Librairie Plon, 1967.
47. SILVA, M.C. Perez de Souza e. As Cracões Relativas Introduzidas pelo Pronome "Que". Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1973.
48. SMITH, C. S. Determiners and Relative Clauses in a Generative Grammar of English. In: D.A. Reibel e S.A. Schane (eds.). Modern Studies in English in Transformational Grammar. Englewood Cliffs, New York: Prentice-Hall Inc. 1969.